**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA
COMUNICAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: INTERFACES SOCIAIS DA
COMUNICAÇÃO**

**Narrativas Desenraizadas: comunicação pública e
representação da memória social na Linha Imaginária do
Equador**

JACKSON DA SILVA BARBOSA

São Paulo
2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA
COMUNICAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: INTERFACES SOCIAIS DA
COMUNICAÇÃO

JACKSON DA SILVA BARBOSA

Narrativas Desenraizadas: comunicação pública e
representação da memória social na Linha Imaginária do
Equador

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências da Comunicação. Versão corrigida.

Área de Concentração: Interfaces Sociais da Comunicação

Orientadora: Profa. Dra. Sidinéia Gomes Freitas

São Paulo
2014

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE E QUE NÃO TENHA FINS LUCRATIVOS E/OU COMERCIAIS.

FICHA CATALOGRÁFICA

BARBOSA, Jackson da Silva.

Narrativas Desenraizadas: comunicação pública e representação da memória social na Linha Imaginária do Equador; orientadora: Sidinéia Gomes Freitas. – São Paulo: ECA/USP, 2014. 105 f.

Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2014.

Inclui bibliografia.

FOLHA DE APROVAÇÃO

BARBOSA, Jackson da Silva. **Narrativas Desenraizadas: comunicação pública e representação da memória social na Linha Imaginária do Equador**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências da Comunicação.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr.:

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

Prof. Dr.:

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

Prof. Dr.:

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

Prof. Dr.:

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

Prof. Dr.:

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

À minha irmã Eunice Maria da Silva Monteiro, a Baixinha, que jamais desistiu de mim.

Ao Márcio Silva da Silva, meu sobrinho, filho e irmão.

À Vanja Maria da Silva Barbosa Ferreira e ao Erivaldo Raimundo Pereira da Silva, meus irmãos muito queridos.

À Lilian da Silva Monteiro, sobrinha querida e companheira de profissão.

À Cicélia Pincer Batista, professora e pesquisadora brilhante, com quem vivencio situações muitas vezes inconfessáveis. E com quem também aprendi a ser professor.

Ao Pedro Pincer, que acaba de completar 8 anos. A estranheza dos primeiros dias foi substituída, aos poucos, por uma ambiência que somente o imaginário de um menino-narrador é capaz de tornar real.

In Memoriam

Para minha mãe, Benedita Pereira da Silva, amor incondicional, acolhimento jamais negado. Carregar-te na memória é experiência de grande leveza. São lembranças regadas pela magia do riso fraterno e contagiante, nunca das lágrimas.

Para Maria Raimunda da Silva Monteiro, a Preta, com quem cumpliciei conversas deliciosas, quase sempre de madrugada, em assentos improvisados no meio do quintal. Enquanto a cidade dormia, nós tecíamos narrativas sobre a nossa gente.

Para Maria da Conceição Souza, vizinha generosa e dedicada professora leiga, por quem fui alfabetizado. Teus ensinamentos ajudam a compor o meu jeito de olhar o mundo e falar da vida.

Para o Celinho, Paulo Célio de Souza Mendes, “menino” belo e apaixonante. Em mais de 20 anos de cumplicidade, sempre fomos capazes de superar todas as nossas contendas. Que você continue a espalhar alegria pelo mundo.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, pelo espaço a mim concedido e pelo lugar que ocupa no mundo acadêmico.

À minha orientadora, Prof^a Dra. Sidinéia Gomes Freitas, pelos ensinamentos, compreensão, companheirismo e cobranças mais do que oportunas. Espero não tê-la decepcionado nem comprometido a qualidade desta empreitada com os meus *descompassos* e silêncios que *beiram a eternidade*.

Aos Professores Doutores Paulo Roberto Nassar de Oliveira, Ecléa Bosi e Heloiza Matos, cujas disciplinas foram muito importantes para o repensar dos contornos que marcam e demarcam este trabalho.

Aos professores que participaram da minha Banca de Qualificação, pelas críticas e contribuições absolutamente fraternas e pertinentes – Prof^o Dr. Paulo Nassar de Oliveira, representando o PPGCOM, e Ana Maria Andrade de Oliveira Melo, que atuou como avaliadora externa.

Aos servidores do PPGCOM, pela atuação competente e sempre solidária.

Ao professor Sérgio Alcides Pereira do Amaral, pelas traduções generosas.

Aos jornalistas Kleber Soares da Silva, Cléia dos Santos Soares, João Augusto Flexa, Eliazar Bezerra e Gilvana Santos, companheiros conquistados depois que enveredei pelos conflitantes, desafiadores, tensos e intensos caminhos da docência universitária.

Aos demais jornalistas formados pelo primeiro curso de Jornalismo do Amapá, com quem aprendi a olhar melhor o meu lugar de nascimento, tanto para acolhê-lo e compreendê-lo, quanto para criticá-lo com o desejo de transformá-lo numa terra de afetos.

A Deus, inteligência suprema e causa primeira de todas as coisas.

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo.

(Walter Benjamin; “Escavar e Recordar”)

RESUMO

Esta tese intenta uma reflexão sobre Comunicação Pública, em especial aquela produzida pelo Estado e/ou Governo, como condição estratégica para articular, construir e representar a memória social. Considera ser a Comunicação Pública intrinsecamente relacionada com o agir do cidadão na esfera pública, e que, pela valoração da memória, é possível um refazer, um reconstruir e um repensar, com recursos, informações, ideias, imagens e tecnologias de hoje, as experiências e os fatos de tempos pretéritos. É orientada por um questionamento basilar: a comunicação pública, com todo o alargamento conceitual que tem experimentado nos últimos anos, realmente participa da construção da memória social e da identidade histórica? É uma tese que carrega, como principal objetivo, o estabelecimento de conexões entre os preceitos da Comunicação Pública e da memória social, indicando-os como realmente decisivos e necessários para a escolha e enquadramento de acontecimentos tanto do presente quanto do passado. Sua referência metodológica é *A análise pragmática da narrativa jornalística* e, o seu material empírico, postagens feitas pela Agência Amapá de Notícias, concebida e implementada pela Secretaria de Comunicação do Governo do Estado do Amapá. Para efeito de investigação considera, exclusivamente, narrativas que estabelecem relação direta com a história e com o legado mnemônico do Amapá, seja na condição de Estado, seja como ex-Território Federal instituído por decreto-lei da ditadura de Getúlio Vargas. Neste intento, dialoga-se, por exemplo, com os escritos de Walter Benjamin, Simone Weil, Hannah Arendt, Maurice Halbwachs e Jürgen Habermas, em constante conexão com o pensamento de autores brasileiros como Luiz Gonzaga Motta, Ecléa Bosi, Cremilda de Araújo Medina, Heloiza Matos, Jorge Duarte, Venício Artur de Lima e o memorável Milton Santos, entre tantos que contribuem para a compreensão das interfaces que aqui contracenam.

Palavras-chave: Comunicação Pública. Memória Social. Identidade. Narrativa Jornalística. Agência de Notícias. Comunicação Governamental. Estado do Amapá.

ABSTRACT

This PhD dissertation aims at presenting a reflection about Public Communication, especially the one produced by the State and/or the Administration, as a strategic condition to articulate, build and represent social memory. It takes Public Communication as intrinsically related to the citizen's agency in the public sphere and stresses that by cherishing memory one may remake, rebuild and reconsider past experiences and events with current resources, data, ideas, images and technologies. It is guided by a fundamental question: does public communication, with all the conceptual enlargement that it has undergone lately, really participate into the building of social memory and historical identity? So this dissertation's main goal is to establish connections between the principles of Public Communication and social memory, pointing at them as really decisive and necessary for selecting and framing past and present events likewise. Its methodological reference is *The Pragmatic Analysis of Journalistic Narrative* and its empirical subject are postings made by the Amapá News Agency, conceived and implemented by the Secretary of Communication of the Government of the State of Amapá. For the purpose of its research, it considers exclusively narratives that are directly related with Amapá's history and mnemonic legacy, both as a Federated State and as a former Federal Territory, instituted by an executive order issued by the Getúlio Vargas dictatorship. To this effect it dialogues with, for instance, writings by Walter Benjamin, Simone Weil, Hannah Arendt, Maurice Halbwachs and Jürgen Habermas, in constant connection with the thought of Brazilian authors such as Luiz Gonzaga Motta, Ecléa Bosi, Cremilda de Araújo Medina, Heloiza Matos, Jorge Duarte, Venício Artur de Lima e the noteworthy Milton Santos, among many others that contribute to the interfaces that are here on stage.

Keywords: Public Communication. Social Memory. Identity. Journalistic Narrative. News Agency. Governmental Communication. State of Amapá.

SUMÁRIO

1.	PRÓLOGO.....	12
	<i>O Amapá: três nascimentos, um mesmo território.....</i>	<i>12</i>
2.	QUESTÕES, MÉTODO E ESTRUTURA.....	22
2.1	Proposições.....	22
2.2	Pragmática da narrativa.....	24
2.2.1	Narrativas Jornalísticas.....	30
2.3	A Estrutura.....	32
3.	COMUNICAÇÃO PÚBLICA.....	35
3.1	Comunicação Pública e a Internet.....	41
3.2	Comunicação pública e esfera pública habermasiana.....	44
4.	MEMÓRIA SOCIAL.....	51
4.1	Narrativa Jornalística e o enquadramento da Memória Social...63	
5.	A AGÊNCIA AMAPÁ DE NOTÍCIAS.....	66
5.1	As narrativas da Agência.....	67
5.1.1	Mulheres que partejam.....	68
5.1.2	Escarpelamento.....	70
5.1.3	Delicada fronteira com a França.....	72
5.1.4	Personagens e datas priorizados nas narrativas.....	74
5.1.5	Um lugar no Meio do Mundo.....	77
5.1.6	Quilombolas, ribeirinhos e indígenas.....	78
5.1.7	Desenvolvimento e sustentabilidade.....	81
5.1.8	O encontro do sagrado com o profano.....	82
5.1.9	O marabaixo também samba.....	85

5.1.10 Um Estado vai à Feira.....	86
--	-----------

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
----------------------------------	-----------

REFERÊNCIAS.....	96
-------------------------	-----------

ANEXOS

PRÓLOGO

O Amapá: três nascimentos, um mesmo território

No fim da Segunda Guerra Mundial, o mapa do Brasil começou a ser redesenhado e a estampar mudanças significativas. Com um único decreto, o de nº 5.812, Getúlio Vargas criou cinco territórios federais, entre eles o do Amapá.¹ A criação dessas novas unidades veio a termo sem nenhuma consulta popular. Assinado em 13 de setembro de 1943, o decreto de Vargas entrou em vigor duas semanas depois, mais precisamente no dia 1º de outubro. A área correspondente ao Amapá, na totalidade dos seus mais de 140 mil km², foi desmembrada exclusivamente do Estado do Pará. Os três primeiros municípios do território (Amapá, Mazagão e Macapá) reuniam uma população estimada em pouco mais de 20 mil habitantes, com cerca de 10 mil residentes em Macapá e seus arredores.

O decreto Getulista determinava que as unidades recém-criadas fossem administradas por governantes nomeados pelo presidente da República. Outra determinação: os indicados teriam competência e autonomia para nomear os prefeitos das capitais e dos demais municípios inseridos em cada nova unidade. Para primeiro governador do Amapá, Vargas escolheu Janary Gentil Nunes, capitão do Exército e paraense de Alenquer. Nomeado pelo decreto-lei nº 3.839, de 21 de setembro de 1943, só assumiu a governança em 20 de janeiro do ano seguinte, quando as terras desmembradas do Pará foram oficialmente transferidas ao novo Território. Pelo decreto do presidente, a capital seria Amapá, no entanto, a proximidade com Belém, a existência de energia elétrica, rádio e telégrafo, levaram Janary Nunes a transferir, de imediato, a capital para Macapá. A decisão de Nunes, obviamente, recebeu a aprovação de Getúlio Vargas por meio de outro decreto.

¹ Além do Amapá, o decreto de Vargas também criou os territórios de Rio Branco (com terras desmembradas do Estado do Amazonas), Guaporé (com terras do Amazonas e Mato Grosso), Ponta Porã (terras desmembradas unicamente do Mato Grosso) e Iguaçu (com terras desmembradas do Paraná e Santa Catarina), todos em regiões fronteiriças.

Janary ficou no cargo até 1956 e detinha tanto poder que se elegeu deputado federal e ainda conseguiu a nomeação de um de seus irmãos, Pauxy Gentil Nunes, para assumir a governança. Mesmo assim, para ele, o Amapá “(...) não tem dono, nem autor. Não pertence a um grupo, a uma seita, a um partido. Existe na alma do povo, palpita no coração de todos que crêem na beleza do seu futuro” (GENTIL NUNES, 2012, p. 22). Nunes também dizia que “o Amapá não deseja permanecer estagnado, acomodaticio, esquecido, irresoluto, negligente e mudo”. (GENTIL NUNES, 2012, p. 20)

Sob o comando de Gentil Nunes, começava o projeto de extração do manganês em Serra do Navio, liderado pela Indústria e Comércio de Minérios Sociedade Anônima (Icomi), empresa oriunda das Minas Gerais que - com o apoio técnico e financeiro da norte-americana Bethlehem Steel - gerou milhares de postos de trabalho, construiu vilas em padrões urbanísticos norte-americanos, uma estrada de ferro, escolas, hospitais e um terminal portuário, além de outras obras infraestruturais. Esse projeto, concebido e implementado entre as décadas de 1940 e 1950 ainda hoje é tido como o mais longo e importante empreendimento da história do Amapá, já rendeu muita polêmica, alguns estudos e, ao menos, uma sentença: nenhuma pesquisa sobre o Amapá, seja como ex-território ou já na condição de estado, pode ignorar a sua ocorrência (DRUMMOND e PEREIRA, 2007).

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, começou uma reordenação da economia amazônica que está permitindo engajar uma parcela da população em novos tipos de produção, com os cultivos de juta e de pimenta-do-reino, introduzido pelos japoneses, e as lavouras de arroz das grandes várzeas. Nas cidades, um começo de industrialização está provendo também algumas oportunidades de trabalho. E, em algumas áreas, atividades de extração mineral propiciam novos modos de existência. As mais importantes delas aglutinam no território do Amapá algumas dezenas de milhares de pessoas na exploração do manganês (...) (RIBEIRO, 2006, p. 302).

Da magnitude do projeto mencionado por Darcy Ribeiro e liderado pela Icomi resta muito pouco, praticamente nada. Da riqueza ostentada até os anos de 1970 ficaram apenas vestígios, como uma fotografia desbotada pela ação do tempo.

Até o golpe que instalou a ditadura militar, em abril de 1964, o cargo de governador do Amapá foi ocupado por Amílcar Pereira, sucessor de Janary, por José Francisco de Moura Cavalcante, sucessor de Pauxy, e por Mário de Medeiros Barbosa, Raul Montero Valdez e Terêncio Furtado de Mendonça. Após o golpe, o nomeado foi o general Luiz Mendes da Silva, substituído, em abril de 1967 por Ivanhoé Gonçalves Martins, outro detentor da patente de general, cujo governo se estendeu até novembro de 1972, momento em que os interesses militares entregaram o então território ao domínio do oficialato da Marinha. Assim, foram transformados em governadores José Lisboa Freire (novembro de 1972 a abril de 1974), Arthur de Azevedo Henning (abril de 1974 a março de 1979) e Annibal Barcelos (março de 1979 a julho de 1985), todos eles Capitães de mar e guerra.

Durante a primeira metade do governo Barcelos, na noite do dia 6 de janeiro de 1981, uma tragédia enlutava o Território. Horas depois de zarpar do porto de Santana, com destino ao vale do rio Jari, onde um grande projeto econômico estava em andamento, o barco motor Novo Amapá foi a pique, causando a morte de centenas de pessoas. Excesso de lotação? Falta de fiscalização da Capitania dos Portos, órgão ligado diretamente à Marinha, origem do governador? Mais de trinta anos depois, o naufrágio do Novo Amapá, como a tragédia é conhecida, ainda suscita muitos questionamentos, já motivou a publicação de livros e a produção de incontáveis notícias, mas continua a rondar o cotidiano daqueles que tiveram suas famílias tragadas pelas águas do rio Cajari, com um processo judicial que nada reparou, não trouxe qualquer alento.

O Comandante Barcelos – assim o jornalismo local fazia e faz referência ao ex-governador – dava sinais de que fincaria residência no Amapá, não seria um mandatário fugaz como os capitães de mar e guerra que o antecederam. Com o apoio do então ministro do Interior, general Mário Andreazza, portanto no governo do também general João Batista Figueiredo, o último dos presidentes militares, Annibal Barcelos e a elite territorial reivindicavam nas mais diferentes ocasiões o desejo de elevar o Amapá à categoria de Estado, fato que iria ocorrer somente com a promulgação da Constituição Federal de 5 de outubro de 1988 - ou seja, durante a presidência de José Sarney, que hoje cumpre o

terceiro mandato de senador exatamente pelo Amapá. Aliás, durante a passagem de Sarney pela Presidência da República, o indicado para o executivo amapaense foi o seu conterrâneo Jorge Nova da Costa, que viria a ser, anos depois, seu suplente no Senado Federal.

O ex-Território foi transformado em Estado com os mesmos limites geográficos estabelecidos em 1943, e a instalação ocorreria oficialmente com a posse de seu primeiro governador eleito por voto direto em 1990. Antes, porém, a Presidência da República deveria indicar um nome para o governo até a posse do candidato eleito. Para esse período, Fernando Collor de Melo, sucessor de Sarney no Palácio do Planalto, nomeou, primeiramente, Doly Mendes Boucinhas, que ocupou o cargo por cerca de um mês, sendo substituído por Gilton Pinto Garcia, que o ocuparia até o final daquele ano.

Apuradas as urnas do pleito de 1990, Annibal Barcelos, o último dos governadores militares, é conduzido novamente ao posto, desta vez como o primeiro governador eleito pelo voto direto e democrático. Para o Senado Federal, José Sarney, outro a transferir seu domicílio eleitoral para o Amapá, sagrou-se como o candidato mais votado. “Como o Amapá pertencera ao Maranhão, eu não me senti um estranho lá”, disse Sarney numa referência histórica e mnemônica à Província do Maranhão e Grão-Pará, portanto a um Brasil Colonial. Na trilha desses arranjos políticos, entra em cena, também por meio de Decreto, a Área de Livre Comércio de Macapá e Santana (ALCMS), administrada pela Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa). Aqui, o propósito era “(...) o livre comércio de importação e exportação, sob regime fiscal especial, estabelecida com a finalidade de promover o desenvolvimento daquele Estado (...)”². Duas décadas depois de implantada, a ALCMS reúne apenas um punhado de lojas, mas atraiu, sobretudo para Macapá, milhares de famílias nordestinas – maranhenses, em especial - em busca de emprego fácil, o que não se concretizou para a grande maioria. Hoje, moram em palafitas e inflam os programas sociais do Governo, nos seus diferentes níveis.

² Ver Decreto nº 517, de 8 de maio de 1992, que estabelece a criação, a abrangência e as bases de funcionamento da Área de Livre Comércio de Macapá e Santana.

Em seu novo governo, Annibal Barcelos providencia, até por exigência do momento histórico, a instalação dos aparelhos tidos como necessários para o funcionamento de um Estado recém-criado. Entre uma ação e outra, cuidava também de azeitar a carreira política de membros da própria família, procedimento semelhante ao adotado por Janary, no ex-Território, e pelos demais governadores do ainda jovem Estado do Amapá. Barcelos é sucedido por João Alberto Rodrigues Capiberibe, do Partido Socialista Brasileiro (PSB), que chega ao poder em janeiro de 1995, após um mandato como prefeito de Macapá – e adota um posicionamento assumidamente avesso aos grandes projetos econômicos até então implementados na região; cria o Programa de Desenvolvimento Sustentável do Amapá (PDSA), rendendo ao Estado alguma visibilidade, inclusive internacional. Trata-se de um programa afinado com os estudos da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, instituída em 1983 pela Organização das Nações Unidas.

Capiberibe foi reconduzido ao cargo em 1998, ano em que a possibilidade de reeleição passou a vigorar no Brasil. Pediu desligamento do governo em 2002 para concorrer a uma vaga no Senado Federal. Em seu lugar assumiu a vice-governadora, professora Dalva de Souza Figueiredo, do Partido dos Trabalhadores, que tentou a reeleição, mas foi derrotada por Antonio Waldez Góes, do Partido Democrático Trabalhista (PDT) de Leonel de Moura Brizola. João Alberto Capiberibe foi eleito, ficou no Senado por cerca de 2 anos, todavia teve o mandato cassado pelo Tribunal Superior Eleitoral, acusado de compra de votos. No lugar dele, assumiu Gilvan Borges, do mesmo PMDB de José Sarney, filho de migrantes nordestinos e controlador de vários veículos de comunicação no Estado. Janete, mulher de Capiberibe, eleita deputada federal em 2002, também teve o restante do mandato cassado no mesmo processo que envolvia o marido. É um caso que ainda hoje provoca discussões inflamadas no Estado.

Waldez Góes assumiu a governança em janeiro de 2003 e foi reeleito em 2006, já no Primeiro Turno, contra o próprio João Alberto Capiberibe. Na companhia de Waldez, naquele pleito José Sarney fisejava, no Amapá, o seu terceiro mandato de senador. No entanto, não foi uma eleição tranquila para o ex-presidente da República. Ao concorrer com a candidata Cristina Almeida, do

PSB, indicada por Capiberibe, Sarney foi obrigado até mesmo a fazer campanha, como qualquer outro candidato a cargo público. Cristina foi derrotada por pouco mais de 1% dos votos válidos.

Nos dois mandatos, Waldez Góes teve como vice o médico Pedro Paulo Dias de Carvalho, para quem passou o cargo no primeiro semestre de 2010, visando uma das vagas no Senado. Pedro Paulo tentou reeleger-se, mas acabou sumariamente derrotado. E isto em um pleito que teve como pano de fundo um escândalo que dificilmente será esquecido pela população do Amapá. Escândalo que mexeu com a opinião pública, mudou a tendência das pesquisas de intenção voto e alterou, de maneira ainda não totalmente decodificada, as representações políticas do e no Estado do Amapá.

Na manhã do dia 10 de setembro de 2010, portanto em plena campanha eleitoral, era deflagrada a operação “Mãos Limpas”, consequência de uma longa investigação da Polícia Federal sobre um esquema de fraudes que desviava recursos do Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica, Fundeb, e de instituições como a Assembleia Legislativa amapaense. Com a operação e seus desdobramentos, foram presos, entre tantos outros, o governador Pedro Paulo Dias de Carvalho, o presidente do Tribunal de Contas do Estado, Júlio de Miranda, Waldez Góes e a mulher dele, Marília Góes, todos acusados de envolvimento no esquema fraudulento. Outro preso ilustre foi o prefeito de Macapá, Antônio Roberto Rodrigues Góes da Silva, ex-deputado estadual, ex-presidente da Assembleia Legislativa e primo de Waldez Góes.

Apuradas as urnas do primeiro turno, foram eleitos para o Senado os candidatos Gilvan Borges, e o mais jovem senador da República, Randolph Frederich Rodrigues Alves, ou simplesmente Randolfe Rodrigues, nascido em Garanhuns, interior de Pernambuco, em 6 de novembro de 1972, que participava do pleito pelo Partido Solidariedade e Liberdade (PSOL), e que teve uma votação extremamente expressiva para um colégio eleitoral tão reduzido como o do Amapá: recebeu mais de 203 mil votos. Neste ponto, alguns comentários são importantes: 1º) João Alberto Capiberibe participou do pleito, obteve mais votos do que Gilvan Borges, no entanto, barrado com base na lei

da Ficha Limpa³, acabou não diplomado, visto que seu registro de candidatura fora rejeitado; 2º) Capiberibe tomou posse no ano seguinte (em novembro de 2011), beneficiado por uma decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), que deliberou pela não aplicação da referida lei no pleito de 2010, por ter sido criada menos de um ano antes da votação; 3º) Saiu Gilvan, entrou João Alberto, numa inversão do que ocorrera no caso do pleito de 2002. A decisão do STF fora adotada em cumprimento ao Artigo 16 da Constituição Federal de 1988, que estabelece que as leis que visam alterar qualquer processo eleitoral só podem ter validade após um ano de vigência, o que não ocorrera com a Lei da Ficha Limpa. Janete Capiberibe, que conseguira voltar à Câmara dos Deputados em 2006, era novamente eleita como a deputada federal mais votada naquela disputa, mas também não fora diplomada dentro do prazo pelos mesmos motivos do marido. Em seu lugar entrou a candidata Marcivânia Flexa, do Partido dos Trabalhadores. Janete só retornaria ao Parlamento em julho de 2011, após a decisão do STF, anteriormente mencionada.⁴

A apuração do primeiro turno causou muita tensão entre os partidários dos três principais candidatos ao Palácio do Setentrião, sede do Executivo do Amapá, porque todos, até as últimas urnas, tinham condições matemáticas de disputar o segundo turno. Lucas Barreto, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), ficou com 28,93% dos votos válidos; Carlos Camilo Góes Capiberibe, filho de João Alberto e Janete, nascido no Chile quando os pais viveram um exílio imposto pela Ditadura de 1964, conseguiu 28,68% dos votos; já o candidato do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), Jorge Amanajás, pegou outros 28,19% dos votos válidos. Foi uma disputa extremamente acirrada, sinalizando para um segundo turno que não seria muito diferente e também pautado pelos reflexos da operação “Mãos Limpas”. No final, Lucas Barreto e seu vice, o empresário Jaime Nunes, conseguiram cerca de 146 mil

³ Trata-se da Lei Complementar nº. 135 de 2010, resultante de emenda à Lei das Condições de Inelegibilidade ou Lei Complementar nº. 64 de 1990, que, com o objetivo de aumentar a idoneidade dos candidatos a cargos eletivos no Brasil, torna inelegível por oito anos um candidato que tiver o mandato cassado, renunciar para evitar a cassação ou for condenado por decisão de órgão colegiado de segunda instância, mesmo que ainda exista a possibilidade de recursos. Cf. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Lei Ficha Limpa - Lei Complementar nº 135, de 4 de junho de 2010. Disponível em <http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/823283/lei-ficha-limpa-lei-complementar-135-10>. Acessado em 16 de Dez de 2013.

⁴ A Justiça Eleitoral computou, de forma paralela, os votos do casal Capiberibe, enquanto aguardava a decisão do Supremo Tribunal Federal a respeito da lei da Ficha Limpa.

votos, enquanto Carlos Camilo e Dora Nascimento, vice em sua chapa pelo Partido dos Trabalhadores (PT), ultrapassaram os 170 mil votos. Consumado o pleito, ficava evidente o fato de que a operação “Mãos Limpas” e seus desdobramentos haviam sido fundamentais para a recomposição política amapaense. Ainda assim, o grupo de Waldez conseguiu eleger Marília Góes para a Assembleia Legislativa.

A operação “Mãos Limpas” ainda iria pautar os debates da campanha à Prefeitura de Macapá nas eleições de 2012. Roberto Góes, livre da cadeia e de volta ao posto de prefeito da capital, tentou a reeleição. Bradava inocência e sempre com apoio irrestrito de determinados segmentos da imprensa local. Apesar de uma reputação incontestavelmente maculada, Góes passou para o segundo turno e disputou urna a urna, voto a voto com o vencedor do pleito, o ex-vereador Clécio Luís Vilhena Vieira, integrante do partido do senador Randolfe Rodrigues. Clécio obteve 50,592% dos votos válidos, contra 49,408% conseguidos pelo candidato envolvido na operação “Mãos Limpas”.

Olhares negativistas indicam que o Amapá é detentor de uma economia frágil e repleto de problemas: são raros os empreendimentos agrícolas, tem rebanhos sempre declinantes, rodovias em péssimas condições, as máquinas administrativas são as empregadoras mais importantes, o Produto Interno Bruto é inexpressivo. “Desta perspectiva, o Amapá parece ser uma acumulação de carências” (DRUMMOND e PEREIRA, 2007, p. 25). Todavia, dados do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e do Índice de Condições de Vida (ICV) traçam o desenho de um Amapá bem diferente: na Amazônia Legal, aparece como o estado mais bem avaliado; e estava, de acordo com esses índices, entre os 10 estados mais bem colocados até meados da década de 1990. “É um feito nada desprezível para um estado que, muitas vezes, é apontado como um dos mais pobres do país” (DRUMMOND e PEREIRA, 2007, p.26).

A propósito, na primeira quinzena de janeiro de 2012, a imprensa publicou o ranking dos milionários brasileiros, região por região, Estado por Estado. O Amapá, surpreendentemente, contava com 479 milionários, superando os demais estados do Norte do Brasil. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística (IBGE), de 2010, dão conta de que o Estado do Amapá contava com uma população de 669.526 habitantes e que, em 2013, a população estimada chegaria a 734.996 habitantes, com uma densidade demográfica de 4,69 por Km² (IBGE, 2010). É integrado por apenas dezesseis municípios: Macapá, Mazagão, Amapá, Calçoene e Oiapoque, além de Santana, Laranjal do Jari, Porto Grande, Serra do Navio, Vitória do Jari, Pracuúba, Tartarugalzinho, Amapari, Ferreira Gomes, Cutias e Itaubal.⁵ Macapá, Santana e Laranjal representam, respectivamente, os três maiores colégios eleitorais do Estado.

Antes de ser transformada em Território Federal, a área geográfica do Amapá havia feito parte do Estado do Pará, como já evidenciado, do Estado do Maranhão e Grão-Pará, no século XVIII, e da Província do Grão-Pará no século XIX. Durante o Brasil Colônia, na área que compreende a capital, Macapá, mais precisamente na margem esquerda do rio Amazonas, para impedir a entrada de invasores, inclusive franceses, foi erguida a Fortaleza de São José, considerada o forte mais imponente da Amazônia. Todavia, é sempre oportuno enfatizar que as terras localizadas na parte Norte do Amapá foram motivo de uma disputa envolvendo o Brasil e a França. Disputa que só seria resolvida com o Laudo Suíço, expedido em 1º de dezembro de 1900, determinando que aquelas terras pertenciam mesmo ao território brasileiro. Como argumenta a filósofa, a grandeza do nosso território “foi um feito de bravura heroica” não apenas do bandeirante e do espírito pacificador de Caxias, mas também “da agudeza fina do Barão do Rio Branco” (CHAUÍ, 2013, p. 147-148).

A capital do Estado do Amapá é cortada pela Linha *Imaginária* do Equador, que divide o planeta em dois hemisférios - Norte e Sul. É o chamado Marco Zero que, para os amapaenses é uma referência também política, social, cultural, turística, esportiva... É um Estado plantado na maior floresta tropical do planeta e tem sua capital banhada pela margem esquerda do maior rio do mundo, o Amazonas. Ainda hoje é o Amapá e os amapaenses sofrem com o isolamento geográfico. Em compensação, contam com os tambores,

⁵ O município de Oiapoque, no extremo norte do Brasil, foi criado em 1945. Mais de dez anos depois, em 1956, surgiu o município de Calçoene. Os demais municípios foram criados entre 1987 e 1994.

com o ritmo e rituais do marabaixo, veneram um número expressivo de santos, festejados com base num calendário extremamente rigoroso.

Nesse, que é um dos sete estados da Região Norte do Brasil, é o lugar onde nasceu, nas primeiras horas do dia 29 de julho de 1963, o autor desta tese, para quem o pensamento de Walter Benjamin mais do que um belo legado filosófico, impõe uma empreitada desafiadora. Não temer voltar ao mesmo fato, para um jornalista de formação e profissão, é um grande problema, pois as notícias são frequentemente encaradas como produtos perecíveis, nascem e morrem com extrema rapidez; espalhar um fato como se espalha a terra exige mãos treinadas e habilidosas, que dominem um método de trabalho e que saibam lidar com a orientação de preceitos teóricos muitas vezes conflitantes; revolver um fato como se revolve o solo é tarefa para quem, no mínimo, carregue a intenção de ouvir bem as palavras e identificar os vários sentidos transportados por elas. Benjamin tem razão: quem pretende se aproximar do próprio passado e da própria identidade, deve agir como um sujeito que escava a própria vida.

2. QUESTÕES, MÉTODO E ESTRUTURA

2.1 Proposições

No mesmo ano de 1943, quando o Território Federal do Amapá era criado por Getúlio Vargas, a francesa Simone Weil tornava público um texto a respeito do valor do passado, do enraizamento e da identidade na vida de todo e qualquer sujeito. Para ela “o enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana”, sem contar que “é uma das mais difíceis de definir” (WEIL, 1979, p. 347). De maneira absolutamente convincente, Weil afirmava:

O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, isto é, que vem automaticamente do lugar, do nascimento, da profissão, do ambiente. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber quase que a totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios de que faz parte naturalmente (WEIL, 1979, p. 347).

Tributária de reflexões como as concebidas por Simone Weil, esta tese resulta de uma investigação a respeito da memória social articulada com as reflexões que integram os debates sobre comunicação pública e num terreno tão complexo e movediço como é o espaço público ou esfera pública, tão amplamente discutidos por pensadores como Jürgen Habermas. Tem como corpus de análise, narrativas postadas pela Agência Amapá de Notícias em seu primeiro de atuação, de 24 de agosto de 2011 a 24 de agosto de 2012, e que referenciam a memória, a identidade e a história do ainda *jovem* Estado do Amapá. Dada a sua temática, está ancorada em três questões fundamentais:

1ª) A comunicação pública, com todo o alargamento conceitual que tem experimentado nos últimos anos, realmente participa da construção da memória social e da identidade histórica?

2ª) O governo do Amapá produz e dissemina uma comunicação realmente caracterizada como pública, de modo que ao construir e disseminar suas narrativas reatualiza elementos que sejam próprios da memória social do Estado?

3ª) A comunicação do governo do Amapá dialoga, portanto, com o lastro de memória compactado desde o tempo em que a região fazia parte do Estado do Pará, passando pela criação do ex-Território Federal do Amapá, em 1943, até a sua transformação em Estado por força da Constituição de 5 de outubro de 1988? Caso positivo, como ocorre e quais são as estratégias de comunicação pública que ancoram tais narrativas?

Em consonância com as questões ora elencadas, precisa-se, agora, os objetivos que orientaram a presente investigação:

- elaborar um estudo que estabeleça claras conexões entre os preceitos da comunicação pública e da memória social, indicando-os como realmente decisivos para o enquadramento de acontecimentos tanto do presente quanto do passado (*Objetivo geral*).
- verificar e analisar como o Governo do Amapá, nas narrativas que publiciza, reatualiza a memória social do Estado; fomentando o debate sobre a comunicação pública em interface com a memória social num Brasil gigantesco e ainda fortemente marcado por desigualdades sociais (*Objetivos específicos*).
- contribuir para a ampliação dos conhecimentos no campo da comunicação pública, tendo como cenário o Amapá, Estado considerado como pequeno, obscuro e pouco pesquisado do Norte brasileiro (*Objetivo Teórico-prático*).

Desta trilha de discussão, surgem cinco hipóteses. Que sejam pertinentes e que estejam de acordo com os propósitos até aqui explanados:

1ª) A comunicação produzida pelo Governo do Amapá ignora o lastro mnemônico sedimentado na região e não considera que a sua reatualização represente um instrumento imprescindível para a cidadania de quem vive naquele Estado;

2ª) O Governo do Amapá articula uma comunicação estratégica, visando unicamente a promoção institucional e a busca de apoio e cooperação da chamada opinião pública;

3ª) A memória social do Estado do Amapá passa por três nascimentos distintos: o primeiro ocorre quando a região fazia parte do Estado do Pará, até

1943; o segundo, quando a área ganhou o status de Território Federal, durante o governo de Getúlio Vargas; e, o terceiro, quando foi elevado à categoria de Estado, por determinação da Constituição em vigor;

4ª) Mesmo pautada por preceitos que são próprios da natureza do jornalismo, como os critérios de noticiabilidade, estrutura narrativa e linguagem, a Agência Amapá de Notícias desempenha atividades mais afeitas à missão da área de Relações Públicas;

5ª) A Agência Amapá de Notícias é parte integrante do Cenário de Representação Política do Governo do Amapá. Esta hipótese derradeira apóia-se no conceito de Cenário de Representação Política (CR-P) concebido por LIMA (2012), para quem a produção do fazer político nas sociedades contemporâneas é fortemente marcado pelo uso de aparatos midiáticos.

E por que a realização de um estudo sobre essa temática? Em que consiste a sua relevância? Parte-se do argumento de que os estudos sobre comunicação pública no Amapá inexistem, apesar de grande parte das notícias que circulam na área geográfica do Estado ter origem na sua Secretaria de Estado da Comunicação (Secom). Isto significa, portanto, que o Governo em questão tem um extraordinário poder de pautar e agendar os temas lançados à opinião pública amapaense - e a Agência é a instância que dissemina as narrativas oficiais a jornalistas e veículos de comunicação que atuam naquela Unidade Federada, bem como aos cidadãos e cidadãs que procuram acompanhar os ritos cotidianos do governo e do Estado.

2.2 Pragmática da narrativa

O método que orienta esta tese é a *Análise pragmática da narrativa jornalística*, que pressupõe ser o discurso narrativo um movimento capaz de produzir significações, assegurar existência às coisas e dar sentido aos atos dos sujeitos na história do mundo. Essas “(...) narrativas integram ações do passado, presente e futuro, dotando-as de sequenciação (...)” (MOTTA, 2007, p. 143). Trata-se de uma narratologia, ou seja, uma espécie de teoria da narrativa como documento. Para os seguidores desse método,

(...) a narratologia é um ramo das ciências humanas que estuda os sistemas narrativos nos seios das sociedades. Dedicase ao estudo das relações humanas que produzem sentidos através de expressões narrativas, sejam elas factuais (jornalismo, história, biografias) ou ficcionais (contos, filmes, telenovelas, videocliques, histórias em quadrinho). A narratologia procura entender como os sujeitos sociais constroem os seus significados através da compreensão e expressão narrativa da realidade, inclusive através da mídia (MOTTA, 2007, p. 144).

Nesta perspectiva, afirma-se que os textos jornalísticos não são somente tentativas de representação da realidade, visto serem arranjos que podem esconder estratégias outras.

As narrativas e narrações são dispositivos discursivos que utilizamos socialmente de acordo com nossas pretensões. Narrativas e narrações são formas de exercício de poder e de hegemonia nos distintos lugares e situações de comunicação. O discurso narrativo literário, histórico, jornalístico, científico, jurídico, publicitário e outros participam dos jogos de linguagem, todos realizam ações e performances socioculturais, não são só relatos representativos (MOTTA, 2007, p. 145).

A opção pela pragmática da narrativa mostra-se pertinente como metodologia, dadas a natureza e a quantidade de textos coletados para análise.

Existem muitas narrativas e reportagens que são narrativas integrais, histórias mais ou menos completas, com princípio, meio e fim. Podem ser isoladamente analisadas como narrativas fechadas porque possuem uma unidade integral. Entretanto, a nossa opção aqui é pela análise de um conjunto de notícias isoladas sobre um mesmo tema publicadas dia após dia, que aparentemente não possuem narratividade. Propomos integrar essas notícias isoladas em um conjunto significativo solidário, como uma história única: um acontecimento. Juntar o que a dinâmica da atividade jornalística separa. Reunir notícias diárias em episódios e sequências maiores como se fossem um acontecimento único e singular (MOTTA, 2007, p. 145-146).

A coleta e seleção de textos isolados, diz Motta, não podem ser encaradas como um capricho a justificar um método de pesquisa, afinal

é assim que se move a mente do receptor. Ao ler/ver/ouvir as notícias de hoje as pessoas associam os fatos, causas e consequências, põem os episódios de hoje nas histórias de ontem, relacionam pontos, associam antecedentes e

consequentes, demarcam começos e finais de histórias temáticas (MOTTA, 2007, p. 146).

Daí porque a narratologia também é oportuna como método por estabelecer uma conexão muito íntima com o campo da memória social, uma das interfaces da presente tese.

(...) As notícias unitárias passam a ser parte de um acontecimento integral. É assim que percebemos e construímos, através da memória, a nossa realidade no mundo da vida: a vida se transforma em arte (em narrativas dramáticas) e a arte se converte em um veículo através do qual a realidade se torna manifesta. Construímos então as nossas identidades, a nossa biografia, a nossa história, o nosso passado, presente e futuro (MOTTA, 2007, p. 146).

A metodologia aqui apresentada compreende, para Luiz Gonzaga Motta, seis movimentos tidos como essenciais:

- *Recomposição do acontecimento jornalístico*: neste primeiro movimento, o pesquisador deve estar consciente de que as narrativas jornalísticas são coisas descontínuas e que não é possível empreender a análise de histórias incompletas. Neste movimento,

é importante observar como operam os encaixes (ganchos) que estruturam o encadeamento dos incidentes fragmentados em sequências cronológicas coerentes. Eles podem revelar aspectos interessantes das estratégias narrativas jornalísticas e dos efeitos de sentido pretendidos: retardamento do desfecho, ritmo da narração, explicações causais e outras atitudes organizativas do texto que vão indicar como ele pretende ser compreendido pelo receptor (as intenções do narrador) (MOTTA, 2007, p. 148).

- *Identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios*: neste movimento, o conflito é considerado o mecanismo de estruturação da narrativa jornalística. São exatamente os conflitos os responsáveis pela abertura das ações e episódios que prolongam ou desdobram uma narrativa.

Na narrativa jornalística é normal a história começar pelo seu clímax, um corte repentino *in media res* na situação estável. Os fatos saltam sobre o leitor. Por isso, é comum os jornais terem de explicar o que está acontecendo (as infografias, os “entenda o caso”, etc). (...) São reforços para a memória cultural do receptor, conexões que faltam e precisam ser trazidas para a compreensão das relações. Há fragmentos anteriores de significação necessários à reconstituição semântica do enredo.

São estratégias de linguagem, movimentos retrospectivos para recuperar a memória de eventos ou episódios anteriores ao presente da ação e têm uma funcionalidade orgânica na história. Por isso, merecem atenção especial do analista (MOTTA, 2007, p. 151).

- *A construção de personagens jornalísticas*: nesta sequência de análise, o objetivo recai sobre a versão apresentada pela narrativa. Deve-se considerar os personagens individualizados, assim como seus elementos de identificação e referenciação.

No caso do jornalismo sabemos que a personagem representa uma pessoa com existência real. A pessoa real é sempre irreduzível às narrativas que se contam a seu respeito. Sucede, continua ele, que sabemos dessa pessoa apenas a personagem que os mídia nos oferecem. Os receptores do jornalismo conhecem as figuras públicas do espetáculo através de fragmentos que delas veicula o jornalismo. A mídia constrói personagens de acordo com seus critérios jornalísticos e de verossimilhança (MOTTA, 2007, p. 153).

- *Estratégias comunicativas*: nos romances e outros livros ficcionais existe a presença assumida de um sujeito que narra, seja de maneira explícita ou implícita. No jornalismo, porém, ocorre o distanciamento ou tentativa de anulação do narrador. É uma “fala como se ninguém estivesse por trás da narração” (MOTTA, 2007, p. 155)

Estudar as narrativas jornalísticas é descobrir os dispositivos retóricos utilizados pelos repórteres e editores capazes de revelar o uso intencional de recursos linguísticos e extralinguísticos na comunicação jornalística para produzir efeitos (o efeito do real ou os efeitos poéticos). Neste sentido, afirmamos que não há um estilo jornalístico, mas sim uma retórica jornalística. Quem narra tem sempre algum propósito ao narrar: nenhuma narrativa é ingênua, muito menos a narrativa jornalística (MOTTA, 2007, p. 155).

- *Estratégias de objetivação: construção dos efeitos de real*: o campo do jornalismo articula um discurso no sentido de fazer com que a sua audiência acredite que os fatos narrados falam por si mesmos, é um discurso direcionado ao real e ao agora. O que faz concretamente o jornalismo? “(...) ancora seu relato no presente para relatar o passado e antecipar o futuro. Opera uma mediação que é, ao mesmo tempo, linguística e temporal (...)” (MOTTA, 2007, p. 156). Por isso, no processo de pesquisa, uma das principais tarefas do agente da análise

(...) é revelar a estratégia da narrativa jornalística para construir os efeitos de real. Os recursos de linguagem que remetem aos efeitos de real são inúmeros. Ao analista cabe destacá-los e interpretar a sua utilidade na estratégia narrativa. Eles dão a impressão de que não há mediação. O uso desses recursos é uma estratégia argumentativa: a objetividade é uma estratégia argumentativa (MOTTA, 2007, p. 157).

- *Estratégias de subjetivação: construção de efeitos poéticos*: as narrativas jornalísticas dão visibilidade a atos heroicos, atos de inversão e de falha, investem em mateacontecimentos, como ocorre com as transmissões ao vivo. Mesmo assim, a narrativa jornalística obedece – ou deveria obedecer – a uma ética.

Há também uma infinidade de recursos e de figuras utilizadas na linguagem jornalística que remetem o leitor a interpretações subjetivas. A linguagem jornalística é por natureza dramática e a sua retórica é tão ampla e rica quanto a literária. Observe os títulos do jornal ou as chamadas do telejornal de hoje para comprovar essa afirmação. Intencionalmente ou não, geram nos leitores inúmeros efeitos de sentido emocionais. Recursos linguísticos e extralinguísticos remetem os receptores a estados de espírito catárticos: surpresa, espanto, perplexidade, medo, compaixão, riso, deboche, ironia, etc. Eles promovem a identificação do leitor com o narrado, humanizam os fatos brutos e promovem a sua compreensão como dramas e tragédias humanas (MOTTA, 2007, p. 160).

Quanto à relação comunicativa com o “contrato cognitivo”, o olhar do pesquisador deve ser dirigido ao ato que é enunciado. Desta maneira, poderá identificar e compreender melhor o contexto comunicativo e o contexto histórico-cultural, entre outros aspectos.

A análise da narrativa jornalística deve observar particularmente o “contrato cognitivo” implícito entre jornalistas (narradores) e audiência (narratário) em seu contexto operacional. Esse “contrato” segue as máximas da objetividade, da co-construção da “verdade dos fatos”: o objetivo é co-construir a verdade, a “realidade objetiva”. O desejo da objetividade do jornalista e sua estratégia textual de “relatar a verdade” são compactuados e validados pela comunidade de leitores, ouvintes e telespectadores da mídia jornalística que acreditam estar lendo, vendo ou ouvindo a verdade dos fatos. A comunidade jornalistas-audiência reproduz uma convenção (informal, obviamente) em que emissores e destinatários dão por convencionalizado que o jornalismo é o lugar natural da verdade, o lugar do texto claro, isento, preciso, sem implicaturas nem pressuposições (MOTTA, 2007, p. 163-164).

Como destacado acima, os preceitos éticos do jornalismo o levam à isenção e ao distanciamento. É um fazer que prioriza os dados de realidade que transgridem a lei ou a ética, ou mesmo algum dado consensualmente cultural.

Talvez com maior frequência do que se pensa, estimulados pela linguagem dramática do jornalismo (verbal e imagens) leitores, ouvintes e telespectadores se evadem das determinações históricas, penetram transitoriamente em universos imaginários afetivos, experimentam fugazmente o campo da intemporalidade e das indeterminações. O referencial se esvaece e pode acontecer uma fuga transitória dos receptores do mundo da vida para mundos simbólicos e míticos. Nesses casos, a notícia realiza-se não apenas como uma ocorrência cognitiva, mas como uma experiência estética ou emocional profunda (MOTTA, 2007, p. 165-166).

Quando elegemos a Agência Amapá de Notícias, optamos por pesquisar as narrativas jornalísticas em um ambiente virtual, cujo endereço é www.agenciaamapa.com.br. Sabíamos, também, que a periodicidade e a historicidade, caras ao jornalismo, deveriam ser observadas atentamente. Na internet, essas duas características acabam por constituir uma nova/outra forma de temporalidade, bem diferente daquela que os veículos impressos consolidaram até os nossos dias. Estamos, portanto, diante de uma informação permanente ou informação em tempo real, embora exija tempo para ser produzida e disparada. Podem ser segundos após a ocorrência do fato, mas é um tempo.

Ao estudar a temporalidade na internet o pesquisador deve ficar atento para a exposição do tempo explícito. Como num jornal de papel, a data aparece na página de abertura mas é preciso levar em conta um novo elemento essencial: a hora indicada no relógio do computador (...) Em relação ao mecanismo da periodicidade do suporte papel, a internet representa uma nova configuração do tratamento do tempo, ou seja, na internet, a informação é permanente (ADGHIRNI e MORAES, 2010, p. 239).

Também é importante trazer à baila, o fato de que, em espaços como a Agência Amapá de Notícias, a mesma informação e o mesmo produto podem ser disparados em situações e em momentos distintos, na tentativa de um fluxo comunicacional constante, como se fossem inéditos. Portanto,

(...) A mesma notícia pode voltar no decorrer de uma hora com um novo título, como se fosse uma informação nova. Esse ritmo de notícias em “torneira aberta”, sem interrupção, trabalha simultaneamente com a novidade e com a repetição para manter os públicos atentos (tanto no rádio quanto na internet em tempo real). Há uma fabricação artificial da novidade, num ritmo de ondas marítimas, como num vai e vem de vagas na praia, sem que se possa definir exatamente onde começa uma notícia e onde termina a notícia velha (ADGHIRNI e MORAES, 2010, p. 239-240).

Assim, a Agência pesquisada, como qualquer outro endereço virtual de notícias, está presa a uma temporalidade determinada pela precisão das horas, dos minutos e segundos devidamente *tatuados* na tela do computador. É uma periodicidade que transita entre o tempo real, que é efêmero, e os arquivos, guardiões de velhas matérias (ADGHIRNI e MORAES, 2010).

A esta altura, faz-se necessário relembrar que as narrativas analisadas são aquelas postadas entre 24 de agosto de 2011 e 24 de agosto de 2012, referentes ao primeiro ano de operação da Agência Amapá de Notícias. Mais ainda: foram consideradas, primordialmente, as narrativas jornalísticas que ostentam as características da “torneira aberta” indicada por Adghirni e Moraes (2010). Tais narrativas representarão pontos de análise, indicativos do modo como se tem construído, via comunicação pública, a memória e a identidade do Estado do Amapá.

2.2.1 Narrativas Jornalísticas

A presente tese não consegue e não pode esconder o fato de estar prenhe de expressões como narrativa, narrativas jornalísticas, narratividade, entre tantas outras que caracterizam as postagens da Agência Amapá de Notícias, analisadas como sendo, sem contestação, narrativas. Aí estabelece-se o diálogo com outro texto de Motta, condutor de inúmeros questionamentos sobre a narrativa, o narrador, o ato de narrar e suas consequências.

Podemos tomar as notícias predominantemente informativas do dia a dia como narrativas do cotidiano? Podemos considerar as fragmentadas estórias relatadas por elas como narrativas representativas de nossas ações e situações de vida? Se elas são narrativas, em que momento a objetividade da linguagem jornalística cede e concede primazia ao narrativo? Em que momento a dispersão natural do noticiário se recombina e

compõe histórias coerentes e compreensivas? Se a narrativa jornalística é uma representação narrativa da realidade, ela repassa modelos de mundo tal como outros tipos de narrativa? Que experiências cognitivas afinal elas proporcionam? Experiências predominantemente fáticas ou também estéticas, como a arte? (MOTTA, 2012, p. 220).

Para Motta, são poucos os textos noticiosos que trazem histórias inteiras, visto que as enunciações jornalísticas, quase sempre, produzem fragmentos de relatos e “(...) a identidade narrativa de um noticiário não é clara nem imediata, como no conto, filme ou romance” (MOTTA, 2012, p. 220). E mais: “A intencionalidade de uma enunciação noticiosa, salvo exceções, é informar: divulgar os incidentes tal como ocorreram (MOTTA, 2012, p. 221). Apesar de fazer tantos questionamentos e críticas, Motta defende que as narrativas continuam fortemente presentes no jornalismo, nas redes sociais e em outros espaços midiáticos.⁶

As tradições perderam a sua força na sociedade moderna, obviamente. Separaram-se da interação social compartilhada, mas não desapareceram: apenas mudaram seu *status*. Perderam o monopólio da verdade, mas permanecem como um meio de dar sentido ao mundo e de criar sentidos de pertença. Ligaram-se a formas simbólicas mediadas, foram reimplantadas em contextos práticos da vida cotidiana, reincorporadas a novos contextos e reancoradas em novos tipos de unidades territoriais (MOTTA, 2012, p. 232-233).

O que para determinados críticos são falhas, imprecisões, manipulações, incoerências e incompletudes na narrativa jornalística, para Motta, pura e simplesmente, refletem a própria instabilidade daquilo que é real, entretanto, nem sempre digerido.

A meu ver, a narrativa jornalística é um caso exemplar de experimentação da realidade porque permite apreender rapidamente a complexidade do mundo imediato e configurá-lo em enredos minimamente coerentes, coloca-los a prova, instituir verdades efêmeras que serão continuamente refeitas, constituindo a instável realidade. Esse papel cognitivo ocorre no dia a dia do jornalismo de maneira dinâmica, em constante recorrência, identificação ou confrontação com o senso comum, que serve de referência simultânea a jornalistas e audiências (MOTTA, 2012, p. 233).

⁶ No texto em questão, Luiz Gonzaga Motta (2012) considera, mas se contrapõe aos argumentos de Walter Benjamin, inseridos no famoso texto *O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. Para Benjamin, a figura do narrador, em sua plena vivacidade, não estaria mais presente no contemporâneo. O narrador, diz Benjamin, “seria algo distante e que se distancia mais e mais”. (BENJAMIN, 2012)

A tarefa que a narrativa jornalística presta ao contemporâneo é ampla e muito variada. Além de marcar e demarcar a sua existência no tempo, esse tipo singular de narrativa tenta dar conta dos mais diferentes eventos e calendários, permitindo-nos não o estranhamento, mas a possibilidade de compreensão de “(...) quem somos e onde estamos (...). Elas explicam, ensinam, instituem provisoriamente o mundo, nosso mundo que refazemos sem cessar” (MOTTA, 2012, p. 234-235).

O pensamento de Motta dialoga, sem qualquer atrito, com o de Cremilda Medina, quando a força da narrativa jornalística e a existência concreta do narrador são colocadas em debate. Protagonista de uma produção acadêmica irreparável, Medina (2006) aponta a necessidade de a narrativa jornalística romper com o paradigma instrumental e objetivista para defendê-la numa dimensão mais aberta e dialógica com a história e a memória, de modo a passar do “signo da difusão” para o “signo da relação”.

Uma definição simples de *narrativa* é aquela que a compreende como uma das respostas humanas diante do caos. Dotado da capacidade de produzir sentidos, ao narrar o mundo, o *sapiens* organiza o caos em um cosmos. O que se diz da realidade constitui uma outra realidade, a simbólica. Sem essa produção cultural - a narrativa - o humano ser não se expressa, não se afirma perante a desorganização e as inviabilidades da vida. Mais do que talento de alguns, poder narrar é uma necessidade vital (MEDINA, 2006, p. 67; grifo da autora).

2.3 A Estrutura

Tratar de estrutura é apresentar, de maneira direta e inequívoca, as partes que formam um todo ou sistematizam, ponto a ponto, como num relatório, o construto de uma jornada de pesquisa. Dito desta maneira, parece algo simples, mas exige uma capacidade de síntese que nem sempre carregamos. Estruturar, neste sentido, é, portanto, um desafio do qual o pesquisador não pode abdicar.

Além dos elementos pré-textuais e pós-textuais, obrigatórios nas produções acadêmicas, esta tese contém um diferencial não obrigatório: começa com um texto a título de Prólogo, no qual é narrada uma possibilidade

(entre tantas outras) de leitura da história, da memória e da identidade do Estado do Amapá e do ex-Território Federal do Amapá. Em alguns pontos, esse prólogo persegue uma cronologia dos dias, meses e anos, firmada no poder político, no entanto, por força do ato e de um estilo narrativos, abre espaço, aqui e acolá, para coisas cotidianas, tão caras ao enraizamento necessário de todos nós. Na sequência vem o presente capítulo, que é fundamental por ser a parte que informa sobre o estudo realizado, seus objetivos, hipóteses e questões que o orientam, bem como a respeito da metodologia que ilumina o concretizar da investigação.

Após essa parte introdutória, temos um capítulo que discute os preceitos, definições e indefinições de comunicação pública. É baseado no dizer de autores como Jorge Duarte, Heloiza Matos, Angela Marques, Mariângela Furlan Haswani... Tenta demonstrar as premissas e o alargamento das discussões sobre comunicação pública, dando ênfase à estreita relação que esta estabelece com os fazeres dos cidadãos nas sociedades democráticas contemporâneas. Dando-lhe mais vigor, temos o pensamento do filósofo alemão Jürgen Habermas, quando este trata daquilo que chamamos e classificamos como esfera pública, espaço próprio de fenômenos como a Comunicação Pública.

Em seguida é a vez de um capítulo sobre a memória social, campo, no mínimo, apaixonante, inquietante e capaz de mexer com verdades que, para muitos, ainda permanecem inquestionáveis, como as noções de tempo, presente, passado, futuro, lembranças, esquecimentos. É um capítulo que oferece a oportunidade de, em um só texto, ter-se acesso ao pensamento de Walter Benjamin, Simone Weil, Hannah Arendt, Maurice Halbwachs, Edgar Morin, Ecléa Bosi, Henri Bergson, Frances Yates, José de Souza Martins, Santo Agostinho e Jacques Le Goff, entre tantos outros mestres do assunto.

Finda essa parte de fundamentação teórica, passamos a proceder à análise das narrativas selecionadas sobre a memória, a identidade e a história do Amapá, na sua condição de Estado e de um ex-Território Federal. Para dar conta dessa análise, valemo-nos, claro, de diálogos conexos e, em várias situações, até mesmo desconexos, com os diversos autores que

generosamente ampararam o nosso caminhar. Trechos de algumas das 525 postagens coletadas no período são destacados nos 10 pontos referenciais de análise; para dar sustentação aos argumentos que eclodiram com feitura da tese.

Aí chegamos à conclusão, ao fechamento, que é tarefa das mais árduas. Talvez por isso muitos investigadores, entre eles o autor desta empreitada, preferem classifica-la como sendo, tão somente, Considerações Finais, uma sinalização para a inevitável incompletude das coisas. Cabe a esta derradeira parte, costurar tudo o que foi dito, imprimir sentido a pontos obscuros, dizer se as questões e objetivos foram devidamente contemplados, ratificar ou refutar hipóteses, assumir inconsistências e fragilidades do conhecimento produzido e apontar caminhos para outras investigações, direta ou indiretamente ligadas aos temas e interfaces que a presente tese privilegia.

É o desafio da estrutura, se materializando e sendo materializado na e pela narrativa. Afinal, como diz BRAGA (2004, p. 227):

Na abordagem de interfaces, a articulação de teorias variadas não é feita em nome de uma valoração abstrata da diluição de fronteiras (...), mas de uma necessidade vigorosa de conhecer a concretude do objeto em suas articulações. A articulação entre disciplinas diferentes não se dá, então, como eliminação cônica e ensaística de fronteiras, mas como problema e dificuldade, como necessidade, para o tratamento do material e para dele extrair conhecimento específico – superando as dificuldades teórico-metodológicas e fazendo funcionar, de modo articulado, conceitos preparados em cozinhas diferentes.

3. COMUNICAÇÃO PÚBLICA

O termo *Comunicação Pública* tem recebido diferentes significados, muitos deles conflitantes. Tem sido identificado, por exemplo, com os conhecimentos e técnicas da área de Comunicação Organizacional; com comunicação científica; comunicação do Estado e/ou governamental; com comunicação política; e com as estratégias de comunicação da sociedade civil organizada.

Tamanha diversidade demonstra que a expressão ainda não é um conceito claro, nem mesmo uma área de atuação profissional delimitada. Pelo menos por enquanto, comunicação pública é uma área que abarca uma grande variedade de saberes e atividades e pode-se dizer que é um conceito em processo de construção (BRANDÃO, 2009, p. 1).

Identificada com Comunicação Organizacional, a comunicação pública é usada para a análise dos processos comunicativos instaurados entre as organizações e seus respectivos públicos. Seu foco está sempre no mercado e no ato de vender: “seja uma imagem, seja um produto, seja uma ideia, seja uma fé – e obter lucro financeiro, pessoal, em status ou poder” (BRANDÃO, 2009, p.3). Assim identificada,

(...) utilizar-se-á de todo o arsenal de instrumentos e tecnologias de comunicação de massa, de grupo e interpessoal, complementado com técnicas de pesquisas diversas (opinião pública, mercado, clima organizacional etc), bem como de todo o conjunto de conhecimentos e técnicas das áreas de Marketing e de Comunicação Organizacional (BRANDÃO, 2009, p. 3).

Quando identificada com comunicação científica, dois fatores devem ser levados em consideração. O primeiro diz respeito à expansão dos programas de divulgação científica direcionados à agricultura e à saúde, em países como o Brasil.

Em segundo lugar, e mais recentemente, a produção e a difusão do conhecimento científico incorporam preocupações sociais, políticas, econômicas e corporativas que ultrapassam os limites da ciência pura que obrigaram as instituições de pesquisa a estender a divulgação científica além do círculo de

seus pares. Entre esses novos horizontes, a preocupação com o papel social da ciência na sociedade; o aumento da competitividade entre equipes e instituições de pesquisa em âmbito nacional e internacional; os vultosos investimentos em dinheiro, tempo e capacitação dos pesquisadores; a premissa de que o acesso às informações de ciência e tecnologia é fundamental para o exercício pleno da cidadania; a necessidade de posicionar a ciência no que se refere às decisões políticas e econômicas do país e, por conseguinte, a necessidade de legitimação perante a sociedade, o que significa despertar o interesse da opinião pública, dos políticos, da sociedade organizada e, principalmente, da mídia. Para isso, é crucial que o campo científico e o campo da mídia sejam cada vez mais próximos (BRANDÃO, 2009, p.4).

Como dito acima, comunicação pública também pode ser sinônimo de comunicação política. Neste caso específico, representa “a utilização de instrumentos e técnicas da comunicação para a expressão pública de ideias, crenças e posicionamentos políticos, tanto dos governos quanto dos partidos” (BRANDÃO, 2009, p. 6).

Outra identificação importante de comunicação pública é aquela orquestrada com as estratégias comunicativas da chamada sociedade civil organizada.

Trata-se de práticas e formas de comunicação desenvolvidas pelas comunidades e pelos membros do terceiro setor e movimentos sociais ou populares que também é conhecida como comunicação comunitária e ou alternativa. Aqui, entende-se a prática da comunicação a partir da consciência de que as responsabilidades públicas não são exclusivas dos governos, mas de toda a sociedade (BRANDÃO, 2009, P. 7).

Os partidários da tese de que a comunicação pública diz respeito à comunicação do Estado e/ou governamental acreditam que compete ao Estado e aos governos a criação de fluxos informativos direcionados aos seus cidadãos. Ou seja,

a comunicação governamental pode ser entendida como comunicação pública, na medida em que ela é um instrumento de construção da agenda pública e direciona seu trabalho para a prestação de contas, o estímulo para o engajamento da população nas políticas adotadas, o reconhecimento das ações promovidas nos campos políticos, econômico e social, em suma, provoca o debate público (BRANDÃO, 2009, p. 5).

A Comunicação Pública, neste sentido, é, então, “uma forma legítima de um governo prestar contas e levar ao conhecimento da opinião pública projetos, ações, atividades e políticas que realiza e que são de interesse público” (BRANDÃO, 2009, p. 5). Ou seja,

Parece óbvio que o cidadão, no seu relacionamento com a estrutura pública, deve possuir informação consistente, rápida e adaptada às suas necessidades. Ele precisa saber quando pagar impostos, onde e quando buscar uma vacina, como discutir as políticas públicas, conhecer as mudanças na legislação, como usufruir de seus direitos e expressar sua opinião. Ele precisa ser atendido, orientado, ter possibilidade de falar e saber que prestam atenção ao que diz (DUARTE).

Assim entendida, a Comunicação Pública promovida pelos governos, em seus diferentes níveis, deve ter a preocupação de “despertar o sentimento cívico”, “proteger e promover a cidadania” e “convocar os cidadãos para o cumprimento dos seus deveres” (BRANDÃO, 2009, p. 5). Dadas as características de seus conteúdos e as significativas parcelas de públicos por ela atingidas, a Comunicação Pública concebida pelos governos tem priorizado os meios da chamada grande mídia e com um viés preponderantemente publicitário (BRANDÃO, 2009, p. 5).

Além desses meios, as novas práticas de participação política que a sociedade tem encontrado para se fazer ouvir, somadas ao desenvolvimento acelerado da tecnologia e à maior possibilidade de sua utilização pela população, fazem surgir outros meios e formas de comunicação do Estado com seus cidadãos, com forte componente político participativo. É o caso das ouvidorias, dos 0800, dos *call centers*, dos Conselhos, das audiências públicas. São formas novíssimas de manifestação sobre as quais ainda não é possível fazer uma análise criteriosa. No entanto, aparecem no cenário político brasileiro (e de outros países) como uma promessa de participação mais ativa e consciente dos cidadãos (BRANDÃO, 2009, p. 5).

Apesar dos muitos significados de Comunicação Pública, pode-se detectar um ponto de convergência entre eles:

é aquele que diz respeito a um processo comunicativo que se instaura entre o Estado, o governo e a sociedade com o objetivo de informar para a construção da cidadania. É com este significado que no Brasil o conceito vem sendo construído,

sobretudo por força da área acadêmica que tem direcionado seu pensamento para esta acepção (BRANDÃO, 2009, p. 9).

Também é oportuno destacar que a expressão Comunicação Pública tem causado a substituição de denominações antes largamente utilizadas para classificar as políticas e estratégias de comunicação adotadas pelos governos, como comunicação política, comunicação governamental, publicidade governamental ou propaganda política.

A adoção de uma nova terminologia não se dá por acaso, nem é uma questão de modismo, de buscar novos nomes para práticas já consagradas. A substituição dessas terminologias por comunicação pública é resultado da necessidade de legitimação de um processo comunicativo de responsabilidade do Estado e/ou do Governo que não quer ser confundido com a comunicação que se fez em outros momentos da história política do país. Expressões como marketing político, propaganda política ou publicidade governamental têm conotação de persuasão, convencimento e venda de imagem, em suma do que ficou conhecido como “manipulação das massas” (BRANDÃO, 2009, p. 10).

A retomada do regime democrático em países como o Brasil e a necessidade de construção de novas formas de cidadania vêm exigindo a adoção de modelos também novos de informação e comunicação. Resultado: “a comunicação é hoje um ator político proeminente e é parte constituinte da formação do novo espaço público” (BRANDÃO, 2009, p. 10).

Talvez por isto, até nos jornais a expressão tem conquistado um certo grau de visibilidade e, em 2005, durante o III Seminário Internacional Latino-Americano de Pesquisas em Comunicação, realizado na capital paulista, Luiz Gushiken, que ocupava o cargo de Ministro-chefe da Secretaria de Comunicação de Governo e gestão estratégica da Presidência da República (Secom), elencou os grandes princípios da comunicação pública que orientavam, para ele, os atos comunicacionais do governo brasileiro:

o direito do cidadão à informação, como base para o exercício da cidadania; o dever do Estado de informar, zelando pelo conteúdo informativo, educativo e de orientação social daquilo que divulga; a comunicação pública como instrumento de diálogo, interatividade e envolvimento do cidadão nas políticas públicas e não como instrumento de promoção pessoal dos agentes públicos; a importância da qualidade na comunicação

dos serviços públicos e dos valores da ética, transparência e verdade (MONTEIRO, 2009, P. 34).

Em diálogo com os princípios elencados por Gushiken aparecem as principais finalidades da comunicação pública dos governos:

responder à obrigação que as instituições públicas têm de informar o público; estabelecer uma relação de diálogo de forma a permitir a prestação de serviço ao público; apresentar e promover os serviços da administração; tornar conhecidas as instituições (comunicação externa e interna); divulgar ações de comunicação cívica e de interesse geral; e integrar o processo decisório que acompanha a prática política (MONTEIRO, 2009, p. 39).

E dos espaços de trânsito da comunicação pública, o mais valorizado pelas instituições governamentais é a imprensa, canal por onde

circulam informações consideradas importantes e interessantes para a formação da opinião do público sobre acontecimentos e problemáticas que fazem parte da agenda pública, bem como interpretações sobre esses acontecimentos e problemáticas. Algumas dessas informações dizem respeito ao que certos autores chamam de questões públicas. Elas englobam temas como segurança pública, questão agrária, saúde, ambiente, qualidade de vida, direitos da mulher, alimentação, trabalho infantil, formação de blocos econômicos e muitos outros que dizem respeito à coletividade e, em geral, envolvem tomadas de decisão, transitando, por isso, da agenda pública para as agendas midiática e política (e vice-versa) (MONTEIRO, 2009, p. 41).

De maneira contundente, Duarte, pesquisador também preocupado com o dinamismo e as diferentes identificações de Comunicação Pública, afirma:

Por seu compromisso com o interesse público e poder de ação, os governos devem ser os principais indutores da CP, assumindo o compromisso de promover uma gestão aberta, qualificando canais, meios e recursos que permitam a viabilização da comunicação de interesse público e o envolvimento de todos os interessados. Participação, claro, não necessariamente leva ao paraíso da convivência, mas mudanças necessárias, muitas vezes, têm mais chance de surgir da crise instalada com as exigências, cobranças, impasses e visões conflitantes presentes durante o debate, do que com o silêncio oriundo da omissão ou da desinformação (DUARTE).

Esses referenciais não permitem a menor dúvida de que é cada vez mais evidente o interesse acadêmico e político pela comunicação pública. As

discussões relacionadas ao tema iniciaram na Europa, na década de 1980, e têm conquistado a adesão de pesquisadores e comunicadores brasileiros, a quem caberá uma árdua tarefa, pois:

As diferentes possibilidades de interpretação do conceito e as lacunas que envolvem a prática de tudo o que atualmente é rotulado como público demonstram a necessidade de pesquisar mais em comunicação pública, de sistematizar os conhecimentos existentes e de se produzirem novos (MONTEIRO, 2009, p. 44).

A ausência de um conceito que sustente as discussões a respeito da Comunicação Pública, tão insistentemente assumida pelos mais diversos autores que tratam da questão, é explicada de forma minuciosa por Haswani:

É muito raro encontrar pontos de vista unânimes entre os pesquisadores das ciências sociais. A inexistência de um conceito de comunicação pública que possa ser considerado ponto de partida para os níveis mais operacionais da matéria ou para eventuais divergências acadêmicas é comum a todos os estudiosos consultados. Observei, ao longo da carreira, que há três substantivos com incrível potencial desorganizador de convicções: social, cultura e público. Cada fragmento, cada prisma de abordagem dessas palavras sobre uma centena de horizontes que, se não impossibilitam, certamente dificultam e retardam a convergência de elementos para definição. Apesar desse obstáculo, as tentativas vêm sendo feitas (...) (HASWANI, 2013, p. 119).

Ao tratar das premissas⁷ que têm orientado os estudos sobre Comunicação Pública e a ausência de um conceito que os oriente, Duarte complementa:

Se não há consenso, existem cursos, livros, disciplinas e práticas bem sucedidas e estimulantes para o debate. Comunicação Pública é uma expressão que tem se tornado popular por responder ao anseio coletivo de uma comunicação mais democrática, participativa e equânime. A unanimidade quanto ao significado, entretanto, ainda não existe e é possível pensar que não tem feito falta. Esse parece ser um daqueles casos em que a jornada é mais estimulante que a chegada ao destino (DUARTE, 2011, p. 122).

⁷ Para DUARTE (2011, p. 122), as premissas são as seguintes: “Mais poder para a sociedade, menos para os governos; mais comunicação e informação, menos divulgação; mais diálogo e participação, menos dirigismo”.

3.1 - Comunicação Pública e a Internet

O professor Stefano Rolando defende a existência de três estágios evolutivos da comunicação pública. No primeiro, que ele chama de *comunicação anagráfica*, “a administração pública adquire o direito à palavra (...)”. Segundo seus argumentos “é uma fase em que agem – de forma não-homogênea – estruturas experimentais, legitimadas por vértices políticos que instituem a necessidade de mudança” (ROLANDO, 2011, p. 24). O segundo é o da *comunicação de serviços*, no qual “a administração pública organiza a palavra partindo da cultura da demanda de seus complexos usuários” (ROLANDO, 2011, p. 24); enquanto o terceiro estágio é definido da seguinte forma:

Um terceiro estágio é o da *comunicação para a identidade competitiva e solidária*, cujo escopo é acompanhar a sociedade para enfrentar necessidades evolutivas. *Administração pública e empresa* descobrem que entre elas não existe um fosso, mas um território no qual ambas têm direito à cidadania. É o *território da utilidade pública*, aquele que contém alguns traços da contemporaneidade, o que muda a noção de “público”, adjetivo de todos, em certas condições. Nessa fase, a lista das responsabilidades envolve mais vértices políticos e administrativos, mas oferece a entrada, no campo da *responsabilidade social*, a muitos outros sujeitos, assegurando, em contrapartida, uma parcela de codecisão (ROLANDO, 2011, p. 25).

Para Rolando, ao longo da história a comunicação pública foi associada a ações negativas: “propaganda, manipulação, excitação das massas, acompanhamento das guerras e da destruição do inimigo, criação de leis injustas, discriminação social e ética, poder pessoal, humilhação da democracia” (ROLANDO, 2011, p. 25). Hoje, no entanto, a comunicação pública não seria usada unicamente como um instrumento do poder. É um espaço “em que muitos sujeitos (mesmo se confrontando) buscam interesses legítimos e usam a informação e a comunicação não tanto para vender algo, mas para apresentar sua identidade, sua visão e seus objetivos” (ROLANDO, 2011, p. 26).

No entendimento de Matos, em países como o Brasil as noções de comunicação pública têm passado por transformações representativas. Tais transformações seriam consequências da própria retomada da democracia.

Antes sustentada pelos conceitos de propaganda política, comunicação governamental, comunicação institucional, marketing político e eleitoral (que marcaram o período da ditadura militar (...) de 1964-1985 e da consolidação democrática), a comunicação pública passou a desvincular-se do papel exclusivo de comunicação entre governo e cidadão, repercutindo as transformações políticas, sociais e econômicas no Brasil nas três últimas décadas (MATOS, 2011, p. 40).

Isto quer dizer que a comunicação pública não pode ficar restrita àquilo (mensagens) que os governos direcionam aos cidadãos. De maneira coerente, a pesquisadora defende que ela (a comunicação pública)

deve ser pensada como um processo político de interação no qual prevalecem a expressão, a interpretação e o diálogo. É preciso salientar que o entendimento da comunicação pública como dinâmica voltada para as trocas comunicativas entre instituições e a sociedade é relativamente recente (MATOS, 2011, p. 45).

Por sua vez, Haswani acredita ser a comunicação pública,

indispensável à sobrevivência da sociedade, é capaz de cobrir um universo quase ilimitado, a partir dos seus espaços de origem. Essa sobrevivência alcança equilíbrio a partir das bases legais que, disciplinando os diferentes setores, caminha na direção da garantia de direitos – a única ideia-força capaz de manter os elos em 360 graus” (HASWANI, 2011, p. 94).

Com o pensamento muito próximo ao de Haswani, Bueno enfatiza:

a comunicação pública ou de interesse público não pode ser transgênica, mas plural, social e culturalmente diversa; não pode ser cínica como as mensagens de *recall* e nociva como as propagandas de *fast-food*, mas transparentes e comprometidas com a credibilidade nas relações de consumo e com a qualidade de vida dos cidadãos (BUENO, 2009, p. 150).

Em concordância com Matos, é possível dizer que, quando ocorrem prestações de contas por parte dos governos, os cidadãos podem, sim, ser motivados a emitir suas opiniões e marcar posicionamentos acerca dos problemas da coletividade. Todavia, ainda não é possível, apesar de todo o alargamento da Comunicação Pública, afirmar que as ações comunicacionais dos governos sejam capazes de levar esses mesmos cidadãos ao engajamento cívico. A razão? Os sujeitos sociais não podem encarados como meros destinatários das ações do governo. Devem, na verdade, passar a ser encarados

como parceiros moralmente capazes de formular, expressar e defender seus pontos de vista em processos deliberativos e decisórios. Mudar o status dos cidadãos envolve mais do que estratégias de convencimento, publicização de feitos e regulação social. Assim, é preciso investir no diálogo e na busca coletiva pelo entendimento, visando à solução de questões de interesse público (MATOS, 2010, p. 108). Argumento que a comunicação pública deve ser pensada como um processo político de interação, no qual prevalecem a expressão, a interpretação e o diálogo construídos em uma esfera pública inclusiva e participativa. É preciso salientar que o entendimento da comunicação pública como dinâmica voltada para as trocas comunicativas entre instituições e a sociedade é relativamente recente. Por isso, a ideia norteadora do conceito de “comunicação pública” visa incluir os atores sociais emergentes na esfera pública (...) (MATOS, 2010, p. 108 e 110).

As atuais tecnologias de informação e comunicação, diz Matos (2010), vêm provocando importante discussão a respeito, por exemplo, dos avanços e conquistas que a internet pode ou não conferir à democracia e à participação cidadã. Isto porque, argumenta a autora, os espaços de debate disponíveis em *sites*, sejam ou não institucionais, nem sempre são capazes de promover e dar visão às manifestações críticas tecidas pelas sociedades. Em grande parte, os sujeitos acessam esses endereços não visando a participação e o engajamento cívico, mas com o intuito de descobrirem “como fazer para pagar impostos, exercer direitos ou obter informações sobre serviços públicos (MATOS, 2010, p. 114).

Entretanto, é preciso considerar que o potencial democrático contido no uso da internet pelas municipalidades não se concentra nos dispositivos: a internet não é, em si mesma, geradora de democracia, mas depende de uma série de fatores ligados aos usos e conteúdos propostos pelas interfaces virtuais. Nesse sentido, o potencial democrático oferecido pela internet não pode ser medido pelo acesso à informação ou ao voto. Este último é o resultado da expressão da vontade política e requer a realização e a compreensão de um longo processo de debate público. Os fatores de acesso às comunidades discursivas, a velocidade de circulação, a interação, a proximidade entre cidadãos e decisores, não são suficientes para afirmar que a internet permite a criação de espaços verdadeiramente democráticos (MATOS, 2010, p. 116).

Em certa comunhão com Matos, Gomes (2011: 39) chama atenção para o fato de que estudos recentes confirmam que, se vistos de maneira genérica,

os sujeitos que acessam a internet nem sempre estão interessados em participar da vida política. “Mais que isso: confirmam ainda que nem sequer estão particularmente interessados em política, em bases normais”, porém, contraditoriamente, “há sólida documentação de que esses usuários podem participar da política de modo extremamente relevante em algumas situações específicas (...)” (GOMES, 2011, p. 39). Por isso, salienta

que iniciativas e recursos digitais voltados para assegurar os requisitos para uma vida democrática relevante, como liberdade e informação (controle cognitivo da política e do Estado), são tão importantes quanto iniciativas destinadas a promover formas de participação política (GOMES, 2011, p. 41).

3.2 Comunicação pública e esfera pública habermasiana

Os pontos centrais desta tese não poderiam, em hipótese alguma, deixar de dialogar com a noção de esfera pública estabelecida pelo filósofo alemão Jürgen Habermas, expoente da segunda geração da Escola de Frankfurt (Teoria Crítica); não é aconselhável pensar a comunicação pública, a memória social, a identidade e outras questões aqui inseridas sem considerar a esfera pública, onde todos esses fenômenos são constituídos. Para Habermas, a esfera pública é “um sistema de alarme dotado de sensores não especializados, porém, sensíveis no âmbito de toda a sociedade”. Assim, “a esfera pública tem que reforçar a pressão exercida pelos problemas, ou seja, ela não pode limitar-se a percebê-los e a identificá-los, devendo (...) tematizá-los, problematizá-los e dramatizá-los de modo convincente e *eficaz*, a ponto de serem assumidos e elaborados pelo complexo parlamentar” (HABERMAS, 2003, p. 91).

As afirmativas acima estão ancoradas em dados históricos importantes, como a decomposição gradativa dos poderes feudais na Europa. Com esta decomposição, já no final do século XVIII, teria ocorrido o surgimento de dois setores sociais literalmente opostos: o setor privado e o setor público. A oposição entre eles invade as comunicações cotidianas, com o claro indicativo de que “a reprodução da vida humana não pode mais ser contida nos limites

estreitos de uma economia doméstica privada”. As discussões propiciaram a formação daquilo que Habermas classificaria como esfera pública de pessoas privadas. “Tais pessoas pretendem opor ao poder do Estado a esfera pública que se forma nos jornais, textos morais e outros meios de comunicação, a fim de discutir sobre as regras de comércio que devem prevalecer na sua esfera privatizada de trabalho e na troca de mercadoria” (HABERMAS apud SIEBENEICHLER, p. 63).

Em constante diálogo com essas transformações e com o olhar atento ao seu tempo, Habermas põe em evidência os controvertidos conceitos de esfera pública e de sociedade civil para, na sequência, tratar das barreiras estruturais de poder que contaminam a esfera pública. Barreiras que, no entanto, adianta o pensador, “podem ser superadas, em situações críticas, por movimentos que adquirem maior importância (...)” (HABERMAS, 2003, p. 91). Para Habermas, a esfera pública – ou espaço público – deve ser vista como um fenômeno social e sempre elementar, no entanto, “(...) ele não é arrolado entre os conceitos tradicionais elaborados para descrever a ordem social” :

A esfera pública pode ser descrita como uma rede adequada para a comunicação de conteúdos, tomadas de posição e *opiniões*; nela os fluxos comunicacionais são filtrados e sintetizados, a ponto de se condensarem em opiniões *públicas* enfeixadas em temas específicos. Do mesmo modo que o mundo da vida tomado globalmente, a esfera pública se reproduz através do agir comunicativo, implicando apenas o domínio de uma linguagem natural; ela está em sintonia com a *compreensibilidade geral* da prática comunicativa cotidiana (HABERMAS, 2003, p. 92).

Mesmo assim, a esfera pública não atinge a especialização. Quando trata de questões relevantes do ponto de vista político, transfere para o sistema político as elaborações mais especializadas. É, sobretudo, uma *estrutura comunicacional* de um agir direcionado e orientado pelo e para o entendimento (HABERMAS, 2003).

Qualquer encontro que não se limita a contatos de observação mútua, mas que se alimenta da liberdade comunicativa que uns concedem aos outros, movimenta-se num espaço público, constituído através da linguagem. Em princípio, ele está aberto para parceiros potenciais do diálogo, que se encontram presentes ou que poderiam vir a se juntar (HABERMAS, 2003, p. 93).

Segundo a teoria do filósofo alemão,

Existem metáforas arquitetônicas para caracterizar a infraestrutura de tais *reuniões*, organizações, espetáculos etc.: empregam-se geralmente os termos “foros”, “palcos”, “arenas” etc. Além disso, as esferas públicas ainda estão muito ligadas aos espaços concretos de um público presente (HABERMAS, 2003, p. 93).

Essas metáforas arquitetônicas concedem certo alívio ao público quanto a tomadas de decisões, que acabam por ficar reservadas às instâncias e instituições *responsáveis* pelas resoluções dirigidas ao meio social.

Na esfera pública, as manifestações são escolhidas de acordo com temas e tomadas de posição pró ou contra; as informações e argumentos são elaborados na forma de opiniões focalizadas. Tais opiniões enfeixadas são transformadas em opinião pública através do modo como surgem e através do amplo assentimento de que “gozam” (HABERMAS, 2003, p. 94).

No entanto, na avaliação de Habermas, a opinião pública não pode ser representada em termos estatísticos.

Ela não constitui um agregado de opiniões individuais pesquisadas uma a uma ou manifestadas privadamente; por isso, ela não pode ser confundida com resultados da pesquisa de opinião. A pesquisa da opinião política pode fornecer um certo reflexo da “opinião pública”, se o levantamento for precedido por uma formatação da opinião através de temas específicos num espaço público mobilizado (HABERMAS, 2003, p. 94).

Com ou sem representatividade em termos estatísticos, as opiniões públicas são constituídas de potenciais de influência; potenciais que podem ser usados, por exemplo, como instrumentos capazes de interferir no comportamento da audiência. Neste caso, entra em cena o campo da publicidade. Porém,

a *influência* publicitária, apoiada em convicções públicas, só se transforma em *poder* político, ou seja, num potencial capaz de levar a decisões impositivas, quando se deposita nas convicções de membros *autorizados* do sistema político, passando a determinar o comportamento de eleitores, parlamentares, funcionários, etc. (HABERMAS, 2003, p. 95).

Quando, todavia, o espaço público é estendido para além dos diálogos cotidianos, “(...) entra em cena uma diferenciação que distingue entre organizadores, oradores e ouvintes, entre arena e galeria, entre palco e espaço reservado ao público espectador” (HABERMAS, 2003, p. 96). Em meio a tal diferenciação,

O público dos sujeitos privados tem que ser *convencido* através de contribuições compreensíveis e interessantes sobre temas que eles sentem como relevantes. O público possui esta autoridade, uma vez que é constitutivo para a estrutura interna da esfera pública, na qual atores podem aparecer (HABERMAS, 2003, p. 96).

Existem atores oriundos do próprio público, integrantes autênticos da esfera pública, e atores que ocupam uma esfera pública já devidamente constituída, passam, portanto, a aproveitar-se dela. Como exemplo, Habermas cita os “grandes grupos de interesses, bem organizados e ancorados em sistemas de funções, que exercem influência no sistema político *através* da esfera pública” (HABERMAS, 2003, p. 96).

Os atores sociais do segundo tipo precisam atribuir poder político ao poder social que dispõem. Para tanto,

eles têm que fazer campanha a favor de seus interesses, utilizando uma linguagem capaz de mobilizar *convicções*, como é o caso, por exemplo, dos grupos envolvidos com tarifas, que procuram esclarecer a esfera pública sobre exigências, estratégias e resultados de negociações. De qualquer modo, as contribuições de grupos de interesses são expostas a um tipo de crítica que não atinge as contribuições oriundas de outras partes. E as opiniões públicas que são lançadas graças ao uso não declarado de dinheiro ou de poder organizacional perdem sua credibilidade, tão logo essas fontes de poder social se tornam públicas (HABERMAS, 2003, p. 96).

Segundo o próprio Habermas, não é possível uma reflexão sobre a esfera pública desconectada da noção de sociedade civil. Atualmente, a sociedade civil

(...) não inclui mais a economia constituída através do direito privado e dirigida através do trabalho, do capital e dos mercados de bens, como ainda acontecia na época de Marx e do marxismo. O seu núcleo institucional é formado por associações livres, não estatais e não econômicas, as quais

ancoram as estruturas de comunicação da esfera pública nos componentes sociais do mundo da vida (HABERMAS, 2003, p. 99).

A sociedade civil, diz o filósofo, é composta por diferentes movimentos e entidades, “(...) os quais captam os ecos dos problemas sociais que ressoam nas esferas privadas, condensam-nos e os transmitem, a seguir, para a esfera pública política” (HABERMAS, 2003, p. 99).

Habermas enfatiza que a sociedade civil ocupa uma “posição assimétrica em relação às possibilidades de intervenção” e que “apesar das limitadas capacidades de elaboração, tem a chance de mobilizar um saber alternativo e de preparar traduções *próprias*, apoiando-se em *avaliações técnicas especializadas*” (HABERMAS, 2003, p. 106; grifo do autor).

O fato de o público ser composto de leigos e de a comunicação pública se dar numa linguagem compreensível a todos não significa necessariamente um obscurecimento das questões essenciais ou das razões que levam a uma decisão. Porém a tecnocracia pode tomar isso como pretexto para enfraquecer a autonomia da esfera pública, uma vez que as iniciativas da sociedade civil não conseguem fornecer um saber especializado suficiente para regular as questões discutidas publicamente, nem traduções adequadas (HABERMAS, 2003, p. 106).

No Ocidente, as garantias dos direitos fundamentais, mesmo consideradas fortes por muitos, não são capazes de proteger nem a esfera pública nem a sociedade civil contra possíveis deformações. “Todavia, a sociedade civil não pode ser tida simplesmente como um ponto de fuga para o qual convergem as linhas de uma auto-organização da sociedade como um todo” (HABERMAS, 2003, p. 104).

Por isso, as estruturas comunicacionais da esfera pública têm que ser mantidas intactas por uma sociedade de sujeitos privados, viva e atuante. Isso equivale a afirmar que a esfera pública política tem que estabilizar-se, num certo sentido, por si mesma: isso é confirmado pelo peculiar *caráter auto-referencial da prática comunicacional da sociedade civil* (HABERMAS, 2003, p. 102; grifos do autor).

No entender de Habermas, a sociedade civil pode, “*em certas circunstâncias*”, ter opiniões públicas próprias, capazes de influenciar o

complexo parlamentar e outros poderes, obrigando o sistema político a modificar o rumo do poder oficial” (HABERMAS, 2003, p. 106). Todavia, a chamada sociologia da comunicação de massas não acredita nas alternativas das tradicionais esferas públicas do Ocidente, todas elas altamente dominadas pelo poder e, por conseguinte, pela mídia.

Movimentos sociais, iniciativas de sujeitos provados e de foros civis, uniões políticas e outras associações, numa palavra, os agrupamentos da sociedade civil, são sensíveis aos problemas, porém os sinais que emitem e os impulsos que fornecem são, em geral, muito fracos para despertar a curto prazo processos de aprendizagem no sistema político ou para reorientar processos de decisão (HABERMAS, 2003, p. 107).

O filósofo defende a existência de três tipos de esfera pública, de acordo com o nível, densidade da comunicação, complexidade organizacional e alcance:

esfera pública *episódica* (bares, cafés, encontros na rua), esfera pública da *presença organizada* (encontros de pais, público que frequenta o teatro, concertos de Rock, reuniões de partidos ou congressos de igrejas) e esfera pública *abstrata*, produzida pela mídia (leitores, ouvintes e espectadores singulares e espalhados globalmente) (HABERMAS, 2003, p. 107; grifos do autor).

Inseridos nesses vários tipos de esfera pública,

existem atores que podem ser identificados como partidos políticos ou como organizações econômicas, como representantes de grupos profissionais, de associações protetoras de inquilinos etc., ao passo que outro tipo de atores tem que *produzir* primeiro as características que os identificam. Isso pode ser constatado claramente em movimentos sociais que atravessam inicialmente uma fase de auto-identificação e de autolegitimação (o que também vale para atores da sociedade civil em geral); mais tarde eles continuam a exercer uma “*identity-politics*”, paralela às suas políticas pragmáticas – pois, eles têm que certificar-se, a cada passo, de sua identidade (HABERMAS, 2003, p. 109; grifos do autor).

Na esfera pública, funcionando como barreiras, os jornalistas coletam informações e decidem os temas/questões que ganham visibilidade. “Esses processos de seleção tornam-se fonte de uma nova espécie de poder, ou *poder da mídia*, o qual não é controlado suficientemente pelos critérios profissionais” (HABERMAS, 2003, p. 110). Ainda de acordo com o autor,

Os produtores da informação impõem-se na esfera pública através de seu profissionalismo, qualidade técnica e apresentação pessoal. Ao passo que os atores coletivos, que operam fora do sistema político ou fora das organizações sociais e associações, têm normalmente menos chances de influenciar conteúdos e tomadas de posição dos grandes meios (HABERMAS, 2003, p. 110).

Por fim, o filósofo argumenta que

a personalização das questões objetivas, a mistura entre informação e entretenimento, a elaboração episódica e a fragmentação de contextos formam uma síndrome que promove a despolitização da comunicação pública (HABERMAS, 2003, p. 110).

4. MEMÓRIA SOCIAL

Durante um banquete oferecido por um nobre da Tessália chamado Scopas, o poeta Simônides de Ceos entoou um poema lírico em honra de seu anfitrião, mas incluiu uma passagem em louvor de Castor e Pólux. De forma mesquinha, Scopas disse ao poeta que só pagaria a metade da soma combinada pelo panegírico e que ele cobrasse a diferença dos deuses gêmeos, há quem havia dedicado a metade do poema. Um pouco mais tarde, Simônides foi avisado de que dois jovens o aguardavam do lado de fora, para falar com ele. Retirou-se do banquete mas não encontrou ninguém. Durante sua ausência, o teto do salão desabou, matando Scopas e todos os convidados sob os escombros; os corpos estavam tão deformados que os parentes que vieram reconhecê-los para cumprir os funerais não conseguiram identificá-los. Mas Simônides recordava-se dos lugares dos convidados à mesa e assim pôde indicar aos parentes quais eram os seus mortos. Castor e Pólux, os jovens invisíveis que haviam chamado Simônides, haviam pago generosamente sua parte do panegírico, tirando-o do banquete pouco antes do desabamento. E essa experiência sugeriu ao poeta os princípios da arte da memória, da qual se diz ser o inventor. Ao notar que fora devido a sua memória dos lugares onde os convidados se haviam sentado que pudera identificar os corpos, ele compreendeu que a disposição ordenada é essencial a uma boa memória (YATES, 2007, p.17).

Os estudos sobre memória têm, para Platão, duas instâncias diferenciadas e classificados como *conservação de sensações* e *reminiscência*. A primeira determina que a memória caminhe lado a lado com a conservação de conhecimentos pretéritos. A outra estabelece que, quando e se necessário, os conhecimentos do passado podem tornar-se atuais e presentes (ABBAGNANO, 1998, p. 657).

De Platão, vamos a Santo Agostinho, um pensador fascinado pelo campo da memória e articulador de um pensamento impregnado de questionamentos:

Mas, que é o esquecimento, senão falta de memória? E como pode ele ser o objeto presente de minha lembrança, se sua presença constitui a impossibilidade de lembrar? Mas se é certo que aquilo de que nos lembramos o guardamos na memória, e se não podemos absolutamente reconhecer o que significa a palavra esquecimento, quando a ouvimos, se não

nos lembrarmos do esquecimento, logo a memória é a que guarda o esquecimento. Ele lá está, pois, do contrário, nós o esqueceríamos; mas, desde que lá está, nós nos esquecemos. Segue-se que ele não está presente à memória por si mesmo, quando nos lembramos dele, mas por sua imagem, porque, do contrário, o esquecimento não faria com que nos lembrássemos, mas com que nos esquecêssemos? Mas, enfim, quem poderá descobrir, quem poderá compreender o modo como isto se realiza? (AGOSTINHO, 2012: p. 292-293).

Santo Agostinho faz outras perguntas necessárias, sendo que agora passa a estabelecer uma relação entre a memória e o tempo:

(...) Quem ousaria afirmar que não existem três partes do tempo, como aprendemos quando crianças e como ensinamos às crianças, o passado, o presente e o futuro, e que só o presente existe, porque os demais, o passado e o futuro, não existem? Ou será que eles também existem, mas que o presente sai de algum lugar secreto, quando de futuro se torna presente, e o passado também se retira para um lugar secreto, quando de presente se torna passado? Por que, os que predizem o futuro, onde o viram, se ele ainda não existe? É impossível ver-se o que ainda não existe. E os que contam o passado narrariam mentiras se não vissem os acontecimentos com o espírito. Se esse passado não tivesse existência alguma, seria absolutamente impossível vê-lo. Por conseguinte, o futuro e o passado também existem. (AGOSTINHO, 2012: p. 344).

E continua o pensador:

(...) Se o futuro e o passado existem, quero saber onde estão. Se ainda não sou capaz disso, pelo menos sei que, onde quer que estejam, não existem nem enquanto futuro, nem enquanto passado, mas apenas enquanto presentes. Porque, se o futuro ali estiver enquanto futuro, então ainda não existirá; se o passado aí estiver como passado, não existirá mais. Portanto, onde estiverem, do modo que estiverem, só podem existir como presentes. Quando narramos acontecimentos verídicos do passado, o que vem à nossa memória não são os próprios acontecimentos, que já deixaram de existir, mas termos concebidos de acordo com as imagens das coisas, as quais, atravessando nossos sentidos, gravaram em nosso espírito suas pegadas. (2012: p. 344-345).

Depois de tantas questões, todas pertinentes e imprescindíveis para os estudos sobre memória, Santo Agostinho explicita melhor o que pensa:

Mas o que agora parece claro e manifesto é que nem o futuro, nem o passado existem, e nem se pode dizer com propriedade que há três tempos: o passado, o presente e o futuro. Talvez fosse mais certo dizer-se: há três tempos: o presente do

passado, o presente do presente e o presente do futuro, porque essas três espécies de tempos existem em nosso espírito, e não as vejo em outra parte. O presente do passado é a memória; o presente do presente é a intuição direta; o presente do futuro é a esperança. (2012: p. 346-347).

De Agostinho, passamos a Walter Benjamin e suas conhecidas teses sobre a História. No total, são 18 teses. Delas, 4 estabelecem, de maneira explícita, a importância da memória para a humanidade e para o presente estudo. Na Tese 2, Benjamin afirma, entre perguntas e sentenças:

(...) Em outras palavras, a imagem da felicidade está indissoluvelmente ligada à da redenção. O mesmo ocorre com a representação do passado, que a história transforma em seu objeto. O passado traz consigo um índice secreto, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro de ar que envolveu nossos antepassados? Não existem, nas vozes a que agora damos ouvidos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, então existe um encontro secreto marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Então, alguém na terra esteve à nossa espera. Se assim é, foi-nos concedida, como a cada geração anterior à nossa, uma *frágil força messiânica* para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente. O materialista histórico sabe disso. (BENJAMIN, 2012: p. 242).

Na Tese seguinte, a 3ª, Benjamin chama a atenção para os cuidados que o narrador deve ter quando enuncia os fatos:

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida obterá o seu passado completo. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o seu passado tornou-se citável, em cada um dos seus momentos. (BENJAMIN, 2012: p. 242).

Ditas todas essas coisas, aí Benjamin imprime, na Tese 5, as suas impressões sobre os tempo pretéritos e diz: “a verdadeira imagem do passado *passa voando*. O passado só se deixa capturar como imagem que relampeja irreversivelmente no momento de sua conhecibilidade (BENJAMIN, 2012: p. 243). E quando chegamos à 6ª Tese, nosso filósofo deixa o seu dizer aos historiadores, dizer que pode e deve ser observado também por todos que lidam com a questão da memória:

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “tal como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma recordação,

como ela relampeja no momento de um perigo. (...) Em cada época, é preciso tentar arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. Pois o Messias não vem apenas como redentor; ele vem também como o vencedor do Anticristo. O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é *privilegio exclusivo* do historiador convencido de que tampouco os mortos estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer. (BENJAMIN, 2012: p. 243-244).

Contribuições outras para as reflexões sobre a memória, seus desafios e implicações, foram deixadas por Hannah Arendt (2009), para quem toda geração a surgir e todo ser humano a existir inserem-se entre dois infinitos, ou seja, entre o passado e o futuro. Tal inserção é para que o passado seja não somente investigado, mas, trabalhosamente, pavimentado outra vez.

(...) Esse passado, além do mais, estirando-se por todo seu trajeto de volta à origem, ao invés de puxar para trás, empurra para a frente, e, ao contrário do que seria de esperar, é o futuro que nos impele de volta ao passado. Do ponto de vista do homem, que vive sempre no intervalo entre o passado e o futuro, o tempo não é um contínuo, um fluxo de ininterrupta sucessão; é partido ao meio, no ponto onde “ele” está; e a posição “dele” não é o presente, na sua acepção usual, mas, antes, uma lacuna no tempo, cuja existência é conservada graças à “sua” luta constante, à “sua” tomada de posição contra o passado e o futuro. Apenas porque o homem se insere no tempo, e apenas na medida em que defende seu território, o fluxo indiferente do tempo parte-se em passado, presente e futuro. (ARENDT, 2009, p. 37).

Nos escritos de Arendt, a memória aparece como um modo de pensamento. Pensamento, diga-se, extremamente importante, mas “impotente fora de um quadro de referência preestabelecido, e somente em raríssimas ocasiões a mente humana é capaz de reter algo inteiramente desconexo” (ARENDT, 2009, p. 31). Outro problema: “(...) ao que parece, não parecemos estar”, na contemporaneidade, “nem equipados nem preparados para esta atividade de pensar, de instalar-se na lacuna entre o passado e o futuro” (ARENDT, 2009, p. 40).

(...) Sem testamento ou, resolvendo a metáfora, sem tradição – que selecione e nomeie, que transmita e preserve, que indique onde se encontram os tesouros e qual o seu valor – parece não haver nenhuma continuidade consciente no tempo, e portanto, humanamente falando, nem passado nem futuro, mas tão-

somente a sempiterna mudança do mundo e o ciclo biológico das criaturas que nele vivem. (2009, p. 31).

Para a filósofa francesa Simone Weil, já citada no capítulo *Questões, Método e Estrutura*, fazer deferência ao passado não significa pagar tributos a um fenômeno contrário ao progresso e aos movimentos próprios da vida e do mundo. Aliás, Weil condena qualquer reacionarismo em relação ao passado.

O amor pelo passado não tem nada a ver com uma orientação política reacionária. Como todas as atividades humanas, a revolução extrai toda a seiva de uma tradição. Marx o sentiu tão bem que fez questão de buscar a origem dessa tradição nas mais longínquas idades fazendo da luta de classes o único princípio de explicação histórica. Ainda no começo deste século, poucas coisas estavam mais perto da Idade Média do que o sindicalismo francês, único reflexo entre nós do espírito das corporações. Os fracos vestígios desse sindicalismo estão no número das centelhas que mais urge soprar. (WEIL, 1979, p. 354).

Autora de um pensamento assumidamente defensor do passado, da identidade e do enraizamento, a francesa afirma sem titubear:

Seria vão voltar as costas ao passado para só pensar no futuro. É uma ilusão perigosa acreditar que haja aí uma possibilidade. A oposição entre o futuro e o passado é absurda. O futuro não nos traz nada, não nos dá nada; nós é que, para construí-lo, devemos dar-lhe tudo, dar-lhe nossa própria vida. Mas para dar é preciso ter, e não temos outra vida, outra seiva a não ser os tesouros herdados do passado e digeridos, assimilados, recriados por nós. De todas as necessidades da alma humana não há outra mais vital que o passado. (WEIL, 1979, p. 353-354).

Simone Weil defende , ainda, que “o passado destruído não volta nunca mais” e que “a destruição do passado talvez seja o maior crime. Hoje, a conservação do pouco que resta deveria tornar-se quase uma idéia fixa” (WEIL, 1979, p. 354).

Com os estudos de Halbwachs, na primeira metade do século XX, a separação entre memória individual e memória coletiva perde força e sentido. “Será que (...) a memória individual, diante da memória coletiva, é uma condição necessária e suficiente da recordação e do reconhecimento das lembranças?” (HALBWACHS, 2006, p. 39). “De modo algum, pois se esta primeira lembrança foi suprimida, se não nos é mais possível reencontrá-la, é porque há muito tempo não fazemos mais parte do grupo na memória do qual ela se mantinha” (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. Não basta reconstruir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Em um plano primeiro da memória, a importância recai sobre as lembranças das ocorrências e vivências que dizem respeito a um grupo, ou melhor, à maioria de seus integrantes, desde que resultem “de sua própria vida ou suas relações com os grupos mais próximos, os que estiveram mais frequentemente em contato com ele” (HALBWACHS, 2006, p. 51). Em contraposição, temos a existência de um segundo plano de lembranças, marcado pelas experiências de “um número muito pequeno e às vezes” de “um único de seus membros, embora estejam compreendidas em sua memória (...)” (HALBWACHS, 2006, p. 51).

Nem sempre encontramos as lembranças que procuramos, porque temos de esperar que as circunstâncias, sobre as quais nossa vontade não tem muita influência, as despertem e as representem para nós. Nada é mais surpreendente em relação a isso do que o reconhecimento de uma figura ou de um lugar, quando estes voltam a se encontrar no campo de nossa percepção. Nunca mais voltamos a pensar naquilo desde que o vimos pela primeira vez e talvez tenhamos a impressão de que, por algum esforço de memória que tenhamos feito, nos teria sido impossível reconstituí-lo. Absolutamente não estamos enganados: reconhecemos muito bem esse lugar e ao mesmo tempo recordamos a disposição de espírito em que estávamos quando o vimos, parece que a lembrança permaneceu, agarrada às fachadas daquelas casas, aguardando ao longo daquela vereda, na borda daquela enseada, nesse rochedo em forma de cadeira – e, quando voltamos a passar por lá, damos uma paradinha e ela retoma em nossa memória um lugar que, sem isso, jamais teria sido ocupado (HALBWACHS, 2006, p. 53).

Halbwachs, como Santo Agostinho e outros autores elencados anteriormente, também trabalha a questão da memória conectada e indissociada do fenômeno tempo. No alicerce daquilo que o pensador enuncia,

o fato de permanecer o tempo de alguma forma imóvel durante período até bastante extenso é consequência de que ele serve de contexto comum ao pensamento de um grupo que, em si, nesse período, não muda de natureza, conserva quase a mesma estrutura e volta sua atenção para os mesmos objetos. (...) Nele encontramos inscritos ou indicados os vestígios de acontecimentos ou personalidades de outrora à medida que respondem e respondem ainda a um interesse ou a uma preocupação do grupo (HALBWACHS, 2006, p. 146).

Além da noção de tempo, Maurice Halbwachs também considera, em suas enunciações, o que classifica como lógica ou leis que permitem a um grupo a percepção do seu próprio espaço e, por conseguinte, da sua própria memória.

(...) existe uma lógica da percepção que se impõe ao grupo e que o ajuda a compreender e a combinar todas as noções que lhe chegam do mundo exterior: lógica geográfica, topográfica, física, que não é outra senão a ordem introduzida por nosso grupo em sua representação das coisas do espaço. (...) Cada vez que percebemos, nós nos conformamos a esta lógica; ou seja, lemos os objetos segundo essas leis que a sociedade nos ensina e nos impõe. É também esta lógica, são essas leis que explicam que as nossas lembranças desenrolam em nosso pensamento a mesma sequência de associações, pois no mesmo momento em que estamos mais em contato material encontramos no referencial do pensamento coletivo os meios de evocar a sequência e seu encadeamento (HALBWACHS, 2006, p. 61).

De Halbwachs, partimos para Henri Bergson, outro importantíssimo articulador/decifrador do emaranhado que pode esconder ou expor as nossas lembranças. Para ele, não é possível a compreensão do passado, portanto da memória, senão como consequência do agir de um sujeito histórico, como cidadão preocupado em desvendar a sua própria identidade.

... A verdade é que jamais atingiremos o passado se não nos colocarmos nele de saída. Essencialmente virtual, o passado não pode ser apreendido por nós como passado a menos que sigamos e adotemos o movimento pelo qual ele se manifesta em imagem presente, emergindo das trevas para a luz do dia (BERGSON, 2011, p. 49).

Neste ponto é possível, sem rodeios, inserir o pensamento de Le Goff, para quem “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”

(LE GOFF, 2012, p. 455). Ou seja, “cabe, com efeito, aos profissionais científicos da memória, antropólogos, historiadores, jornalistas, sociólogos, fazer da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua objetividade científica” (LE GOFF, 2012, p. 457). Seu vigor argumentativo sinaliza para algo que não pode, em hipótese alguma, ser desconsiderado pelos que manifestam preocupação científica com o campo da memória: (...) os encontros de culturas fazem nascer respostas historiograficamente diversas do mesmo acontecimento (LE GOFF, 2012, p. 73).

O pensamento de Le Goff dialoga, harmoniosamente, com várias sentenças de Santo Agostinho, quando afirma:

A distinção passado/presente que aqui nos ocupa é a que existe na consciência coletiva, em especial na consciência social histórica. Mas torna-se necessário, antes de mais nada, chamar a atenção para a pertinência desta posição e evocar o par passado/presente sob outras perspectivas (...) (LE GOFF, 2012, p. 203).

Aí Le Goff deixa uma dupla lição aos profissionais científicos da memória:

(...) por um lado, a tradição é, com certeza, história e, mesmo que transporte os despojos de um passado longínquo, ela é uma construção histórica relativamente recente, uma reação a um traumatismo político ou cultural e, na maior parte dos casos, aos dois simultaneamente; por outro lado, esta história lenta que encontramos na cultura “popular” é, com efeito, uma espécie de anti-história, na medida em que se opõe à história ostentatória e animada dos dominadores (LE GOFF, 2012, p. 72).

Em *Terra-Pátria*, Kern e Morin partem da premissa de que “toda sociedade, todo indivíduo vive a relação passado/presente/futuro como dialética, na qual cada termo se alimenta dos demais” (KERN e MORIN, 1995, p. 114). Para eles, as sociedades tidas como tradicionais tinham o presente e o futuro regidos pelo próprio passado; as sociedades classificadas como em fase de desenvolvimento estavam fadadas aos apelos de um futuro incerto; enquanto as sociedades ricas não conseguiam esconder dois sentimentos conflitantes: a alegria e a melancolia em um cenário em que a possibilidade de perder-se no passado estava colocada (KERN e MORIN, 1979).

O retorno às fontes do passado pode ser estabelecido no e através do respeito (...). O primeiro é o do reconhecimento ao direito à vida para todas as culturas, mas sem esquecer que elas não são entidades que atingiram seu ponto de perfeição: cada uma comporta suas insuficiências, suas cegueiras, suas carências específicas, e as qualidades delas, para o desabrochar das existências de seus respectivos membros, são muito desiguais. Convém não esquecer também que todas as culturas singulares adquiriram sua singularidade a partir de encontros, de assimilações de elementos estranhos, muitas vezes próprios à cultura de um conquistador ou de um conquistado; como as espécies vivas, todas as culturas se modificaram, conheceram mutações, e muitas se tornaram complexas ao integrarem o que inicialmente as perturbava ou ameaçava (...) O segundo (...) é o do necessário reinvestimento na arque antropológica/biológica/terrestre, que, sendo comum a todos os humanos, de maneira nenhuma impede retornos às fontes singulares. O passado não é apenas o passado singular de uma etnia ou de uma nação, é o passado telúrico, hominizante, humano que deve ser apropriado e integrado em nós (KERN e MORIN, 1979, p. 115).

Dizem os autores que aquilo que classificamos como passado, presente e futuro encontra-se seco, atrofiado, bloqueado mesmo.⁸ Assim, dizem eles, “a renovação e a complexificação da relação passado/presente/futuro deveriam (...) se inscrever como uma das finalidades da política e da hominização” (KERN e MORIN, 1979, p. 115).

Enfim, a relação com o futuro deve ser revitalizada na medida em que a busca da hominização é ela própria tensão voltada ao futuro. Não mais o futuro ilusório do progresso garantido: um futuro aleatório e incerto, mas aberto a inúmeros possíveis, em que podem se projetar as aspirações e as finalidades humanas sem no entanto haver promessa de desejos satisfeitos. Nesses tempos novos, a restauração do futuro é de importância capital e de urgência extrema para a humanidade. (KERN e MORIN, 1979, p. 116).

Na trilha dos autores antes explicitados, os estudiosos, na contemporaneidade dizem que,

pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva

⁸ MORIN retoma essa discussão, como sendo crucial, em *A via para o futuro da humanidade* (2013), mas antecipa: “Hoje, tanto quanto antes, sinto que uma primavera aspira nascer. Mas sinto também que se anuncia uma nevasca para aniquilá-la antes que isso aconteça. (...) Pressinto, portanto, que o imponderável ao qual me consagro corre o grande risco de se tornar impossível. Mas mesmo com o *Titanic* naufragando, talvez uma garrafa atirada ao mar consiga chegar às praias de um mundo no qual tudo estará pronto para começar...”

ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1994, p. 47).

Além de ser conservado, o passado atua no presente. Primeiramente, o corpo físico mantém guardados certos esquemas comportamentais que aparecem em suas ações sobre as coisas e que podem ser classificados como *memória-hábito* ou memória alimentada por mecanismos motores. Existem, por outro lado, ocorrências de lembranças que independem de quaisquer hábitos – são lembranças únicas, de caráter isolado, tidas como “autênticas ressurreições do passado” (BOSI, 1994, p. 48).

É preciso lembrar que o ato de lembrar não é reviver,

mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual (BOSI, 1994, p. 55).

Como sinônimo de trabalho, a memória pode ser facilmente percebida:

quando um grupo trabalha intensamente em conjunto, há uma tendência de criar esquemas coerentes de narração e de interpretação dos fatos, verdadeiros “universos de discurso”, “universos de significado”, que dão ao material de base uma forma histórica própria, uma *versão* consagrada dos acontecimentos. O ponto de vista do grupo constrói e procura fixar a sua imagem para a história. Este é, como se pode supor, o momento áureo da ideologia com todos os seus estereótipos e mitos. No outro extremo, haveria uma ausência de elaboração grupal em torno de certos acontecimentos ou situações (BOSI, 1994, p. 66).

Embora muitos tenham uma equivocada impressão de que a lembrança é uma repetição linear do passado, uma repetição literal, mudanças podem brotar do contexto social, que é um exímio selecionador do passado, preenchendo e configurando o presente (RIBEIRO e BRASILIENSE, 2007, p. 220).

Na medida em que a memória vai sendo ativada, remetendo àquilo que já aconteceu, o passado torna-se flexível e o presente um fluxo de mudanças constantes. O senso comum, no entanto, costuma pensar o tempo como linear e o passado como fixo e imutável. Afinal, o que já aconteceu – enquanto

realidade factual – não pode ser mudado. Mas os acontecimentos jamais são pura factualidade, e mesmo o fato não pode ser entendido a partir de uma perspectiva ingênua, como se tivesse uma realidade autônoma e prévia a sua configuração discursiva e mnemônica (RIBEIRO e BRASILIENSE, 2007, p. 221).

Na mesma trilha, pode-se enfatizar que, nos atos de comunicação vivenciados pelos indivíduos, os meios de comunicação exercem um papel altamente significativo, por serem decisivos no processo de enquadramento de acontecimentos tanto do presente quanto do passado de um determinado grupo de sujeitos.

É através deles que se realiza a operação da memória sobre os acontecimentos e as interpretações que se quer salvar. O controle da memória social parte de “testemunhas autorizadas”, e o jornalista, mediador entre o fato e o leitor, interfere neste processo não só enquadrando os fatos, mas reconstruindo valores e identidades sociais (RIBEIRO e BRASILIENSE, 2007, p. 222).

Pensada a partir do ciberespaço, a memória ganha outros contornos. É algo regido pelo presente, é desenvolvida e atua no presente, por tratar-se de uma memória que não pertence a um tempo rigorosamente determinado pelo passado, mas a um espaço construído de maneira colaborativa por sujeitos de diferentes partes do planeta.

A rede mundial de computadores é o instrumento dessa memória presente, porém não é senão um suporte para uma memória agenciada pelo mundo de experiências do sujeito a quem, sem espaço geográfico definido, cabe construir um outro lugar territorial, heterodoxo e topomidiático como comunicação de um tempo instantâneo (FERRARA, 2008, p. 136).

Outras interpretações dão conta de que

A comunicação mediada por computadores gera uma gama enorme de comunidades virtuais. Mas a tendência social e política característica (...) é a construção da ação social e das políticas em torno de identidades primárias – ou atribuídas, enraizadas na história e geografia, ou recém-construídas, em uma busca ansiosa por significado e espiritualidade. Os primeiros passos históricos das sociedades informacionais parecem caracterizá-las pela preeminência da identidade como seu princípio organizacional. Por identidade, entendo o processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo

cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais (CASTELLS, 1999, p. 38-39).

Tudo que foi discutido ao longo do presente capítulo pode ser facilmente detectado na autobiografia do sociólogo e pesquisador José de Souza Martins. Dessa autobiografia, selecionamos três trechos que consideramos cruciais para uma reflexão adequada e responsável a respeito da narrativa e da memória social:

A narrativa da memória é um modo de reatar os fios soltos da existência, de vasculhar conexões e rupturas, de rever o que foi ficando à margem da vida, perdendo sentido aos poucos, as irrelevâncias de tantas alternativas que não vingaram, que teriam levado a história pessoal para outros rumos. A memória é a sua própria circunstância. A memória dos que viveram transições sociais e históricas acaba sendo a memória dos muitos eus que cada um é, as diversas vidas que ganhamos, mas também as várias mortes que sofremos com o passar do tempo. A memória é, ainda, a memória dos esquecimentos que podem ser encontrados nas descontinuidades das lembranças, na carência de sentido de aspectos muitos e diversos da história pessoal (MARTINS, 2011, p. 447).

A memória é um fenômeno social complexo. Quase sempre se crê, em interpretações de senso comum, que a memória se resume à prosaica lembrança. Mas, o que se quer lembrar e o que não se quer lembrar estão igualmente na memória. Há memória obrigatória, memória do que tem que ser lembrado porque é roteiro do viver. Há memória do que pode ser lembrado. Há memória do que se quer lembrar. Mas, há também memória do que se quer esquecer. Por isso mesmo é preciso estar atento às circunstâncias da memória, nas quais nossas histórias pessoais se inscrevem, transformando a biografia das pessoas comuns, aquela que elas próprias podem narrar, em registros indiretos, fontes secundárias da memória. Lembro de mim nos outros e nas coisas que demarcaram para mim o correr do meu tempo. Ou lembro de mim, criança, no medo que tive dos outros, os adultos que me cercavam e que mandavam na minha vida. Nós nos conhecemos e nos reconhecemos no outro e nossa memória depende também dessa mediação (MARTINS, 2011, p. 456).

(...) as lembranças, mesmo residuais, são indícios da memória e não a própria memória. A memória é memória como documento das estruturas básicas de modos de viver; de modos de pensar e de modos de organizar imaginariamente o vivido, as referências que nem sempre aparecem por inteiro naquilo que é lembrado, mas estão lá. Memória é, de fato, o conjunto social sociologicamente situado das lembranças, reconectadas pelo desvelamento das ocultações próprias da

sociedade contemporânea. Abrange, portanto, o que não é lembrado, na medida em que o esquecimento é um esquecimento seletivo e organizado que deixa seus indícios no que é seletivamente lembrado. Mais do que no esquecimento, naquele tempo, e talvez ainda hoje, o proibido se refugiava no silêncio. E enredava-se na teia de outras interdições e ocultações, sobrevivências de outras e mais antigas crenças e proibições (...) (MARTINS, 2011, p. 462-463).

4.1 Narrativa Jornalística e o enquadramento da Memória Social

As narrativas jornalísticas contribuem ou não para a constituição da memória social? Para a professora Cremilda Medina,

Na contemporaneidade, nós temos a atualidade, mas não só. Qualquer evento da atualidade comporta um trabalho de não atualidade, de raízes histórico-culturais e de tendências projetivas para o futuro. Senão essa narrativa não é transformadora, e sim conservadora. Irá passar os sentidos vigentes da atualidade, sem contribuir, de fato, em termos de diálogo social. Contemporaneidade, portanto, inclui atualidade, passado e futuro (MEDINA, 2008, p. 102).

Em *Jornalismo fin-de-siècle*, Marcondes Filho (1993) denuncia que a prática jornalística é minimalista. Segundo ele, “os grandes assuntos são tratados como se se reduzissem a questões subjetivas de caráter pessoal”. A questão econômica, por exemplo,

não é trabalhada do ponto de vista de sua relação com o Estado, com a sociedade maior, da perspectiva das tendências e rumos, enquanto organicidade do sistema. As matérias desta editoria são hoje produzidas apenas com vistas a darem informações aos leitores sobre investimentos ou práticas de sobrevivência na selva econômica. Há um reducionismo dos grandes temas a assuntos de natureza subjetiva, individual ou particular (MARCONDES FILHO, 1993, p. 105).

Já no dizer do sociólogo Robert Park,

A notícia, como forma de conhecimento, primariamente não está interessada no passado ou no futuro, mas no presente – o que tem sido descrito pelos psicólogos de “o presente precioso”. Pode-se dizer que a notícia existe somente nesse presente. O significado do “presente precioso” é sugerido aqui pelo fato de que a notícia, como é sabido no meio da imprensa comercial, é um produto muito perecível. A notícia continua

notícia até chegar às pessoas para as quais ela possui “interesse de notícia”. Uma vez publicada e reconhecida sua importância, o que era notícia vira história (PARK, 2008, p. 59).

Para Ecléa Bosi,

o receptor da comunicação de massa é um ser desmemoriado. Recebe um excesso de informações que saturam sua fome de conhecer, incham sem nutrir, pois não há lenta mastigação e assimilação. A comunicação em mosaico reúne contrastes, episódios díspares sem síntese, é a-histórica, por isso é que seu espectador perde o sentido da história (BOSI, 1994, p. 87).

De acordo com as avaliações de Bosi (1994, p. 90), a comunicação de massa não abre espaço para o verdadeiro narrador, aquele cujas “(...) mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principiados pela sua voz”; aquele que “tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da Carochinha”. Afinal, conclui Bosi, “a arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana.”

O próprio Park é contundente ao afirmar que uma das funções da notícia é a de direção, isto é, os veículos de comunicação atuam dirigindo a atenção da audiência para certos temas ou acontecimentos. “A imprensa não tem tanto êxito na hora de nos dizer o que temos que pensar, mas sim sobre o que temos que pensar” (PARK apud CONDE, 2008, p. 26). Se é assim, então veículos como a Agência Amapá de Notícias podem ou poderiam dirigir a atenção de jornalistas e outros leitores à memória social do Estado do Amapá?

No entanto,

Não se deve esquecer o fato de que muitas agências de notícias surgidas recentemente nos países em desenvolvimento também têm uma tarefa de relações públicas: difundir (...) a imagem mais positiva possível do Estado em questão. Eis aí uma das razões principais para a baixa credibilidade dessas agências perante vários jornalistas conscientes de que a informação divulgada é parcial. (KUNCZIK, 2002, p. 278).

Sobre este tema, felizmente, as avaliações não convergem com facilidade. Agora, passa a ganhar mais força a tese da imortalidade dos acontecimentos, que jamais desaparecem. Portanto, o acontecimento mobiliza a memória permanentemente, deixa marcas, retorna sempre, estabelece brincadeiras com outras ocorrências, causa reconfigurações. “Nesse sentido, poucos são os acontecimentos sobre os quais podemos afirmar que terminaram porque estão ainda suscetíveis de novas atuações” (DOSSE, 2013, p. 7). E o mais contundente: acontecimento e narrativa são fenômenos literalmente indissociáveis, um é pedra angular do outro; um só existe em relação direta com o outro.

5. A AGÊNCIA AMAPÁ DE NOTÍCIAS

A postagem com o título *Secretaria de Comunicação lança agência de notícia no Amapá*, disparada às 19h22 do dia 24 de agosto de 2011, apresenta, em linhas gerais, os propósitos do Governo do Estado do Amapá com a implementação de sua Agência de Notícias. A Agência surgiu com o intuito de dinamizar as informações e oferecer auxílio aos veículos de comunicação e aos usuários/cidadãos interessados em acompanhar a atuação do Poder Executivo. Assim apresentada, a Agência Amapá de Notícias não destoa de outras organizações de comunicação espalhadas pelo mundo, todas elas empenhadas, comercial e politicamente, em captar, construir e difundir notícias. É flagrantemente caracterizada como Estatal, pois está sob o controle de um governo, no caso o do Estado do Amapá.

Após essas considerações, faz-se necessário destacar a atenção que a Agência Amapá de Notícias defere a três questões diretamente relacionadas com discussões sobre Comunicação Pública: combate à corrupção; Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011, que regula o acesso à informação previsto no corpo do artigo 5º da Constituição Federal; e a Lei 12.527/2001, que prevê a transparência no trato da coisa pública. A primeira Lei é fruto de um projeto do deputado Reginaldo Lopes, do PT de Minas Gerais; a segunda é consequência de proposta apresentada pelo senador João Alberto Rodrigues Capiberibe, ex-governador do Amapá e pai, como já vimos, do atual chefe do executivo amapaense.

No período pesquisado, ou seja, de 24 de agosto de 2011 a 24 de agosto de 2012, identificamos ao menos cinco postagens diretamente ligadas ao problema da corrupção e ao seu necessário combate. A primeira ocorreu em 6 de dezembro de 2011, às 10h23, e noticiava a realização de uma Conferência Livre para debater, entre outras coisas, “Diretrizes para a prevenção e o combate à corrupção”. Em outra postagem, a última, datada de 21 de março de 2012, às 16h22, informa:

Promover a transparência pública e estimular a participação da sociedade no acompanhamento da gestão pública. É pautada nesse princípio que a comissão organizadora da I Conferência

Estadual sobre Transparência e Controle Social (Consocial) se reunirá, nos dias 28 e 29 de março, no Teatro das Bacabeiras, junto com representantes de prefeituras, Conselhos de Políticas Públicas e população, para elaborarem propostas de combate à corrupção, contribuindo para um controle social mais efetivo e democrático, garantindo o uso correto e eficiente do dinheiro público (Postagem de 21/03/2012, 16h22).

A respeito da Lei de Acesso à Informação foram sete postagens no período. Em uma delas, afirma em alguns de seus trechos:

(...) A Lei de Acesso à Informação garante ao cidadão o direito de receber as informações públicas nas esferas governamentais: federal, estadual e municipal. (...) a lei colabora para o fortalecimento da participação social e possibilita mais transparência nas ações de governo (Postagem de 18/04/2012, 11h07).

Quanto à Lei da Transparência, ocorreram cinco postagens no período monitorado. Dessas narrativas, uma foi disparada com o título *Portal da Transparência do Governo do Amapá oferece total acessibilidade ao cidadão* (Postagem de 09/11/2011, 13h10). Todas as matérias são assinadas. Isto quer dizer que a Agência Amapá de Notícias não tenta anular, como fazem alguns veículos, a autoria de suas postagens, até porque não é possível a anulação do narrador. Mesmo assim, optou-se, aqui, por não revelar os nomes dos assessores creditados nas postagens. Isto porque

(...) no que concerne às mídias, nunca se sabe realmente quem pode responder por uma informação, mesmo quando é assinada por um determinado jornalista, de tanto que os efeitos da instância midiática de produção transformam as intenções da instância de enunciação discursiva tomada isoladamente (CHARAUDEAU, 2013, p. 74).

5.1 - As narrativas da Agência

Dado o expressivo volume de postagens relacionadas com a memória, a história e a identidade amapaenses, optou-se pela adoção de pontos de análise no sentido de valorizar, ao máximo, o material coletado no período da pesquisa de campo. Também foram considerados, essencialmente, os assuntos divulgados em número igual ou superior a 20 postagens, naquele efeito de “Torneira Aberta” indicado por Adghirni e Moraes, como apresenta o quadro a seguir:

PONTOS DE ANÁLISE	NÚMERO DE POSTAGENS
Mulheres que partejam	35
Escalpelamento	27
Delicada fronteira com a França	29
Personagens e datas priorizados nas narrativas	35
Um lugar no meio do mundo	33
Quilombolas, ribeirinhos e indígenas	74
Desenvolvimento e sustentabilidade	40
O encontro do sagrado com o profano	48
O Marabaixo também Samba	42
Um Estado vai à Feira	162
TOTAL DE POSTAGENS	525

5.1.1 – Mulheres que partejam

No período analisado, a Agência efetuou 35 postagens sobre o tema maternidade. A primeira ocorreu às 11h38 do dia 26 de agosto de 2011 e, a última, às 18h23 do dia 18 de junho de 2012. O conjunto de narrativas deste ponto de análise sinaliza, inicialmente, para a capacitação de servidores da Maternidade Mãe Luzia, a mais importante do Estado; para a comemoração dos 58 anos daquela casa de saúde; melhorias no atendimento; redução do percentual de mortalidade em relação ao ano anterior; e climatização do prédio. No entanto, a maioria das postagens diz respeito diretamente ao trabalho das parteiras, em especial das que participaram do II Encontro Internacional de Parteiras Tradicionais do Amapá, promovido pelo próprio governo do Estado.

Em várias postagens, o apoio às parteiras é creditado ao governador Camilo Capiberibe, mas, sobretudo, à sua mãe, a deputada federal Janete Capiberibe, uma defensora de projetos de valorização das parteiras tradicionais. Para Camilo, as parteiras são agentes de um ofício fundamental,

no entanto, com pouco reconhecimento. E são, diz por meio das narrativas, decisivas para a construção de um Amapá melhor. No Encontro Internacional, os argumentos do governador e da deputada Janete foram referendados por uma representante do Ministério da Saúde, para quem as parteiras são pessoas que prestam ajuda e atendimento em momentos cruciais para mulheres, recém-nascidos e comunidades inteiras espalhadas pela floresta Amazônica.

Do Encontro Internacional, saiu um manifesto em defesa do saber e da tradição das parteiras, como evidenciado no trecho a seguir:

(...) o principal objetivo da criação desse documento foi estabelecer um diálogo entre diferentes saberes, experiências e modos de cuidar, dando voz a essas mulheres e homens, cujo saber legítimo é inviabilizado pela hegemonia do saber técnico e resgatar o momento importante de valorização das parteiras tradicionais existentes desde os primórdios da humanidade. (...) O documento vai tomar outros rumos ao ser encaminhado para todos os estados e representantes públicos do Brasil (Postagem de 26/05/12, 18h19).

As parteiras do Amapá já foram objeto de muitas matérias jornalísticas, inclusive de alguns documentários. Inegavelmente, elas fazem parte da história e da memória do Estado. Estão e atuam onde, muitas vezes, o Estado Brasileiro e seus aparelhos públicos não são capazes de chegar; estão nas margens de rios e igarapés, em pontos extremamente isolados da região. Às vezes, os partos são feitos em condições rigorosamente impróprias, como confirma o trecho em destaque:

“Coragem e ousadia definem a história de vidas de inúmeras parteiras tradicionais espalhadas pelo Estado do Amapá”. O relato é da parteira Rosilda Nery Brito, de 56 anos, que realizou seu primeiro parto dentro de um barco, a caminho de Macapá, e nunca mais parou (...).

Num primeiro olhar, dar tanto destaque às parteiras pode, sim, indicar para a valorização que elas podem e merecem ter. Todavia, o que as narrativas da Agência Amapá de Notícias fazem é, principalmente, publicizar os atos, projetos e discursos de um governante e seus familiares. Assim, o governante inverte o jogo: diz valorizar o ofício dessas mulheres, numa espécie de valorização primeira dos seus próprios atos e projetos, a ponto de levar o Estado a patrocinar um Encontro Internacional das mulheres que partejam.

Tanto que a Agência Amapá de Notícias lança mão das opiniões das parteiras para criticar as ações (ou falta delas) de governantes que antecederam Camilo Capiberibe no Executivo estadual. Nesse esforço narrativo, as postagens acabam resgatando os projetos colocados em prática pelo pai do atual governador, que ocupou a governança por dois mandatos seguidos. São estratégias antigas, agora aplicadas a um suporte como a internet, cujos efeitos e potencialidades não foram ainda plenamente explorados.

Neste primeiro ponto, pode-se dizer que as postagens adotam, predominantemente, os seguintes movimentos da Análise pragmática da narrativa jornalística: recomposição do acontecimento; construção de personagens; estratégias de objetivação; e estratégias de subjetivação. Também há postagens que contam com a identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios. Das 35 narrativas sobre maternidade e parteiras tradicionais, 11 foram postadas num único dia, 25/05/12, sendo a primeira às 10h29 e, a última, às 17h59.

5.1.2 - Escalpelamento

O problema do escalpelamento obteve, ao longo do primeiro ano de atuação da Agência Amapá, 27 postagens. As narrativas coletadas procuram, em diferentes momentos, definir o escalpelamento: é causado pelo eixo do motor das embarcações; leva à perda dos cabelos e do couro cabeludo; também pode lesionar as orelhas, sobrancelhas e outras partes do corpo, especialmente; é sempre um acidente grave; em determinados casos, pode levar à morte (Postagem de 26/08/2011, 18h56).

Todas essas narrativas evidenciam a gravidade dos casos de escalpelamento no Amapá e em outras áreas da vasta Amazônia brasileira. O problema é sério e sua ocorrência não é coisa rara, acontece com uma frequência intolerável, pois, para evitá-lo, basta um pequeno pedaço de madeira a isolar o eixo do motor das embarcações. Como não há fiscalização preventiva e adequada, a informação acaba não chegando às comunidades

ribeirinhas, muitas delas portadoras de outras carências que deixam as preocupações com a própria segurança em segundo plano.

Que o escarpelamento marca os corpos de suas vítimas e a história identitária do Amapá e da Amazônia, é indiscutível. As ações do governo de Carlos Camilo Capiberibe (ou de quem quer que ocupe o poder) são necessárias e providenciais. No entanto, o que não é necessário é o espetáculo noticioso que a Agência Amapá de Notícias fez neste caso, transformando o governador e o sobrenome Capiberibe em sinônimos de heroísmo.

O governador do Amapá, Camilo Capiberibe, acompanhado da primeira-dama do Estado, Cláudia Camargo Capiberibe, do senador João Alberto Capiberibe e da deputada federal Janete Capiberibe, recebeu nesta quinta-feira, 23, na Residência Oficial, oito membros da Associação de Vítimas de Escarpelamento do Amapá. O objetivo do encontro foi ouvir a opinião das mulheres escarpeladas sobre as ações governamentais em prol de sua categoria (Postagem de 23/02/2012, 18h32).

A espetacularização é bem mais evidente na seguinte narrativa:

Tudo pronto para o I Mutirão de Cirurgias Reparadoras das vítimas de Escarpelamento, que acontecerá no Amapá. O mutirão acontece nos dias 11 e 12 de maio, e será realizado em três salas do Hospital de Clínicas Alberto Lima e em quatro do Hospital São Camilo. Ao todo, 62 pessoas passarão pelo processo cirúrgico, sendo um dos maiores já realizados no país. (Postagem de 09/05/2012, 14h45)

O problema do escarpelamento sempre esteve em evidência na imprensa e, aparentemente, nas pautas dos vários governantes que passaram pelo Palácio do Setentrião. Investir em campanhas de conscientização, ensinar como isolar o motor das embarcações e fiscalizar o transporte fluvial com rigor e regularidade, aí sim é tratar o escarpelamento com a seriedade que o problema exige. Porém, entre as postagens coletadas, apenas uma, com o título *SEPM prestigia blitz educativa de combate ao escarpelamento*, aponta para ações de natureza educativa e preventiva:

A Secretaria Extraordinária de Políticas Públicas para Mulheres (SEPM) apoiou a blitz educativa de combate ao escarpelamento, realizada nesta quinta e sexta-feira, 25 e 26, pela Associação de Mulheres Ribeirinhas Vítimas de Escarpelamento da Amazônia e Marinha do Brasil. (...)

aconteceu em comunidades ribeirinhas, localizadas na foz do rio Vila Nova, também na Escola Maria Nazaré e no bairro Fortaleza (...). (Postagem de 26/08/2012, 19h10).

Quanto ao mutirão de cirurgias reparadoras, não passa de um paliativo, não encara o escalpelamento com a responsabilidade que cabe ao Estado. Mesmo assim, não significa que o governo que aí está não concretize o devido apoio aos que foram escalpelados por falta de segurança e fiscalização. Tais comentários, frutos da observação direta do autor deste estudo, não querem ser e não podem ser panfletários, favoráveis a este ou àquele governante, a este ou àquele partido político. Se assim fosse, seria uma traição e um desrespeito à própria memória compartilhada com quem nasceu, cresceu e vive nos rincões da Amazônia.

5.1.3 – Delicada fronteira com a França

Em quase todas as narrativas agrupadas neste ponto de análise, a relação do Amapá (Brasil) com a Guiana Francesa aparece como harmoniosa. As 29 postagens coletadas no período, considerando alguns títulos que estamparam, sinalizam para a celebração dessa cordialidade: *Governador Camilo Capiberibe recebe cineasta francês que pretende gravar filme no Amapá*; *Saúde na Fronteira: Amapá e Guiana Francesa discutem plano de ação*; *Amapá participa do 2º Encontro de Integração Brasil/Guiana/Suriname*; *Jogos do Meio do Mundo: tambores do Amapá e da Guiana se encontram na Casa do Artesão*; *Amapá e Guiana Francesa debatem a problemática do HIV/Aids na faixa de fronteira*.

A cordialidade que os títulos das narrativas propagam é traída pelas e nas mesmas narrativas. Na postagem de 25/11/2011, às 13h58, que trata da VII Reunião da Comissão Mista Transfronteiriça Brasil/França, o representante do governo francês é contundente: “Queremos que os garimpeiros brasileiros que estejam trabalhando ilegalmente na Guiana Francesa voltem ao Brasil e obtenham o apoio e o acolhimento do governo”. Ou seja, as narrativas da Agência Amapá insistem em tentar omitir uma tensão historicamente e

mnemonicamente colocada entre Brasil e França nas suas regiões fronteiriças. Não é de hoje que brasileiros de diferentes partes do país, mas sobretudo da Região Amazônica, atravessam clandestinamente para a Guiana Francesa, em busca de emprego fácil e de uma vida melhor. E não são poucos os relatos que dão conta da hostilidade que os órgãos de segurança da Guiana imprimem aos imigrantes brasileiros.

Em postagem datada de 04/11/2011, às 17h36, a Agência, valendo-se de informações do próprio governo brasileiro afirma:

De acordo com o Ministério das Relações Exteriores, os principais problemas de cunho trabalhista que afetam a comunidade brasileira local são o subemprego – sobretudo os homens -, a exploração de imigrantes sem documentos, a falta de informação, as dificuldades inerentes ao trabalho no garimpo, a prostituição, inclusive infantil, e o descumprimento patronal da legislação trabalhista local. Outro problema muito preocupante na comunidade brasileira local é o do elevado número de casos de violência doméstica e nos garimpos.

No documentário *Travessia da Ilusão: a vida de brasileiros na Guiana Francesa*, com produção e finalização acompanhadas de perto pelo autor desta tese, fica mais do que evidente, até mesmo pela força da etnografia, método que o orientou, que a harmonia propagada pela Agência Amapá de Notícias não passa de mera ficção – inclusive, a despeito de jogos, reuniões, encontros entre atletas e autoridades das duas nações.⁹ Os brasileiros que concederam depoimentos aos idealizadores do documentário, na sua esmagadora maioria, confirmam que passar para o lado francês é fazer uma travessia ilusória: é cair no subemprego, na chantagem de um mercado informal, na prostituição, como estampado na postagem anteriormente destacada.

Alguns dos depoentes chegam a dizer que têm até data marcada para voltar ao Brasil. Contudo, parece inquestionável que as reuniões e projetos de cooperação envolvendo o Brasil e a Guiana Francesa objetivam não apenas a solução de problemas comuns aos dois países. Também está em jogo tirar o Amapá do isolamento, como procedeu Janary Nunes ao mudar a capital do ex-

⁹ O documentário “Travessia da Ilusão: a vida de brasileiros na Guiana Francesa” foi idealizado e produzido pelos jornalistas Jorge Cardoso Júnior, Kátia Viegas e Reginaldo Macedo, no primeiro semestre de 2007. Fazia parte dos arquivos de Trabalhos de Conclusão de Curso da extinta Faculdade Seama, instituição responsável pela criação do primeiro curso de Jornalismo no Estado do Amapá.

território para Macapá, na tentativa de impulsionar o desenvolvimento local a partir de uma certa proximidade com Belém do Pará.

A Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados, em parceria com a Agência de Desenvolvimento do Amapá (Adap), promoverá nesta sexta-feira, 11, o seminário “Estratégias para Consolidação da Cooperação Bilateral Brasil/França e oportunidades para o Desenvolvimento Socioeconômico na Fronteira Amapá/Guiana Francesa”. (...) A finalidade é discutir as problemáticas que envolvem as fronteiras brasileiras e as vantagens de cooperação técnica e econômica, que atualmente prevê a cooperação nas áreas de infraestrutura, tecnologia, saúde, educação, turismo, comunicação e transportes (Postagem de 10/05/2012, 15h37).

Neste ponto, temos, com mais vigor, a identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios; estratégias de objetivação, visto que as narrativas remetem, apesar dos seus próprios conflitos, à construção da harmonia e da cordialidade entre Brasil e França como sendo algo real – e não delicado; a recomposição do acontecimento também é coisa presente em várias das 29 postagens analisadas.

5.1.4 – Personagens e datas priorizados nas narrativas

As elites do Amapá, sejam as do ex-Território Federal, lideradas por Janary Gentil Nunes, sejam as que comandam hoje o Estado, forjaram e forjam simbologias que devem ser revistas, repensadas, porque podem não condizer com aquilo que tentam imprimir ou negar à nossa memória. Das 35 narrativas inseridas neste ponto, duas abordam as celebrações de 13 de setembro, data de criação do ex-território Federal. A primeira, postada em 06/09/2011, às 15h19, com o título *Desfile de 13 de setembro retrata a história da criação do estado do Amapá*, anunciava eventos que ainda iriam ocorrer. Já a segunda, de 13/09/2011, às 19h05, com o título *Desfile de 13 de setembro contou a história do Amapá de território a Estado*, é uma construção do que aconteceu nos desfiles comemorativos. A narrativa evidencia que o ex-governador Anníbal Barcellos “foi lembrado por suas principais obras” e pelas frases e expressões que marcavam suas entrevistas e pronunciamentos. Diz que “do governo de João Capiberibe foram destacados o Programa de Desenvolvimento Sustentável do Amapá (PDSA), valorização de povos indígenas e parteiras”. O ato de “contar” faz a narrativa saltar oito anos e chegar exatamente à gestão de

Camilo Capiberibe, com ações voltadas a projetos de “biodiversidade, intercâmbio, sustentabilidade, turismo” e merenda escolar regionalizada. E com o salto de oito anos a narrativa omite qualquer referência à gestão do ex-governador Waldez Góes, preso em decorrência da operação Mãos Limpas – e de seu sucessor, Pedro Paulo Dias. Tê-los como adversários é uma coisa, mas encará-los como políticos que não ocuparam o governo estadual por oito longos anos, como o fez também João Alberto Capiberibe, é um desserviço à história e à memória de quem vive no Amapá; é pisar na lei da transparência, é pisar na lei de acesso à informação, tão divulgadas pelas postagens da Agência de Notícias.

Surge, então, mais um questionamento: se a informação é pública, por que silenciar a respeito de certas personagens da história, por que tentar manter em segredo os seus nomes?

O segredo impede um controle mais efetivo por parte da sociedade sobre seus governantes. Ou seja, o segredo constitui uma forma de se evitar o julgamento, preservando, assim, o lugar do poder. Ele permite, ademais, que uns poucos possam ser detentores de um “saber”, o dos segredos políticos, com o qual pretendem exercer um poder exclusivo. Cria-se uma realidade escondida e outra aparente. Tendo acesso apenas a esta última, a sociedade é mantida na ignorância de processos decisórios que lhe dizem diretamente respeito (ALMINO, 1986, p. 98).

Afirmamos acima, que é necessário rever e repensar, com os ingredientes de hoje, a memória, a história, a identidade do Amapá. E esse repensar não pode e não deve excluir, por exemplo, a figura de Janary Gentil Nunes, celebrada por muitos amapaenses e contestada por tantos outros. Somente a respeito de Janary, no período pesquisado, a Agência procedeu a 8 postagens. O gancho de todas as narrativas era a comemoração do centenário do primeiro governador, que iria ocorrer em 1º de junho de 2012.

O governador do Amapá, Camilo Capiberibe, recebeu nesta sexta-feira, 16, o senador Randolfe Rodrigues, os membros do Colegiado do curso de História da Universidade Federal do Amapá (Unifap), professores Edinaldo Nunes e Varônica Luna. O tema da reunião foi o centenário do primeiro governador do então Território Federal do Amapá, Janary Gentil Nunes. (...) Na ocasião, o governador Camilo e os presentes firmaram compromisso de realizar, em parceria, uma vasta programação

para comemorar o centenário do ex-governador (Postagem de 16/03/2012, 20h20).

Em postagens seguintes, como os títulos ratificam, Janary Nunes é resgatado como personagem mnemônico: *GEA comemora o Centenário do ex-governador Janary Gentil Nunes com vasta programação; Piratão lança samba-enredo em homenagem ao centenário de Janary com a presença de dona Alice Nunes; Alvorada e homenagens dão início à programação do Centenário do ex-governador Janary Gentil Nunes; Governador Camilo Capiberibe lança pedra fundamental do Memorial Janary Gentil Nunes.*

Nada contra a comemoração de centenários; nada contra a reedição de livros; nada contra memoriais. Desde que a informação chegue completa, bem apurada, capaz de levar os cidadãos a ter acesso àquilo que realmente ocorreu e que não poderia ser jamais negado. Quando o Território Federal do Amapá foi criado, o Brasil vivia a ditadura Vargas e, ditava a constituição de 1937, que competia ao presidente-ditador nomear os governante para os territórios criados em 1943. Para o Amapá, o indicado foi Janary Gentil Nunes, tão ditador quanto quem o indicou. Ficou no poder por longos 12 anos e azeitou carreiras políticas no seio da própria família. Mesmo assim, é divulgado como um estadista e merecedor de um memorial. Era tão apaixonado pelo Amapá que, na primeira derrota que a população lhe impôs, nas eleições de 1970, concorrendo ao cargo de deputado federal pela antiga Arena (Aliança Renovadora Nacional), partido de sustentação da Ditadura que tomou o país com o golpe de 1964, simplesmente deixou o ex-território. Negar-lhe importância? Não. Desde que a história, a memória e a identidade sejam respeitadas como imprescindíveis ao exercício da cidadania, tão defendida pelos que lidam com Comunicação Pública.

Nas postagens sobre Gentil Nunes impera, novamente, o silenciamento. Parece que é melhor contar a história eliminando as verdades que incomodam. Se o Amapá construiu heróis, um deles foi Janary Nunes, que ocupou o poder em regime absolutamente ditatorial.

Com a maior democratização do acesso quanto à produção das informações, os fatos talvez se tornem menos monolíticos, pode até mesmo ser que sua matéria sejam as dúvidas, tal a multiplicidade de versões e interpretações possíveis. A

verdade, contudo, sempre terá mais oportunidades de surgir nessa multiplicidade do que numa única versão unilateralmente definida a partir de um interesse específico, mesmo que ele se revista com o qualificativo da totalidade (ALMINO, 1986, p. 91).

Dito isto, voltemos aos movimentos indicados por Motta e que devem ser sempre considerados – as narrativas deste eixo têm relação direta com estratégias subjetivas, voltada à imagem de heróis; recomposição de acontecimentos; estratégias de objetivação; e construção de personagens jornalísticos.

5.1.5 Um lugar no Meio do Mundo

O Monumento Marco Zero do Equador é um dos principais cartões postais da capital do Estado do Amapá. Tem potencial para ser até o mais importante, pelo fato de propiciar o espetáculo do equinócio duas vezes por ano, com dias e horários literalmente precisos.

O fenômeno natural acontecerá nesta sexta-feira, 23, exatamente às 6 horas e 3 minutos. (...) Os equinócios ocorrem nos meses de março e setembro e definem as mudanças de estação. No Hemisfério Norte a primavera inicia em março e o outono, em setembro. No Hemisfério Sul é o contrário, a primavera começa em setembro e o outono, em março (Postagem de 23/09/2011, 8h38).

No meio do mundo, o Amapá construiu o seu sambódromo; no meio do mundo, ergueu um estádio de futebol chamado Zerão; em consequência do Zerão, surgiu um bairro com o mesmo... Ou seja, ser cortado pela Linha Imaginária do Equador agrega ao Amapá e à sua capital um valor inestimável. Dizem os amapaenses que somente em Macapá é possível colocar um pé no Hemisfério Norte e, o outro, no Hemisfério Sul.

Talvez por isso, tudo em Macapá (ou muita coisa) estabeleça referência com o Meio do Mundo, direta ou indiretamente. As 33 postagens da Agência ratificam esse fascínio que a Linha Imaginária do Equador é capaz de exercer sobre homens e mulheres amapaenses. Numa narrativa que destaca o pronunciamento da titular da Secretaria de Estado do Turismo (Setur), Helena Colares, o fascínio pelo meio do mundo e pelo Equinócio são evidentes:

“A capital amapaense é a única cidade do Brasil cortada pela Linha do Equador, portanto, o Equinócio só acontece no país em Macapá. Nosso objetivo é despertar e instigar o interesse de nossa população para esse fenômeno natural que é uma peculiaridade amapaense”, destacou a secretária (Postagem de 23/09/2011, 8h38).

Este ponto possibilita um reencontro com os escritos de Milton Santos, que considera que cada lugar é o mundo, mas diferente de outros lugares. A realidade de um lugar, para ser decodificada e apreendida, não pode ser encarada de maneira simplista, afinal “o mundo se encontra em toda parte” (SANTOS, 2012, p. 314). A partir de um dado lugar, como ocorre com o Monumento Marco Zero do Equador, o cotidiano dos sujeitos pode ficar repleto de outras dimensões. Por conseguinte, o lugar passa a ser, queiramos ou não, “(...) o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, por meio da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade” (SANTOS, 2012, p.322). Assim, pode-se ao menos vislumbrar a importância do Meio do Mundo para um Estado como o Amapá.

Do ponto de vista da Análise pragmática da narrativa jornalística, as postagens relacionadas à Linha Imaginária do Equador estabelecem estreita relação com a recomposição dos acontecimentos e estratégias de objetivação. Em alguns casos, como ocorre com as postagens que destacam os nomes do governador Camilo Capiberibe e da secretária Helena Colares, temos ainda a construção de personagens jornalísticas.

5.1.6- Quilombolas, Ribeirinhos e Indígenas

No Estado do Amapá, em diferentes governos, um assunto tem sido amplamente propagado e selecionado para ser lembrado: é o único estado cujas terras indígenas estão totalmente demarcadas, seja na região do Oiapoque, do Parque do Tumucumaque, seja no caso dos índios Wajãpi, etnia que conta com uma população extremamente reduzida, com cerca de apenas 1.000 indivíduos. Em muitos pontos do país, dizem as notícias, a falta de demarcação de áreas indígenas tem provocado violentos conflitos. No Amapá, aparentemente, isto não ocorre, há conversações e deliberações envolvendo diretamente os indígenas como atores em diferentes processos.

No Dia do Índio, comemorado nesta quinta-feira, 19, os povos indígenas de Oiapoque, extremo Norte do Amapá, comemoram o cumprimento da palavra dada pelo governador Camilo Capiberibe ainda em 2011. Eles receberam oficialmente as novas aldeias com habitações, energia e outros benefícios, prometidos desde 2003, porém, somente agora realizados (Postagem de 19/04/2012, 17h42).

A narrativa acima é confirmada por outra, postada meses depois:

O secretário de Estado da Educação, Adalberto Ribeiro, reuniu com lideranças indígenas do Parque do Tumucumaque e com o secretário Extraordinário dos Povos Indígenas, Coaracy Gabriel Maciel, para tratar de assuntos relacionados à construção de 21 escolas naquela região, que fazem parte do conjunto de ações do PROAMAPÁ Educação. (Postagem de 12/07/2012, 11h25)

No entanto, minha passagem pela Fundação Nacional da Saúde (Funasa), no próprio Estado do Amapá, entre 2005 e 2007, me possibilitou conhecer avaliações que não são contrárias às demarcações das terras indígenas, embora carreguem ponderações que podem e devem ser avaliadas. A Funasa, órgão ligado ao Ministério da Saúde e responsável pelo atendimento básico à saúde dos indígenas brasileiros, lida cotidianamente com questões bastante delicadas. Exemplo: se uma etnia ainda é marcadamente nômade, como é o caso dos Wajãpi, como restringi-la a um pequeno território? A partir deste tipo de questionamento, argumenta-se que a demarcação pode causar sérios comprometimentos à cultura indígena, cujos grupos, aprisionados em espaços legalmente delimitados pela União, não conseguem mover-se nem vislumbrar a possibilidade de um outro futuro. As reservas, então, nada garantem, são a materialização de “zoológicos humanos” (MORIN, 2013). E a integração dos indígenas? Integração é desintegração; ou tão somente uma sobrevivência miserável (MORIN, 2013).

Quanto aos Quilombolas e Comunidades ribeirinhas, as narrativas da Agência parecem sinalizar para uma governança que tudo pode, tudo oferece, tudo patrocina, tudo controla - a coordenação dos eventos é do Governo do Estado; o apoio é do Governo do Estado; a ação é do Governo do Estado. É o velho paternalismo que ainda permanece como um dos traços da cultura nacional – e que é flagrante no Amapá, como confirmam as três postagens destacadas a seguir:

A partir desta sexta-feira, 18, a comunidade afrodescendente do Amapá começa a ter sua história, raízes, crenças e tradições em evidência. A programação da Semana da Consciência Negra e XVII Encontro dos Tambores se prolonga por dez dias, sob coordenação do Governo do Estado do Amapá e entidades do movimento negro amapaense, que organizam palestras, exposições, seminários, shows, concursos, homenagens, apresentações de capoeira, de religiões de matriz africana, danças e o esperado Encontro dos Tambores. A maioria da programação acontece no Centro de Cultura Negra (CNN), porém, a organização descentralizou algumas atividades. (Postagem de 18/11/2011, 22h08)

O Centro cultural do Curiaú foi reinaugurado nesta sexta-feira, 26, pelo governador Camilo Capiberibe. Acompanhado de moradores da vila, secretários e convidados, ele reabriu o Centro que estava fechado há seis anos e que agora passa a abrigar a história da comunidade do Curiaú, abrindo o espaço para as manifestações culturais e artísticas da centenária área quilombola. (...) O ambiente é formado por uma grande maloca, setor administrativo, com áreas para exposições e espaço externo amplo. (Postagem de 26/08/2011, 20h39)

Iniciou nesta terça-feira, 17, e irá até o dia 22 deste mês, no município de Itaúbal, uma ação integrada que tem como meta beneficiar a comunidade ribeirinha da região. (...) Na oportunidade, o Sistema Integrado do Atendimento ao Cidadão (Siac) Super Fácil estará disponibilizando serviços de emissão de Carteira de Identidade e Carteira de Trabalho, além de xerox e fotografias gratuitas para os documentos emitidos na ação. (Postagem de 17/04/2012, 14h20)

A parcelas populacionais como ribeirinhos e negros, nada é dado de graça: “(...) até o afeto que se lhe pensa dedicar é infantil e frágil como o que se dedica às bonecas e aos cães domésticos” (LIMA, 2002, p. 138). Sem falsa afetividade, quanto aos quilombolas devemos, com urgência, aceitar o negro que existe em cada um de nós, “apesar do apartheid econômico, político e cultural a que (...) foram submetidos, no convívio “cordial” que a casa-grande dedicou à senzala (LIMA, 2002, p. 139).

Sobre Comunidades quilombolas, Vida ribeirinha e Povos indígenas, no período pesquisado, a Agência Amapá de Notícias procedeu a 74 postagens, sendo 30 somente no mês de novembro de 2011, por causa da Semana da Consciência Negra e do Encontro dos Tambores. Neste ponto, a análise pragmática da narrativa está apoiada, sobretudo, em estratégias de objetivação; na construção de personagens jornalísticas, sobretudo no caso

das autoridades mencionadas nos textos; e na recomposição de acontecimentos.

5.1.7 - Desenvolvimento e Sustentabilidade

A questão ambiental tem, dia após dia, arregimentado o apoio de muitos sujeitos sociais preocupados com a preservação/conservação dos potenciais do planeta, bem como com as ações humanas sobre as cidades e outros espaços. Quando as narrativas da Agência tratam da questão ambiental, vêm sempre acompanhadas de argumentos e opiniões firmados nas potencialidades econômicas do Amapá, defendendo a sua viabilidade/sustentabilidade. Frequentemente, ao destacar os pronunciamentos e projetos do governador, tais narrativas contestam os modelos e políticas de desenvolvimento adotados no Brasil e em outras partes do planeta. Essa contestação pode ser claramente observada nos dois trechos de postagens destacados a seguir:

O governador Camilo Capiberibe apresentou palestra nesta terça-feira, 8, no V Seminário Amazônia: uma visão jovem para o futuro sustentável da região. O evento é uma iniciativa da Comissão da Amazônia, Integração Nacional e de Desenvolvimento Regional em parceria com a Subcomissão da Amazônia do Senado Federal.(...) “Acreditamos no potencial da economia verde, no crescimento por meio do extrativismo não-madeireiro. Esse é o nosso grande desafio”, explicou Camilo, que destacou ainda as tarefas dos líderes amazônidas para a Conferência Rio+20, como a regulamentação das políticas de redução do desmatamento. (Postagem de 08/11/2011, 21h39)

Assinatura de Acordo de Cooperação Técnica entre o Instituto Estadual de Florestas (IEF) com o Serviço Florestal Brasileiro (SBF) ocorreu na manhã desta terça-feira, 30, no auditório da Escola de Administração Pública do Amapá (EAP), parceira do instituto. (...) A concretização do acordo é um marco para a gestão florestal do Amapá e principalmente para a implementação da política estadual de concessões florestais. Tendo em vista que o documento prevê ações conjuntas voltadas para o desenvolvimento de mecanismos de fortalecimento da capacidade do Estado de gerir as florestas. (...) O diretor geral do Serviço Florestal Brasileiro, Antônio Carlos Hummel, enfatizou o esforço do Governo do Estado do Amapá por meio do IEF, no sentido de consolidar um trabalho sustentável, superando o desafio do século, que é gerar renda através das riquezas das florestas, mas garantindo a conservação. (Postagem de 30/08/2011, 18h35)

O que é uma área protegida? Quais diferenças estão colocadas entre uma área de conservação e uma de preservação? Quais as “distâncias”, se é que existem, entre uma reserva extrativista e uma floresta manejada? É realmente possível a recuperação de uma área degradada? Qual o peso do capital social construído em espaços geográficos cujos governantes assumem a questão ambiental como bandeira de seus projetos políticos? As narrativas da Agência Amapá de Notícias, quando tratam da questão ambiental, raramente não são preches dos preceitos que orientaram o PDSA, famoso Plano de Desenvolvimento Sustentável do Amapá quando o mandatário do Estado era o pai do atual governador. Ao postar essas narrativas, não está a Agência selecionando e enquadrando o PDSA e o sobrenome Capiberibe para que ocupem lugares privilegiados nas nossas lembranças? Em diferentes narrativas, o enquadramento mnemônico anda a passos largos, levando-nos a deixar no esquecimento coisas outras que também não podem ser esquecidas. Eis aí a memória como consequência de um determinado tipo de fazer político que não isenta de erros e equívocos nem o mais vanguardista dentre os que ocupam cargos públicos. Na postagem destacada a seguir, não estaria a narrativa da Agência colocando em relevo a possibilidade do contraditório?

A Defensoria Pública do Estado do Amapá (Defenap) atua na defesa da Associação Extrativista do Rio Cajari, cuja entidade foi processada administrativamente por agentes do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (IVMBio) sob a acusação de ter em depósito madeira sem a licença válida para todo o tempo do armazenamento. (...) “Iremos procurar ainda esta semana o Instituto e explicarmos aos agentes que a madeira manuseada pelos trabalhadores da reserva está dentro das normas do Plano de Manejo da Reserva Extrativista e dessa forma pedir que a multa seja anulada”, explica o defensor geral. (Postagem de 20/20/2011, 12h56)

5.1.8 – O encontro do Sagrado com o Profano

Nesta categoria, temos um Amapá extremamente rico em possibilidades. As festas religiosas duram vários dias, são organizadas com a antecedência e o ritmo que o relógio impõe à vida contemporânea. Tudo em nome da fé, que

faz o distrito de Mazagão Velho, em Mazagão, um dos três primeiros municípios do ex-Território Federal do Amapá atrair, hoje, a atenção de um estado inteiro.

Durante o período de realização da Festa de São Tiago, o fluxo de pessoas e veículos é intenso rumo à vila de Mazagão Velho. Por esse motivo, a Secretaria de Estado dos Transportes (Setrap) trabalha em parceria com a Polícia Militar a segurança e o transporte gratuito na travessia do rio Matapi, disponibilizando quatro balsas e policiamento ostensivo. (Postagem de 24/07/2012, 11h47)

Ao som dos tambores, o Marabaixo é passado de pai para filho, de avó para netas, entre um trago e outro de gengibirra, que é a cachaça temperada com gengibre. É o Divino Espírito Santo sendo cultuado. E tanto em Mazagão, com a festa dedicada a São Tiago, quanto em Macapá e seus arredores, com o Marabaixo ao Divino Espírito Santo e a outras entidades da Igreja, temos as marcas de um catolicismo e de uma tradição bem anteriores a decretos e a constituições que fizeram do Amapá um Território Federal e um Estado.

O governador Camilo Capiberibe dançou e tocou caixa de Marabaixo durante o “Cortejo da Murta” na tarde deste domingo, 27. O evento reuniu integrantes de grupos de Marabaixo de Macapá e do interior e foi promovido pela secretaria Extraordinária de políticas para Afrodescendentes (...) do governo do Estado, em parceria com o Instituto de Promoção da Igualdade Racial (...) de Macapá, Diocese de Macapá e grupos tradicionais da capital. “Essa é a prova de que o Marabaixo está cada vez mais vivo e é o maior patrimônio da cultura amapaense. O Cortejo da Murta começou bem e vamos repetir ano que vem”, discursou a secretária da Seafro, Marilda Leite. (Postagem de 28/05/2012, 10h47)

Dos tempos em que a região pertencia ao Estado do Pará, ficou a herança do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, cuja celebração ocorre sempre e religiosamente no segundo domingo de outubro. Em Belém, reúne milhões de pessoas. Em Macapá, se considerarmos a sua população, o número de romeiros que seguem a Berlinda da Santa também é muito significativo. Há quem fale em 50 mil romeiros, mas há quem adote números bem mais expressivos. E as narrativas da Agência evidenciam essa adesão católica, que chega a ser muito superior a dedicada a São José, o padroeiro da capital.

A primeira procissão do Círio de Nazaré realizada em Macapá aconteceu em 1934, quando as religiosas da Congregação das

Filhas do Coração Imaculado de Maria, sob o comando da senhora Ester Benoliel Levy, esposa do então prefeito de Macapá, major Moisés Eliezer Levy, resolveram organizar. (...) O motivo maior se deu por intercessão do prefeito, porque sua esposa – como fazia todos os anos nesse período – por causa de doenças, não pôde viajar até Belém para participar do evento. Apesar da população católica de Macapá já ter padroeiro, São José, cuja festa é realizada todo dia 19 de março, a concentração de romeiros do Círio de Nazaré em Macapá consegue ultrapassar, em volume de massa, os penitentes do próprio padroeiro São José, crescendo a cada ano o número de fieis. (Postagem de 07/10/2011, 9h40)

As narrativas da Agência trazem, mesmo que nas entrelinhas, uma característica muito peculiar em relação a esses festejos. No caso de São Joaquim, celebrado no distrito Quilombola do Curiaú, e de São Tiago, em Mazagão Velho, os atos não são apenas sagrados; eles caminham lado a lado com o profano, daí o uso adequado da expressão festa. Os santos, suas bandeiras e outros símbolos a eles associados, ocupam a parte mais elevada das paredes do salão onde a festa é realizada. E isso é encarado com a maior naturalidade pelos que seguem a tradição.

Conhecer as situações assumidas pelo homem religioso, compreender seu universo espiritual é, em suma, fazer avançar o conhecimento geral do homem. É verdade que a maior parte das situações assumidas pelo homem religioso das sociedades primitivas e das civilizações arcaicas há muito tempo foram ultrapassadas pela história. Mas não desapareceram sem deixar vestígios: contribuíram para que nos tornássemos aquilo que somos hoje; fazem parte, portanto, da nossa própria história (ELIADE, 2008, p. 164).

No Amapá, são raras as comunidades que não dispõem de um salão de festas do santo para o encontro harmonioso e indissociável do sagrado com o profano.

Com muito jornal, cola produzida a partir da goma da tapioca, tintas e formas de argila, Elivaldo Pinto dá forma às máscaras que serão usadas pelos brincantes do Baile de Máscaras da Festa de São Tiago, em Mazagão Velho, no qual só homem pode participar. O baile será nesta terça-feira, 24, a partir das 21h, na sede do santo, e é mais um ritual dos festejos, representando a comemoração dos mouros em regozijo à vitória que pensavam ter alcançado por causa dos presentes envenenados que enviaram aos chefes cristãos. (Postagem de 24/07/2012, 8h55)

Neste penúltimo ponto, as postagens são fortemente marcadas pela recomposição do acontecimento; estratégias de subjetivação; além de estratégias de objetivação. Isto não quer dizer que outros movimentos não estejam presentes, mas, como afirmamos, os três acima mencionados são os mais evidentes. No período pesquisado, 48 postagens da Agência tentavam dar conta das festas religiosas tradicionais do Amapá.

5.1.9- O Marabaixo também Samba

Como já afirmamos anteriormente (5.1.5- *Um lugar bem no meio do mundo*), o Sambódromo do Amapá também foi erguido no meio do mundo. Hoje, conta até mesmo com uma Cidade do Samba, composta por barracões destinados às agremiações carnavalescas, tamanha a importância dessa festa popular na história e na memória do Estado.

Depois que o governo (...) retomou as obras da Cidade do Samba, em fevereiro deste ano, os trabalhos seguem em ritmo acelerado. Tudo para que a comunidade carnavalesca possa utilizar o espaço já no Carnaval do ano que vem. (...) Estão sendo construídos cinco galpões de 25x60 cada, que serão utilizados pelas escolas de samba existentes no estado e que desfilam anualmente na Avenida Ivaldo Veras, no Sambódromo (Postagem de 26/09/2011, 18h26).

Começou a movimentação na Cidade do Samba. As escolas se adaptam à nova realidade do carnaval amapaense que vai transformar a avenida Ivaldo Veras na indústria da imaginação, arte e economia até fevereiro de 2012. As escolas de samba iniciaram a transferência de ferragens e bases de alegorias dos antigos e improvisados barracões para os galpões que foram entregues, na semana passada, pelo governador Camilo Capiberibe à comunidade do samba (Postagem de 28/12/2011, 19h57).

A Liesa, Liga das Escolas de Samba do Amapá, rege 10 escolas, sendo 9 da capital e 1 do Município de Santana. São elas: Boêmios do Laguinho, Maracatu da Favela, Piratas Estilizados, Piratas da Batucada, Unidos do Buritizal, Império da Zona Norte (Jardim Felicidade), Embaixada de Samba Cidade de Macapá, Solidariedade, Emissários da Cegonha e Império do Povo, que é a representante de Santana. Pelo Sambódromo também desfilam as agremiações que fazem parte da Associação dos Blocos Carnavalescos do

Amapá (Abloca) e da Liga Independente dos Blocos Carnavalescos do Amapá (Liba).

O Festival de Samba de Enredo reuniu as dez agremiações carnavalescas do Amapá para a disputa que escolhe tecnicamente o melhor conjunto musical de samba. Um público nunca antes visto em festival foi ao Sambódromo assistir e torcer pela sua escola em uma demonstração de democracia, paixão e espírito esportivo. (...) Os jurados surpreenderam no resultado final e, após um julgamento considerado difícil pela qualidade dos concorrentes, a vitória foi de Piratas da Batucada. Nenhum pedido de impugnação foi protocolado na Liesa por presidentes descontentes (Postagem de 29/01/2012, 1h37).

No carnaval de 2008, o Estado foi homenageado pela Beija-Flor de Nilópolis, do Rio de Janeiro, com o enredo “Macapaba: equinócio solar, viagens fantásticas do meio do mundo”. Aliás, a Beija-Flor, com esse enredo, foi mais uma vez campeã do carnaval carioca. À época, o governador era Antônio Waldez Góes e, o prefeito de Macapá, João Henrique Pimentel. O incentivo financeiro do Estado e da Prefeitura ao àquele desfile causou muitas discussões, todas elas ancoradas no argumento de ser o Amapá um Estado pobre, cujos recursos jamais poderiam ser usados para financiar enredos milionários como os da Beija-Flor. Hoje, porém, o samba que embalou a escola de Nilópolis no carnaval de 2008 é praticamente uma unanimidade no Estado. Um dos versos é um canto à dança tradicional dos amapaenses e diz que “o marabaixo ao marco zero cai no samba”.

5.1.10 - Um Estado vai à Feira

A Expofeira Agropecuária do Amapá foi o evento que gerou o maior número de postagens no período pesquisado. Foram 162 - uma verdadeira “torneira aberta” a jorrar narrativas. De tão expandida, a Expofeira pode ser vista agora como um aglomerado de eventos num só lugar, o Parque de Exposições da Fazendinha, como confirmam os dois trechos a seguir:

Em um estande localizado na área de gastronomia, no pavilhão da “Feira de Oportunidades de Negócios”, foi montado dentro da 48ª Expofeira Agropecuária para (...) prestar todo e qualquer tipo de assistência aos portadores de deficiência. No espaço, os cegos, por exemplo, têm acesso a informações em braille de

tudo o que está acontecendo no parque de Exposições da Fazendinha, inclusive ao mapa de acessibilidade “tática”, em baixo relevo, para se localizar na área do parque (Postagem de 26/10/2011, 23h45).

Nesta quinta-feira, 26, na Feira de Negócios da Expofeira, o Banco da Amazônia realizou palestra sobre incentivos fiscais e financiamento para setores públicos e privados. A proposta foi mostrar aos micros e pequenos empreendedores, pessoas jurídicas, empreendedor rural e grandes empresas o Fundo Constitucional do Norte (FNO), que contribui para o desenvolvimento econômico e social da Região Norte (Postagem de 26/10/2011, 21h03).

Nas últimas décadas, sem contestação, a Expofeira assumiu o posto de principal evento realizado no Estado. E o estado e seus governantes não perdem a chance de, sem passe de mágica, transferir para um Parque de exposições, grande parte da máquina administrativa e burocrática do próprio Estado. As narrativas postadas pela Agência dizem, ou melhor, dizem e mostram que o Estado do Amapá vai, literalmente, à Feira. E na Feira, espaço público e de publicidade, o governo do Estado expõe seus projetos, dá voz a certos sujeitos, promove reuniões, lança decretos, decide o rumo das vidas de quem mora naquele lugar. É o que expõem esses dois últimos trechos de narrativas selecionadas no período da pesquisa de campo

O governador do Amapá, Camilo Capiberibe, assinou nesta quinta-feira, 27, no Pavilhão de Oportunidades e Negócios da 48ª Expofeira do Amapá, o Decreto que regulamenta a Lei nº 044. O documento garante um tratamento diferenciado às Micro e Pequenas Empresas de Pequeno Porte do Estado do Amapá (MPE's). A medida atende ao pedido do empresariado local visa o fortalecimento da economia amapaense. (27/10/2011, 20h27)

O governo do Estado vai abrir espaço para discutir a implantação de uma das atividades mais importantes para as áreas econômicas e ambiental do Amapá: a exploração mineral em unidades de conservação. Os debates sobre o tema acontecerão durante a 49ª Expofeira Agropecuária, que ocorrerá no período de 31 de agosto a 9 de setembro (...) “Economia Verde: Negócios Sustentáveis no Amapá” (24/08/2012, 11h35).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um texto sobre construção noticiosa, Cláudio Bojunga (1991) já indicava bases éticas importantes que devem, dada a sua perenidade, ser observadas quando a qualidade e o potencial mobilizador das notícias entram em discussão. Bojunga defende, entre outros princípios, o direito do povo a uma informação verídica, o acesso e a participação do público, o respeito ao interesse público e o respeito aos valores universais e à diversidade cultural. Penso que, com o alargamento dos debates em torno da Comunicação Pública, tais princípios permanecem firmes tanto na esfera acadêmica quanto em qualquer espaço público, como elementos essenciais a pavimentar os caminhos que os sujeitos estabelecem em busca do exercício pleno da cidadania. O ato de considerar esses princípios significa, conseqüentemente, encarar com seriedade a força da informação no contemporâneo e a importância que exerce no constante desafio do viver em sociedade.

O respeito aos valores universais e à diversidade cultural tem uma relação íntima com a história, a memória e a identidade. Tal princípio talvez seja aquele capaz de conectar as interfaces que foram sendo estabelecidas no nosso caminhar. Pode-se dizer que esse caminhar começa com a elaboração do projeto apresentado à seleção do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, no final do segundo semestre de 2009, sendo consolidado somente agora, embora isto seja facilmente questionável, pois o caminhar pode ter começado muito antes e pode prolongar-se por uma temporalidade imprecisa, sem data, sem prazo.

Ao intentar uma conversação entre Comunicação pública e Memória social, assumimos a posição de partidários da ideia de que os conhecimentos produzidos nos dois campos precisam ser direcionados para um mesmo ponto, e num diálogo permanente. Portanto, é uma convergência necessária e primordial para que a Comunicação Pública, mesmo com um conceito indefinido, que é altamente positivo para o próprio conhecimento, possa continuar o seu alargamento, agregando mais e mais densidade. Isto

ocorrendo, a Comunicação Pública pode apontar alternativas para um equilibrado e sensato exercício do poder nos mais diferentes espaços e nas mais complexas instâncias, que é o caso do Estado enquanto instituição.

Assim, sejam estudiosos ou gestores da Comunicação Pública, todos precisam ter como norte que, em países como o Brasil, os sujeitos que mais necessitam de informação de qualidade são, historicamente, aqueles que têm menos acesso aos mecanismos comunicacionais. E que, quando conseguem acessá-los, nem sempre estão preparados para digerir o verdadeiro significado do ato de acessar e dos conteúdos encontrados. São desafios para os que optaram pelo lidar com a Comunicação Pública conectada ao campo da memória social. E o mais representativo desses desafios é, incontestavelmente, criar condições que levem o humano a não somente ter acesso à informação, mas a compreender e a assumir como princípio político, ou seja, consciente, o fato de que a memória é mesmo um instrumento fundamental às suas ações como cidadão que está, como diria Paulo Freire, no mundo e com o mundo. E mais: que este humano também seja capaz de compreender a máxima de que a memória é costumeiramente impregnada de um caráter político que, por sua vez, exige a capacidade de escolher e deliberar sobre as coisas.

Além disso, quem trabalha com comunicação pública não pode deixar de enxergar que o humano encontra-se exposto cotidianamente aos conteúdos de poderosas organizações comunicacionais, que espalham, por diferentes meios, informações que muito raramente manifestam respeito pelos legados mnemônicos constituídos nos e pelos espaços sociais. Entre tantas possibilidades, essas constatações talvez possam contribuir para a transformação da comunicação orquestrada pelo Estado e pela maioria dos governos, para que abandone o contagioso viés publicitário/propagandístico e passe a ser, de fato, comprometida com o fazer do cidadão.

Investimos nesta empreitada com o propósito de concretizar um estudo que estabelecesse claras conexões entre os preceitos que envolvem a Comunicação Pública e a Memória Social; analisar como as narrativas postadas pela Agência Amapá de Notícias enquadra e representa a memória

do Amapá - quando este pertencia ao Estado do Pará, na sua condição de ex-Território Federal e, atualmente, como uma das mais jovens Unidades Federativas do Brasil -; além, claro, de oferecer alguma contribuição para o campo da comunicação e para um melhor conhecimento/reconhecimento a respeito do Amapá, sua história e a identidade de seu povo. Como base metodológica optamos pela Análise Pragmática da Narrativa Jornalística, valendo-nos de dois textos de Gonzaga Motta, para quem, como vimos,

(...) o relato noticioso é corriqueiramente tratado como narrativa (...). Afinal de contas, ainda que em linguagem objetiva, as notícias relatam dramas e tragédias humanas: incidentes, catástrofes, conflitos, conquistas e derrotas de personagens diversos que contêm propriedades narrativas e, paradoxalmente, induzem à narratividade. Além do mais, fazem isso por meio de uma retórica hiperbólica, exagerando, amplificando, tornando o relato das ações ainda mais dramático (MOTTA, 2012, p. 221).

Com a metodologia estabelecida, adotamos nove eixos interpretativos para proceder à análise das postagens selecionadas: Parteiras Tradicionais; Vítimas de Escalpelamento; Brasil *Amapá* x França; Datas Representativas; Meio do Mundo; Comunidades Quilombolas, Vida Ribeirinha e Povos Indígenas; Espaço Ambiental e Sustentabilidade; Festas religiosas Tradicionais; e O estado vai à Feira. Realizada a análise, chegamos a alguns apontamentos importantes como respostas às hipóteses que elancamos:

- A Agência Amapá de Notícias faz assessoria de imprensa para um governo e um governante, não para um Estado. Tenta pautar os veículos de comunicação que operam no Amapá, apesar de os mesmos fazerem forte oposição aos projetos e programas adotados pelo PSB e pelo governador Camilo Capiberibe. Ou seja, a Agência afirma que tem o objetivo de prestar (como confirma o texto que marca o seu lançamento) um serviço aos jornalistas, aos meios de comunicação e aos cidadãos em geral. Agindo assim, com postagens tão cheias de omissões e silenciamentos, o máximo que pode conseguir é oferecer um mero e fugaz ponto de partida a quem acompanha as suas narrativas, como afirma Sodré (2009). Isto é muito pouco ou quase nada.

- A Agência Amapá de Notícias não ignora o lastro de memória sedimentado na área geográfica do Amapá. Entretanto, imprime a esta memória uma seleção

rigorosa, um tratamento político-partidário, um forte tom de propaganda, priorizando lembranças relacionadas a alguns projetos, marcantes segundo suas narrativas, como o Plano de Desenvolvimento Sustentável do Amapá, criado por João Alberto Capiberibe e retomado por seu filho Carlos Camilo Capiberibe. Nas narrativas postadas pela agência, adversários do governante são expostos, conflitos da natureza própria do Amapá são silenciados, escondidos. Já o sobrenome Capiberibe é ostentado e, conseqüentemente, selecionado para deixar as suas marcas na memória do Estado. É promoção institucional que solicita, postagem após postagem, o apoio e a cooperação da opinião pública.

- As narrativas da Agência Amapá de Notícias, quando vistas a partir dos movimentos metodológicos que orientaram esta tese, acabam tornando visíveis, por meio de uma linguagem e de técnicas de produção do jornalismo contemporâneo, ocorrências mnemônicas dos três momentos distintos do Amapá: enquanto área integrante do Estado do Pará, até setembro de 1943; como Território Federal estabelecido por determinação da ditadura Vargas, em 13 de setembro de 1943; e na sua condição de Estado, desde 5 de outubro de 1988, como definiu a atual Constituição Federal. Esta visibilidade, todavia, é repleta de omissões e silenciamentos, como registram várias narrativas que mortalizam determinadas figuras públicas. E, num movimento oposto, é uma visibilidade decidida a perenizar a memória de outras figuras, também públicas, tratando-as como estadistas ou heróis, representantes legítimos do campo simbólico – é o caso das narrativas que dizem respeito ao centenário de Janary Gentil Nunes que, silenciada a sua condição de interventor imposto por um presidente ditatorial, é elevado ao posto de estadista e visionário. O movimento oposto aqui salientado, pode ser facilmente elucidado por Benjamin, em sua 7ª Tese Sobre o Conceito da História:

A natureza dessa tristeza se tornará mais clara se nos perguntarmos com quem o investigador historicista estabelece propriamente uma relação de empatia. A resposta é inequívoca: com o vencedor. Ora, os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores. Isso já diz o suficiente para o materialista histórico. Todos os que até agora venceram participam do cortejo triunfal, que os dominadores de hoje conduzem por

sobre os corpos dos que hoje estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo triunfal, como de praxe. Eles são chamados de bens culturais. O materialista histórico os observa com distanciamento. Pois todos os bens culturais que ele vê têm uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror. Devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram, mas também à servidão anônima dos seus contemporâneos. Nunca houve um documento da cultura que não fosse simultaneamente um documento da barbárie. E, assim como o próprio bem cultural não é isento de barbárie, tampouco o é o processo de transmissão em que foi passado adiante. Por isso, o materialista histórico se desvia desse processo, na medida do possível. Ele considera sua tarefa escovar a história a contrapelo (BENJAMIN, 2012, p.244).

- A Agência Amapá de Notícias, antes de prestar o serviço que credita para si mesma, funciona como um Cenário de Representação Política ocupado ostensivamente pelo atual governador Carlos Camilo Capiberibe, pelo seu pai, o senador João Alberto Capiberibe, e por sua genitora, a deputada federal Janete Capiberibe, todos do Partido Socialista Brasileiro.

Se entendemos a palavra “cenário” como significando o espaço, o lugar onde ocorre algum fato, a ação ou parte da ação de uma prática qualquer, é possível afirmar que a *hegemonia* (...) pode ser decomposta em vários “cenários” específicos que incorporam todas as suas características. Necessariamente integradas à articulação hegemônica, as diferentes dimensões do “conjunto de práticas e expectativas sobre a totalidade da vida” constituem-se em cenários/espacos próprios, com significados e valores específicos, que também se interpenetram e se superpõem. (...) Dessa forma, o CR-P é o espaço específico de representação da política nas “democracias representativas” contemporâneas, constituído e constituidor, lugar e objeto da articulação hegemônica total, construído (...) na mídia e pela mídia (...) (LIMA, 2012, p.185-186).

Ao lado deles, figuras públicas que carregam o mesmo sobrenome, desfilam as suas próprias ações e os seus projetos. Até os aliados surgem em segundo plano, como meros coadjuvantes. Para isso, basta direcionar o olhar às narrativas postadas pela Agência. Neste sentido, pode-se indicar algumas contradições: é um *modus operandis* que não condiz com o discurso de um governo que defende a transparência; como também não condiz com um governo que chega a patrocinar debates a respeito do acesso à informação, que é garantido por lei a todo cidadão brasileiro.

Também é oportuno salientar, que o governo de Carlos Camilo Capiberibe sofre uma severa rejeição por grande parte dos veículos de comunicação no Amapá. É o jornalismo tentando determinar, via opinião pública, uma oposição acirrada contra o governo do PSB. Esse tipo de comportamento é bastante conhecido e os estudiosos do assunto avaliam que a imprensa, sobretudo em contextos conflituosos e turbulentos, como é o caso do Estado do Amapá, tenta conquistar a adesão do público em sua direção. Para atingir tal adesão, os veículos de comunicação costumam apresentar determinados conteúdos como se correspondessem à opinião pública propriamente dita (TÖNNIES, 2006).

Mas essa rejeição que faz a imprensa regional não explica nem justifica o teor das narrativas que a Agência dispara. Dito isto, pode-se complementar com outra consideração fundamental: o governo do Estado do Amapá, se consideradas as narrativas postadas por sua Agência de Notícias, não faz Comunicação Pública – não zela pelo conteúdo informativo, educativo e de orientação daquilo que é divulgado; não usa as narrativas como instrumentos capazes de estampar as opiniões conflitantes, o que contribuiria para a constituição de uma democrática opinião pública; prioriza aquilo que estudiosos como Ferdinand Tönnies classificam como opinião publicada, usando a Agência como mecanismo de promoção pessoal dele e dos gestores por ele nomeados. Este último ponto fica evidente na postagem de lançamento da própria Agência, quando afirma: “(...) jornalistas e internautas terão acesso a fotos de alta, média e baixa resolução, além de áudios e vídeos com entrevistas do governador e gestores, que poderão ser baixados e utilizados por impressos, rádios e TV’s”. Esse tipo de direcionamento permite-nos outros comentários: a Agência Amapá de Notícias é um meio comum e geral de expressão e, conseqüentemente, objetiva que seus internautas/leitores aceitem o conteúdo de suas postagens como naturais e tidas como resultados de um consenso, isto é, como coisas validadas pelo racional; meios como a Agência são acessados por pessoas escolarizadas e com padrão de renda que permita o acesso. Outra coisa: esses conteúdos podem, sim, aos menos indiretamente, influenciar nas opiniões (TÖNNIES, 2006).

Tais procedimentos podem ser percebidos nas múltiplas noções de poder que perpassam, de maneira explícita ou não, os vários pontos que integram a presente tese. Tanto na evidência da figura do poder em relação às ações e aparatos comunicacionais, quanto nos argumentos de Marilena Chaui, quando considera que no caso do Estado e dos governos, em especial, a sutileza está presente em discursos que visam fazer com que “o cidadão se sinta tanto mais informado quanto menos puder raciocinar” (CHAUÍ, 2006, p.9) e comungue da ideia de que as decisões políticas são próprias de quem detém o poder, incompatíveis, por conseguinte, com o mundo dos leigos.

Em relação ao campo da memória social, esta tese retoma discussões contidas em outros estudos de Bosi (2003). Existem dois tipos de memória: o primeiro tipo diz respeito aos acontecimentos vividos e presenciados diretamente pelos sujeitos; o segundo e o que mais caracteriza a contemporaneidade é o acontecimento mediado, são os fatos que chegam até nós pelas narrativas, sobretudo as jornalísticas. Todavia, no segundo tipo, as narrativas apresentam diferentes versões de um mesmo fato e atribuem ao jornalismo o poder de enquadrar os acontecimentos tanto do presente quanto do passado; o jornalismo, então, é portador de uma força altamente significativa no pautar as lembranças e esquecimentos, característica essencial da memória. E qual versão mediada/mediática é a verdadeira? Se as narrativas são versões, isto significa que os acontecimentos jamais podem ser encarados como meras factuaisidades; e nenhum fato pode ser visto a partir de posicionamentos ingênuos. Daí a importância de investigações que estabeleçam interfaces com a memória social. Interfaces que objetivem outros olhares e outras interpretações dos fatos e dos sujeitos que deles participam. E o jornalista, na condição de narrador do cotidiano, esteja ele num jornal ou numa assessoria como a Agência Amapá de Notícias, deve pautar suas narrativas a partir de certas premissas: os sujeitos sociais, tão presentes na esfera pública, habitam determinado espaço geográfico e necessitam de informações de qualidade, que deem conta, minimamente, da história do seu lugar; se possível, que essas narrativas não sejam consequência de um olhar viciado, que repete sempre as mesmas versões, que não consegue contribuir para nenhuma mudança real, verdadeira e transparente. Continuando o diálogo

com Bosi, queremos confirmar que o cidadão (leitor, ouvinte, telespectador, internauta...) também é um memorialista, também é um narrador da sua própria cultura, do seu próprio lugar de nascimento.

As considerações até aqui percorridas podem ser questionadas, mas estão amparadas em um método e em referenciais que as sustentam. Porém, faz-se necessário considerar que o estudo contemplou apenas as narrativas da Agência Amapá de Notícias, endereço virtual que possibilita muitas outras pesquisas e outras questões: a Agência consegue pautar os jornais e outros veículos de comunicação, ou seja, tem poder para agendar o que o jornalismo transforma em notícia, levando os amapaenses a debaterem aquilo que está em pauta? Como a agência abre espaço para os internautas de diferentes redes sociais, quais as discussões que ela consegue promover e, observadas essas discussões, como a Agência lida com elas? Os jornalistas e os meios de comunicação para os quais trabalham consideram mesmo a Agência como fonte de informação? O público interno (sejam os gestores ou servidores em geral) têm a Agência como fonte de informação confiável? São trabalhos que podem ser realizados e podem claro, apresentar outros/novos olhares a respeito da Agência Amapá de Notícias e da base mnemônica estabelecida no e pelo Estado do Amapá.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ADGHIRNI, Zélia Leal, MORAES, Francilaine de. Instantaneidade e memória na pesquisa sobre jornalismo. In LAGO, Cláudia, BENETTI, Marcia (Orgs). **Metodologia de pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ALMINO, João. **O segredo e a informação: ética e política no espaço público**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. (Obras escolhidas; v. I). Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. **Rua de mão única**. (Obras escolhidas; v. II). Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. **Memória e vida**. (Textos escolhidos). Trad. Claudia Berliner. 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOJUNGA, Claudio. A construção da notícia. In NOVAES, Adauto (Org). **Rede imaginária: televisão e democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, 1991.

BRANDÃO, Elizabeth Pazito. Conceito de comunicação pública. In DUARTE, Jorge (Org). **Comunicação pública: estado, mercado, sociedade e interesse público**. São Paulo: Atlas, 2009.

BUENO, Wilson da Costa. Comunicação, Iniciativa privada e interesse público. In DUARTE, Jorge (Org). **Comunicação pública: estado, mercado, sociedade e interesse público**. São Paulo: Atlas, 2009.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Trad. Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2013.

CHAUI, Marilena. **Simulacro e poder: uma análise da mídia**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

_____. **Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro**. Organização de André Rocha. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013.

DOSSE, François. **Renascimento do acontecimento: um desafio para o historiador: entre Esfinge e Fênix**. Trad. Constancia Morel. São Paulo: Unesp, 2013.

DRUMMOND, José Augusto, PEREIRA, Mariângela de Araújo Póvoas. **O Amapá nos tempos do manganês: um estudo sobre o desenvolvimento de um estado amazônico 1943-2000**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

DUARTE, Jorge. Instrumentos de comunicação pública. In DUARTE, Jorge (Org). **Comunicação pública: estado, mercado, sociedade e interesse público**. São Paulo: Atlas, 2009.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Trad. Rogério Fernandes. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Comunicação, espaço, cultura**. São Paulo: Annablume, 2008.

FOSTER, Jonathan K. **Memória**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

HABERMAS, Jürgen. **Direito e democracia: entre facticidade e validade**. Trad. Flávio B. Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HASWANI, Mariângela Furlan. Comunicação pública 360 graus e a garantia de direitos. In KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org). **Comunicação Pública, sociedade e cidadania**. São Caetano do Sul/SP: Difusão Editora, 2011.

HASWANI, Mariângela Furlan. **Comunicação Pública: Bases e abrangências**. São Paulo: Saraiva, 2013.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo: Norte e Sul: Manual de Comunicação**. São Paulo: Edusp, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. 6ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

LIMA, Venício A. de. **Mídia: teoria e política**. 2ª ed. SÃO PAULO: Fundação Perseu Abramo, 2012.

MAIA, Rousiley Celi Moreira, GOMES, Wilson, MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida (Orgs). **Internet e participação política no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Jornalismo fin-de-siècle**. São Paulo: Scritta Editorial, 1993.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação e identidade: quem você pensa que é?** São Paulo: Paulus, 2010.

MARTINS, José de Souza. **Uma arqueologia da memória social: autobiografia de um moleque de fábrica**. Cotia, SP: Ateliê editorial, 2011.

MATOS, Heloiza e MARQUES, Ângela. **Comunicação e política – Capital social, reconhecimento e deliberação pública**. São Paulo: Summus, 2011.

MATOS, Heloiza. A comunicação na perspectiva da teoria do reconhecimento. In KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org). **Comunicação Pública, sociedade e cidadania**. São Caetano do Sul/SP: Difusão Editora, 2011.

MATOS, Heloiza. **Capital social e comunicação – Interfaces e articulações**. São Paulo: Summus, 2009.

MAUTNER, Anna Veronica. **O cotidiano nas entrelinhas: crônicas e memórias**. São Paulo: Ágora, 2001.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos**. São Paulo: Paulus, 2006.

MONTEIRO, Graça França. A singularidade da comunicação pública. In DUARTE, Jorge (Org). **Comunicação Pública: estado, mercado, sociedade e interesse público**. São Paulo: Atlas, 2009.

MORIN, Edgar. **A via para o futuro da humanidade**. Trad. Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In LAGO, Cláudia, BENETTI, Marcia (Orgs). **Metodologia de pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. Narrativas jornalísticas e conhecimento do mundo: representação, apresentação ou experimentação da realidade. In PEREIRA, Fábio Henrique, MOURA, Dione Oliveira, ADGHIRNI, Zélia Leal (Orgs). **Jornalismo e sociedade: teorias e metodologias**. Florianópolis: Insular, 2012.

NUNES, Janary Gentil (Org). **Confiança no Amapá: impressões sobre o Território**. Brasília: Senado Federal, 2012.

ORTIZ, Renato. **Cultura e modernidade**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PARADA, Maurício. A ordem da memória: a imprensa e o imaginário político do Estado Novo. In RIBEIRO, Ana Paula Goulart, FERREIRA, Lucia Maria Alves (Orgs). **Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

PARENTE, André (Org). **Tramas da rede – Novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PARK, Robert. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In BERGER, Christa, MAROCCO, Beatriz (Orgs). **A era glacial do jornalismo: Teorias sociais da imprensa**. Vol. II. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PINZANI, Alessandro. **Habermas**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

REUTER, Yves. A análise da narrativa. São Paulo: Difel, 2002.

RIBEIRO, Ana Paula, BRASILIENSE, Daniele Ramos. Memória e narrativa jornalística. In RIBEIRO, Ana Paula Goulart, FERREIRA, Lucia Maria Alves (Orgs). **Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ROLANDO, Stefano. A dinâmica evolutiva da comunicação pública. In KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org). **Comunicação Pública, sociedade e cidadania**. São Caetano do Sul/SP: Difusão Editora, 2011.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2012.

SFEZ, Lucien. **A comunicação**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media**. Disponível em www.bocc.ubi.pt. Acesso em 23/05/2012.

SOUSA, Mauro Wilton de (Org). **Recepção mediática e espaço público: novos olhares**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade: Além do espelho e das construções**. Florianópolis: Insular, 2009.

WEIL, Simone. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**.

Organização de Ecléa Bosi. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

YATES, Frances A. **A arte da memória**. Tradução Flavia Baucher. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

QUADRO GERAL DE NARRATIVAS

PONTOS DE ANÁLISE	NÚMERO DE POSTAGENS
Mulheres que partejam	35
Escalpelamento	27
Delicada fronteira com a França	29
Personagens e datas priorizados nas narrativas	35
Um lugar no meio do mundo	33
Quilombolas, ribeirinhos e indígenas	74
Desenvolvimento e sustentabilidade	40
O encontro do Sagrado com o Profano	48
O marabaixo também samba	42
Um Estado vai à Feira	162
TOTAL GERAL DE POSTAGENS	525

MULHERES QUE PARTEJAM

DATA	HORA	TÍTULO DA POSTAGEM
26/08/2011	11:38	Profissionais da maternidade participam de curso de capacitação
29/08/2011	15:27	Profissionais da maternidade participam de curso de capacitação
20/09/2011	15:35	Maternidade Mãe Luzia comemora 58 anos
22/09/2011	18:17	Hospital da mulher celebra 58 anos de criação
29/09/2011	20:05	Percentual de mortalidade no HMML reduz em 17,13%
14/11/2011	15:27	Relatório aponta melhorias no atendimento do Hospital da Mulher Mãe Luzia
11/01/2012	16:30	Sesa investe em melhorias no atendimento da Maternidade Mãe Luzia
07/03/2012	15:09	Hospital da Mulher Mãe Luzia divulga índices de atendimento
09/03/2012	14:40	Governo do Estado climatiza 97% do Hospital da Mulher Mãe Luzia
15/05/2012	17:52	Parteiras tradicionais do Amapá participam de capacitação
17/05/2012	14:42	Governo do Estado divulga programação do II Encontro Internacional das Parteiras
18/05/2012	10:48	II Encontro Internacional das Parteiras Tradicionais atrai atenção da mídia nacional
19/05/2012	09:00	Governo e Ministério da Saúde realizam capacitação no II Encontro Internacional das Parteiras
21/05/2012	15:16	Aulas práticas dão início à Capacitação das Parteiras Tradicionais
23/05/2012	09:39	Abertura do II Encontro Internacional das Parteiras Tradicionais será nesta sexta
25/05/2012	10:29	Governador Camilo Capiberibe prestigia a abertura do II Encontro Internacional das Parteiras

25/05/2012	11:04	Autoridades prestigiam o II Encontro Internacional das Parteiras
25/05/2012	11:52	Publicitária Bia Fioretti apresenta exposição fotográfica “Diálogo entre Parteiras”
25/05/2012	12:45	Governador Camilo Capiberibe anuncia criação da Casa das Parteiras em Macapá
25/05/2012	14:37	Representante do Ministério da Saúde participa do II Encontro Internacional das Parteiras
25/05/2012	15:07	Equipe de saúde do Corpo de Bombeiros e do Samu realizam atendimento no Encontro das Parteiras
25/05/2012	15:14	Apresentação de grupo de marabaixo empolga público do II Encontro das Parteiras
25/05/2012	16:15	Filme amapaense “Somos Parteiras” será lançado neste sábado
25/05/2012	16:45	Ritual do Fogo fecha programação desta sexta-feira do II Encontro das Parteiras
25/05/2012	17:34	Painel de palestras discute valorização no II Encontro Internacional de Parteiras Tradicionais
25/05/2012	17:59	Mulheres comemoram II Encontro Internacional de Parteiras Tradicionais do Amapá
26/05/2012	10:35	II Encontro Internacional das Parteiras amplia debates neste sábado; confira a programação
26/05/2012	12:37	Ministério da Saúde faz entrega do Kit Parteira no II Encontro Internacional das Parteiras
26/05/2012	12:51	Amapá apresenta Plano de Ação da Rede Cegonha para representantes do Ministério da Saúde
26/05/2012	12:58	Ministério da Saúde mostra satisfação no II Encontro Internacional das Parteiras
26/05/2012	17:57	Parteiras tradicionais recebem orientações sobre direitos de exercer seu ofício
26/05/2012	18:19	II Encontro Internacional das Parteiras encerra com apresentação e aprovação da Carta do Amapá

28/05/2012	17:08	Parteiras repercutem encontro que marca o resgate e a valorização do segmento
29/05/2012	16:49	Governo do Amapá anuncia a criação da casa de Parto em Macapá
18/06/2012	18:23	Centro de Parto Normal é uma das obras de saúde listadas pelo PROAMAPÁ

ESCALPELAMENTO

DATA	HORA	TÍTULO DA POSTAGEM
26/08/2011	18:56	SEPM prestigia blitz educativa de combate ao escarpelamento
02/09/2011	17:52	Técnicos da Sesa discutem ação para atender vítimas de escarpelamento
05/09/2011	18:08	Amapá discute cirurgia reparadora para as vítimas de escarpelamento
05/09/2011	23:15	GEA e União alinham ações contra o escarpelamento
06/09/2011	17:09	AP define data de avaliação médica das vítimas de escarpelamento
19/09/2011	16:29	Vítimas de escarpelamento falam da expectativa das cirurgias reparadoras
22/09/2011	13:38	Vítimas de escarpelamento têm apoio do Governo do Amapá
26/01/2012	19:26	Inicia cadastramento de pessoas que farão avaliação para cirurgia reparadora
23/02/2012	12:03	GEA promove acompanhamento psicossocial às vítimas de escarpelamento
23/02/2012	18:32	Governador do Amapá se reúne com vítimas de escarpelamento
24/02/2012	15:01	GEA e União promovem I Mutirão de Avaliação para Vítimas de Escarpelamento
24/02/2012	16:46	Vítimas de escarpelamento opinam sobre mutirão de cirurgias reparadoras
24/02/2012	20:19	SIMS promove ação de acompanhamento psicológico às vítimas de escarpelamento
24/02/2012	20:40	Folha de São Paulo: Amapá realiza mutirão de cirurgias em vítimas de escarpelamento
25/02/2012	10:16	Começa o mutirão de avaliações de cirurgias reparadoras
27/02/2012	09:20	Governador oferece jantar a cirurgiões da Sociedade

		Brasileira de Cirurgia Plástica
04/05/2012	17:02	Governo anuncia data para as cirurgias reparadoras das vítimas de escarpelamento
08/05/2012	10:58	Pacientes que serão submetidos a cirurgias plásticas participam de oficina sobre autocuidado
09/05/2012	14:45	Governador concede coletiva à imprensa sobre o mutirão de cirurgias reparadoras
09/05/2012	21:52	GEA, DPU e SBCP realizam I Mutirão de Cirurgias Reparadoras para Vítimas de Escarpelamento no Amapá
10/05/2012	16:24	Escarpelamento: maior mutirão médico do Norte vai operar 62 pessoas em dois dias
10/05/2012	18:02	Vítimas de escarpelamento opinam sobre mutirão de cirurgias reparadoras
11/05/2012	17:27	Escarpelamento é o assunto do Programa Saúde é Vida da Rádio Difusora deste sábado
12/05/2012	17:42	Governador Camilo Capiberibe visita vítimas de escarpelamento após cirurgias
12/05/2012	20:11	Mutirão cirúrgico em vítimas de escarpelamento atrai atenção da mídia nacional
14/05/2012	18:25	Vítimas de escarpelamento submetidas à cirurgia recebem apoio do GEA
10/06/2012	00:12	Vítimas de escarpelamento passam por reavaliação médica

DELICADA FRONTEIRA COM A FRANÇA

DATA	HORA	TÍTULO DA POSTAGEM
30/09/2011	11:34	Governador mostra potencial do Amapá a empresários franceses
24/10/2011	13:52	Le stand culturel Amapá-Guyane Française est inauguré au rythme de musique africaine
27/10/2011	21:36	Encontro de negócios discute Intercâmbio Cultural entre Amapá e Platô das Guianas
04/11/2011	17:36	Ministro Carlos Lupi e vice-governadora Dora Nascimento inauguram a casa do Migrante
17/11/2011	11:03	EAP discute programação do Núcleo Regional de Integração da Faixa de Fronteira
22/11/2011	11:58	Autoridades francesas chegam ao AP para Encontro Transfronteiriço
24/11/2011	13:27	Governador do Amapá abre a VII Reunião da Comissão Mista Transfronteiriça Brasil/França
24/11/2011	19:17	Geração de energia é pauta da VII Reunião de Cooperação Transfronteiriça Brasil/França
25/11/2011	13:58	Migração abre a pauta de discussão da VII Reunião Transfronteiriça desta sexta
09/12/2011	08:18	Estado do Amapá integra-se ao Plano Estratégico de Fronteiras
06/02/2012	19:56	Carnaval amapaense é divulgado na Guiana Francesa e no Pará atraindo turistas
19/02/2012	06:43	Turistas estrangeiros vibram na avenida do Samba
22/02/2012	16:45	Jornal France-Guyane dá destaque para o Carnaval amapaense 2012
04/04/2012	12:50	Reunião entre Amapá e Guiana Francesa definiu Jogos do meio do Mundo
16/04/2012	17:09	“Uma ponte ‘sobre’ o rio Oiapoque estará em exposição no Museu Sacaca
18/04/2012	18:38	Público amapaense prestigia abertura da exposição

		“Uma ponte ‘sobre’ o rio Oiapoque”
09/05/2012	17:40	GEA planeja implantação do Plano de Desenvolvimento e Integração da Faixa de Fronteira
10/05/2012	15:37	SEGB promove seminário para consolidação da cooperação Bilateral entre Brasil e França
21/05/2012	08:02	Jogos do Meio do Mundo: Luiz Pingarilho vai a Caiena e reúne com federações esportivas
04/06/2012	20:42	Governador Camilo Capiberibe recebe cineasta francês que pretende gravar filme no Amapá
18/06/2012	17:08	Sesa participa da I Semana de Saúde na Fronteira
19/06/2012	10:10	Saúde na Fronteira: Amapá e Guiana Francesa discutem plano de ação
04/07/2012	17:13	Amapá participa do 2º Encontro de Integração Brasil/Guiana/Suriname
16/07/2012	09:41	Jogos do Meio do Mundo: abertas as competições entre atletas do Amapá e da Guiana Francesa
19/07/2012	19:09	Jogos do Meio do Mundo: tambores do Amapá e da Guiana se encontram na Casa do Artesão
23/07/2012	08:30	Jogos do Meio do Mundo: tênis de mesa do Amapá é referência para a Guiana Francesa
06/08/2012	09:20	Governador Camilo Capiberibe anuncia para o dia 10 início das obras de acesso à ponte binacional
10/08/2012	17:07	Governo do Estado do Amapá lança obras de acesso à ponte binacional em Oiapoque
13/08/2012	09:16	Grupos tradicionais do Amapá se apresentam dia 17 em Saint-Georges no Caldeirão Cultural
15/08/2012	10:08	Amapá e Guiana Francesa debatem a problemática do HIV/Aids na faixa de fronteira
21/08/2012	16:15	Arte amapaense envolve participantes do Caldeirão Cultural em Saint-Georges

PERSONAGENS E DATAS PRIORIZADOS NAS NARRATIVAS

DATA	HORA	TÍTULO DA POSTAGEM
30/08/2011	18:06	Escola Barão do Rio Branco promove programação para estudantes
31/08/2011	13:03	Barão do Rio Branco promove entretenimento para estudantes
01/09/2011	08:37	GSI coordena programação alusiva a Semana da Pátria
02/09/2011	11:01	Detran sinaliza entorno do Sambódromo e estádio Zerão para desfiles de 7 e 13 de setembro
06/09/2011	15:19	Desfile de 13 de Setembro retrata a história da criação do Estado do Amapá
07/09/2011	19:26	Feriado de patriotismo, democracia e emoção no 7 de setembro
13/09/2011	19:05	Desfile de 13 de setembro contou a história do Amapá de território a Estado
14/09/2011	12:17	Escolas contam a história do Amapá com desfile cívico na zona norte
23/10/2011	00:38	Governador prestigia aniversário do município de Amapá
18/11/2011	12:26	EAP realiza exposição Anistia e Democracia – Para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça
23/11/2011	10:10	Exposição “Anistia e Democracia” resgata memória histórica da ditadura militar
23/11/2011	15:43	Projeto incentiva produção de cartilha sobre monumento histórico cultural
14/12/2011	18:57	Arqueólogos do Iepa descobrem artefatos antigos no Largo dos Inocentes
19/12/2011	17:20	Órgão de governo visitam sítio arqueológico em Calçoene
22/12/2011	14:00	Governo vai reinaugurar o Trapiche Eliezer Levy nesta sexta-feira
23/12/2011	22:08	Governador Camilo Capiberibe reinaugura Trapiche Eliezer Levy

12/01/2012	19:12	Governo do Estado e Confraria Tucuju comemoram os 254 anos de Macapá
18/01/2012	12:40	Definida a programação do aniversário de 242 anos de Mazagão Velho
24/01/2012	17:10	Confraria Tucuju se prepara para o aniversário de Macapá
31/01/2012	18:55	Governador recebe comandante do Exército Brasileiro no Amapá
02/02/2012	12:01	GEA dá continuidade ao processo de construção da Base Cartográfica do Amapá
04/02/2012	21:43	Governador participa de solenidade em comemoração aos 254 anos de Macapá
06/03/2012	16:59	Penitenciária Feminina promove eventos em comemoração aos 230 anos da Fortaleza de São José
16/03/2012	13:15	Alunos da Unifap debatem sobre museologia e museografia na Fortaleza São José de Macapá
16/03/2012	20:20	Reunião alinha ações para o centenário de Janary Gentil Nunes
17/04/2012	17:04	Escola Barão do Rio Branco comemora 66 anos de história
19/04/2012	16:52	Escola Barão do Rio Branco comemora 66 anos de história e tradição
14/05/2012	19:11	Invasão francesa no Amapá é tema de palestra organizada pelo Museu Joaquim Caetano
30/05/2012	17:28	GEA comemora o Centenário do ex-governador Janary Gentil Nunes com vasta programação
31/05/2012	17:40	GEA promove relançamento do livro “Confiança no Amapá – Impressões sobre o Território”
31/05/2012	18:37	Piratão lança samba-enredo em homenagem ao centenário de Janary com presença de dona Alice Nunes
01/06/2012	12:55	Alvorada e homenagem dão início à programação do Centenário do ex-governador Janary Gentil Nunes

01/06/2012	19:39	Sessão especial faz parte das comemorações ao centenário de Janary Nunes
01/06/2012	20:55	Governador Camilo Capiberibe lança pedra fundamental do Memorial Janary Gentil Nunes
01/06/2012	22:15	GEA promove relançamento do livro Confiança no Amapá – Impressões sobre o Território

UM LUGAR NO MEIO DO MUNDO

DATA	HORA	TÍTULO DA POSTAGEM
14/09/2011	11:28	Definida a programação do Equinócio da Primavera 2011
15/09/2011	12:16	Projeto “A Escola Vai ao Meio do Mundo” inicia na próxima segunda
20/09/2011	17:16	Palestras e apresentações culturais marcam programação do Equinócio da Primavera
21/09/2011	17:54	Abertura oficial do Equinócio da Primavera acontece nesta quinta
23/09/2011	08:38	Governador participa da abertura do Equinócio da Primavera
23/09/2011	11:52	Equinócio da Primavera encanta o público no Monumento Marco Zero
24/11/2011	17:06	Primeira etapa do estádio Zerão será entregue em 2012
01/02/2012	11:19	Amapá recebe visita técnica da Copa do Mundo de futebol para fiscalizar o estádio Zerão
16/03/2012	11:15	Setur realiza Gincana Fest Tur no Meio do Mundo
20/03/2012	15:12	Secretaria de Turismo leva escolas de Macapá e Santana ao meio do mundo
21/03/2012	14:14	Gincana Fest Tur no Meio do Mundo estimula alunos e leva euforia ao Marco Zero
21/03/2012	16:32	Projeto “A Escola vai ao Meio do Mundo” proporciona conhecimento a estudantes
23/03/2012	16:23	Abrigo Casa Lar Ciã Katuá participa do projeto “A Escola vai ao Meio do Mundo”
23/03/2012	16:47	Secretaria de Turismo promove projeto Marabaishow no Meio do Mundo
02/04/2012	18:47	Comissão dos Jogos do Meio do Mundo reúne-se nesta terça-feira
09/04/2012	22:33	Setur entrega alimentos arrecadados na Gincana Fest Tur no Meio do Mundo

10/04/2012	14:41	Instituições recebem alimentos arrecadados na Gincana Fest Tur no Meio do Mundo
12/04/2012	15:18	Seed promove Parada Obrigatória do Livro, Leitura e Literatura no meio do mundo
12/04/2012	15:58	Jogos do Meio do Mundo terão apoio do Ministério dos Esportes, garante Aldo Rebelo
09/05/2012	08:21	Obras do estádio Zerão seguem em ritmo acelerado e geram mais oportunidades de trabalho
19/06/2012	15:08	Governo do Estado promove 1º Festival Gastronômico Peixe do Mar no Meio do Mundo
28/06/2012	15:34	“Amapá já está respirando a 1ª edição dos Jogos do Meio do Mundo”, diz secretário da Sedel
05/07/2012	17:17	Museu Sacaca promove a segunda edição do “Observando em Latitude 0º”
14/07/2012	21:41	Ministério dos Esportes prestigia abertura dos Jogos no Meio do Mundo
14/07/2012	22:07	Jogos no Meio do Mundo: vai começar a maior festa do esporte no Amapá
16/07/2012	17:31	Time do Placa vence equipe do Equador nos Jogos no Meio do Mundo 2012
17/07/2012	11:24	Força-tarefa reúne mais de 200 profissionais trabalhando nos Jogos no Meio do Mundo
18/07/2012	20:52	Primeira etapa dos Jogos no Meio do Mundo encerra nesta quinta-feira
19/07/2012	15:21	Torcida anima final das modalidades coletivas nos Jogos no Meio do Mundo 2012
21/07/2012	18:08	Jogo de xadrez é disputado nos Jogos no Meio do Mundo 2012
21/07/2012	18:36	Jogos no Meio do Mundo: vencedores de badminton recebem premiações
30/07/2012	16:08	1º Festival Gastronômico Peixe do Mar no Meio do Mundo movimenta o turismo local

17/08/2012	12:31	Abrigo São José leva idosos ao Monumento Marco Zero do Equador
------------	-------	--

QUILOMBOLAS, RIBEIRINHOS E INDÍGENAS

DATA	HORA	TÍTULO DA POSTAGEM
24/08/2011	20:20	Unidades Fluviais de Saúde: o atendimento mais perto do ribeirão
26/08/2011	20:39	Centro Cultural do Curiaú é reinaugurado
31/08/2011	17:39	Sepi ouve anseios de comunidades indígenas
15/09/2011	15:15	Jogos indígenas reúnem todas as etnias do Estado
19/09/2011	15:29	Seminário discute programa “Brasil Quilombola” em Macapá
19/09/2011	21:36	Governo do Amapá reinaugura Escola indígena Aramirã
20/09/2011	16:51	Amapá é prioridade para o programa Brasil Quilombola
21/09/2011	15:54	Seminário sobre Brasil Quilombola encerra no Amapá
29/09/2011	18:46	Sepi e Aipa promovem assembleia na aldeia Kumenê
05/10/2011	13:50	Encontro dos Tambores começa a ser discutido com comunidades afrodescendentes
13/10/2011	14:17	Jogos Indígenas chegam ao Aramirã neste fim de semana
18/10/2011	15:51	SextaCult na Estrada alegre noite cultural do distrito do Coração
03/11/2011	11:56	Setur apresenta nesta sexta o projeto Tambor no Quilombo à comunidade da APA do Curiaú
04/11/2011	14:07	GEA investirá mais de R\$ 900 mil na Semana da Consciência Negra
07/11/2011	09:52	Seed promove Encontro Estadual de Educação Quilombola
09/11/2011	17:52	Definida programação da Semana da Consciência Negra
11/11/2011	19:03	Projeto Tambor no Quilombo é socializado com comunidade da APA do Curiaú
14/11/2011	20:03	Projeto “Tambor no Quilombo” tem aceitação da comunidade do Curiaú

16/11/2011	13:16	Município de Oiapoque vive expectativa da fase final dos Jogos Indígenas 2011
17/11/2011	13:34	Município de Oiapoque abre nesta sexta a final dos Jogos Indígenas do Amapá 2011
17/11/2011	16:57	Projeto “Tambor no Quilombo” homenageia moradores mais antigos do Curiaú
18/11/2011	18:52	Escola estadual Aracy Mont’Alverne promove debate Etnicorracial
18/11/2011	22:08	Semana da Consciência Negra e XVII Encontro dos Tambores começam nesta sexta-feira
18/11/2011	22:48	Missa dos Quilombos: sincretismo religioso, fé e tradição
19/11/2011	00:45	Amapá celebra a Semana da Consciência Negra: Orgulho da nossa terr. Orgulho da nossa cor
20/11/2011	00:41	Tambor no Quilombo: moradores que construíram a história do Curiaú são homenageados
20/11/2011	19:37	9ª Caminhada Zumbi dos Palmares marca o Dia Nacional da Consciência Negra
21/11/2011	12:16	Centenas de fiéis participaram da Missa dos Quilombos e pediram igualdade entre as raças
21/11/2011	20:09	Governo do estado investe cerca de R\$ 754 mil na Semana da Consciência Negra
22/11/2011	12:42	GEA entrega Escola Manuel Pereira Herculano à comunidade do Bailique
22/11/2011	17:41	Umbanda, candomblé e tambor de mina agradecem aos orixás na Semana de Consciência Negra
22/11/2011	20:00	Tambor no Quilombo: projeto fomenta economia e resgata cultura de um povo
22/11/2011	20:12	Etnia Aruak é a grande campeã dos Jogos Indígenas do Amapá 2011
23/11/2011	17:06	Umbandistas reúnem orixás para homenagear a Semana da Consciência Negra
23/11/2011	21:44	Encontro dos Tambores inicia nesta quinta-feira no

		Centro de Cultura Negra
24/11/2011	09:07	Jade Chiara é eleita A Mais Bela Negra do Amapá em noite de música, ritmos e tradições
25/11/2011	17:15	Encontro dos Tambores: conjunto de sensações pulsantes nas rodas de dança
25/11/2011	21:02	Secult repassará recursos para comunidades excluídas em projetos do Centro de Cultura Negra
27/11/2011	12:24	Governador assina convênio para reforma de passarelas no Bailique
27/11/2011	12:43	Governador Camilo Capiberibe inaugura escola em Jaburuzinho, no Bailique
27/11/2011	17:14	Chico César fecha programação da semana da Consciência Negra com o show Francisco Forró e Frevo
29/11/2011	15:13	Comunidade do Distrito do Bailique constrói Casa do Caboclo Ribeirinho no Museu Sacaca
28/12/2011	10:27	Comunidade do Torrão do Matapi ganha pavimentação asfáltica
20/01/2012	15:49	Novos chefes da APA do Curiaú são apresentados às comunidades
25/01/2012	09:29	Reunião discute retomada do “Minha Casa, Minha Vida Quilombola” no Estado do Amapá
25/01/2012	18:21	Seafro discute programa “Minha Casa Minha Vida Quilombola” com remanescentes
27/01/2012	09:46	Casa do Caboclo do Museu Sacaca: réplica perfeita da moradia ribeirinha
31/01/2012	09:29	Museu Sacaca traz réplica perfeita da casa dos índios Wajãpi
01/03/2012	10:03	Conselho Gestor da APA do Curiaú realiza a primeira reunião ordinária de 2012
26/03/2012	08:57	Dia Mundial da Água é celebrado com vasta programação na APA do Curiaú
12/04/2012	13:47	Quilombo do Curiaú é contemplado pelo MinC com um

		Ponto de Leitura Afro
13/04/2012	18:37	Sema se prepara para a realização do censo da APA do Rio Curiaú
16/04/2012	17:47	Secretaria do Meio Ambiente apresenta ao Greenpeace a APA do Curiaú
17/04/2012	14:20	Comunidades ribeirinhas do município de Itaubal são contempladas com atendimento do Super Fácil
17/04/2012	19:13	Projeto “Tambor no Quilombo – Turismo, Meio Ambiente, Cultura e Arte” chega a sua 2ª edição
18/04/2012	12:04	Biblioteca Elcy Lacerda ganha espaço afro-indígena
19/04/2012	17:42	Dia do Índio é comemorado em Oiapoque com entrega de aldeias realocadas
23/04/2012	14:58	Seafo visita comunidades isoladas da região do Maracá
07/05/2012	11:35	Seafo e Seed discutem execução da Lei 10.639 no Amapá
21/05/2012	13:54	Projeto Escola de Música irá formar no Ciriaú a primeira Orquestra Quilombola do Brasil
24/05/2012	10:38	Setur realiza projeto Tambor no Quilombo – Turismo, Meio Ambiente, Cultura e Arte
06/06/2012	15:32	Rurap e Embrapa realizam Dia de Campo na comunidade quilombola São Joaquim do Maruanum II
26/06/2012	15:33	Secretaria de Meio Ambiente inicia censo da APA do Rio Curiaú
03/07/2012	15:36	Iepa e Sesai discutem utilização de tratamento fitoterápico em áreas indígenas
04/07/2012	12:00	3ª edição do “Tambor no Quilombo” movimenta moradores da APA do Curiaú
09/07/2012	16:30	“Tambor no Quilombo”: 3ª edição movimenta moradores da APA do Curiaú neste sábado
12/07/2012	11:25	Secretário de Educação reúne com lideranças indígenas do Parque do Tumucumaque
16/07/2012	11:45	População da APA do Curiaú aprova Tambor no

		Quilombo
03/08/2012	17:49	Governador assina convênio para o escoamento de melancia do Bailique às feiras de Macapá
03/08/2012	18:14	Bailique tem Professor Conectado: 40 educadores aderiram ao Programa
03/08/2012	20:43	Governador Camilo Capiberibe anuncia mais investimento em Bailique
07/08/2012	18:08	Exposição fotográfica mostra a cultura dos povos indígenas do município de Oiapoque
09/08/2012	10:13	Policiais civis aprendem a pilotar embarcação para atender ocorrências ribeirinhas
23/08/2012	19:01	Sedel realiza mais uma etapa seletiva dos Jogos Indígenas 2012

DESENVOLVIMENTO E SUSTENTABILIDADE

DATA	HORA	TÍTULO DA POSTAGEM
30/08/2011	18:35	IEF assina Acordo de Cooperação com SFB em prol das florestas do Amapá
31/08/2011	10:36	Amcel anuncia a construção de nova fábrica de cavaco em Santana
18/10/2011	13:14	IEF apresenta Plano de Manejo da Flota em Pedra Branca e Serra do Navio
20/10/2011	09:11	Técnicos do IEF capacitam produtores da foz do rio Mazagão Velho
20/10/2011	12:56	Defenap defende causa administrativa de Associação Extrativista do Jari
24/10/2011	13:16	Novo Conselho Gestor dos Arranjos Produtivos Locais toma posse nesta segunda
24/10/2011	13:33	Amapá estará na 5ª Conferência Brasileira de Arranjos Produtivos Locais
25/10/2011	15:43	Governo debate execução do PPA Participativo para 2012 no Amapá
27/10/2011	18:07	Secretaria do Meio Ambiente busca recurso para o programa Áreas Protegidas da Amazônia
08/11/2011	21:39	Desenvolvimento verde é tema de palestra do governador do Amapá em Brasília
09/11/2011	11:19	Produtores de Mazagão Novo recebem capacitação sobre a cadeia produtiva do açaí
17/11/2011	18:48	Amapá é destaque no IX Seminário Internacional da Sustentabilidade em Rondônia
01/02/2012	16:24	Seicom discute Plano de Ação da APL da castanha-do-Brasil
09/02/2012	11:12	Governador Camilo Capiberibe visita reserva extrativista e obra de hidrelétrica em Laranjal do Jari
10/02/2012	12:58	Projeto carbono Cajari realiza capacitação para comunidades extrativistas

13/02/2012	13:52	Oficina de Comunicação reúne comunidade da Reserva Extrativista do Cajari
15/02/2012	18:24	Inclusão: comunidades do Cajari recebem noções de comunicação
01/03/2012	09:18	Governo confirma cooperação com projeto que investe no futuro dos povos da floresta
27/03/2012	16:44	Produção sustentável é debatida durante I Oficina sobre Economia Verde no Amapá
28/03/2012	10:30	Iepa realiza o I Fórum Regional de Empreendedorismo, Inovação e Sustentabilidade
28/03/2012	11:21	Setec apoia I Fórum Regional de Empreendedorismo, Inovação e Sustentabilidade
28/03/2012	17:01	Seicom apresenta cronograma do Plano da Cultura Exportadora do Amapá
28/03/2012	23:57	Governador participa do I Fórum Regional de Empreendedorismo, Inovação e Sustentabilidade
09/04/2012	17:03	Seicom discute atração de investimento para o Amapá
20/04/2012	16:16	Juventude amapaense discute desenvolvimento sustentável
26/04/2012	18:01	Grownpeace coleta assinatura no Amapá para a campanha Desmatamento Zero
09/05/2012	09:23	Onda Jovem: um programa para a juventude amapaense construir o próprio futuro
24/05/2012	10:16	Abertura do seminário “Amapá na Rio+20” inicia com apresentações culturais
24/05/2012	11:36	Sustentabilidade: governador Camilo participa da abertura do Seminário “Amapá na Rio+20”
24/05/2012	13:00	Senador Capiberibe destaca resultados do programa sustentável no Amapá
25/05/2012	21:17	Carta do Amapá: proposta de um Estado sustentável
28/05/2012	11:01	Sema e diretoria da Natura visitam comunidade extrativista de Iratapuru

28/05/2012	14:04	Governador do Amapá participa da abertura do Seminário “Programa Estadual da Castanha”
28/05/2012	14:31	Ciclo de palestras discute plano de ação da cadeia produtiva da castanha-do-brasil
28/05/2012	17:03	GEA, associações e cooperativas debatem entraves e propostas de políticas públicas para a castanha
28/05/2012	18:45	Instituições fecham painéis de palestras no primeiro dia de seminário sobre a castanha-do-brasil
29/05/2012	16:37	Desafios do extrativismo: como “quebrar esta castanha”?
06/08/2012	18:59	IEF promove Oficina de Sensibilização em manejo Florestal Comunitário e Familiar
08/08/2012	10:50	Estado do Amapá ajuda a definir gestão florestal da Amazônia
13/08/2012	13:51	Amapá Terra Legal: governador Camilo dá início ao programa que vai regularizar áreas rurais

O ENCONTRO DO SAGRADO COM O PROFANO

DATA	HORA	TÍTULO DA POSTAGEM
06/09/2011	19:59	Governo repassa recurso para o Círio de Nazaré 2011
12/09/2011	15:23	Ato ecumênico inicia a peregrinação da imagem de Nossa Senhora de Nazaré
19/09/2011	12:01	Secom e Seicom recebem a imagem de Nossa Senhora de Nazaré
22/09/2011	14:29	Secult prepara missa com artistas para receber imagem de Nossa Senhora de Nazaré
27/09/2011	10:48	Idosos do Abrigo São José recebem imagem de Nossa Senhora de Nazaré
29/09/2011	13:53	Fazedores da Cultura homenageiam a Virgem de Nazaré na Secult
04/10/2011	15:38	Imagem de Nossa Senhora de Nazaré chega ao Hospital Alberto Lima e Sesa
07/10/2011	09:40	Círio em Macapá: 77 anos de devoção à Virgem de Nazaré
26/12/2011	15:29	Festival Águas Amazônicas na Rota de Yemanjá recebe apoio do Governo do Amapá
31/12/2011	07:09	Homenagem a Yemanjá reúne multidão na beira do Rio Amazonas
09/01/2012	11:53	Comunidade do Curiaú celebra Festa de São Sebastião
10/01/2012	15:49	Seafro participa da Festa de São Gonçalo em Mazagão Velho
20/01/2012	14:25	Festa de São Sebastião se encerra neste domingo no Curiaú
05/03/2012	21:23	Secult cumpre agenda de visitas nas comunidades que realizam festas tradicionais
07/04/2012	13:09	Ciclo do Marabaixo: é tempo de flores, fogos e cantos no Laguinho e na Favela
11/04/2012	18:27	Seafro e grupos tradicionais fecham programações no Ciclo do Marabaixo

20/04/2012	15:52	Maruanum recebe técnicos da Secult para tratar de festas tradicionais
24/04/2012	17:10	Tradição: descendentes de tia Geralda festejam São Jorge no Laguinho
25/04/2012	11:48	Festejos: programação do Ciclo do Marabaixo
03/05/2012	17:19	Seafro e grupos tradicionais definem “Cortejo da Murta”
08/05/2012	18:58	Secretaria de Cultura faz repasse de R\$ 110 mil para o Ciclo do Marabaixo
12/05/2012	21:13	Guias de turismo são recepcionados ao som e dança do marabaixo
15/05/2012	18:36	Ciclo do Marabaixo: festejos iniciam nesta quarta e se encerram na Quinta-Feira da Hora
21/05/2012	10:39	Ciclo do Marabaixo: “Cortejo da Murta” será no próximo domingo em Macapá
28/05/2012	10:47	“Cortejo da Murta” encanta o público e reforça a importância da cultura do Marabaixo
30/05/2012	17:34	Devoção, fé e tradição: comunidade do Curiaú de Fora festeja Santa Maria
05/06/2012	18:03	Comunidade da Pedreira presta homenagens ao padroeiro Santo Antônio
06/06/2012	15:40	Festa tradicional: Curiaú de Baixo rende homenagens a Santo Antônio
26/06/2012	15:02	Equipe do GEA e comunidade de Mazagão Velho organizam a Festa de São Tiago
03/07/2012	17:24	Governo do Amapá garante manutenção da Rodovia AP-010 para a Festa de São Tiago
10/07/2012	14:18	Secretaria de Turismo inicia ações para promover Mazagão na Festa de São Tiago
10/07/2012	17:05	Setur divulga informações sobre Festa de São Tiago e atrativos turísticos do Estado
12/07/2012	17:56	Trasladação da imagem de São Tiago para Macapá acontece nesta sexta-feira

13/07/2012	14:35	Governo do Amapá inicia festividade em louvor a São Tiago com trasladação da imagem
16/07/2012	10:15	Festa de São Tiago movimenta o comércio e gera renda no município de Mazagão
18/07/2012	12:02	São Tiago: Baile de Máscaras fomenta economia e mantém tradição em Mazagão Velho
19/07/2012	15:02	Secult divulga programação cultural da Festa de São Tiago em Mazagão Velho
20/07/2012	09:15	Festa de São Tiago: Centro de Atendimento ao Turista já está funcionando em Mazagão Velho
21/07/2012	18:51	Clima de euforia toma conta do distrito de Mazagão Velho na Festa de São Tiago
23/07/2012	19:43	Festa de São Tiago: 24 horas de movimentação cultural
24/07/2012	08:00	Figuras da Festa de São Tiago se preparam para a grande Batalha entre Mouros e Cristãos
24/07/2012	08:55	São Tiago: artesão dedica sua via à confecção de máscaras e perpetua tradição
24/07/2012	11:47	Setrap disponibiliza quatro balsas para travessia do rio Matapi durante a Festa de São Tiago
24/07/2012	12:04	Bombeiros estão equipados para garantir total segurança na Festa de São Tiago
06/08/2012	10:58	Festa de São Joaquim, no Curiaú, começa nesta 5ª com apoio do governo do Estado
07/08/2012	10:08	Moradores do Cunani recebem de volta imagens sacras de Santa Maria e N. S. das Graças
09/08/2012	17:18	Comunidade do Curiaú festeja o padroeiro São Joaquim
20/08/2012	10:25	Festa do Divino Espírito Santo, em Mazagão Velho, terá apoio do Governo do Amapá

O MARABAIXO TAMBÉM SAMBA

DATA	HORA	TÍTULO DA POSTAGEM
06/09/2011	18:28	Carnaval 2012: oficina sobre empreendedorismo tem participação significativa
22/09/2011	14:20	Secult fecha ciclo de oficinas do Carnaval com temática ambiental
26/09/2011	18:26	Obras da Cidade do Samba seguem em fase de finalização
05/10/2011	15:37	Secretaria de Cultura discute Carnaval 2012 com conselheiros da Liesa
27/11/2011	12:01	Governo antecipa repasse para as escolas de samba do Amapá
02/12/2011	15:06	“Na Avenida do Samba” anuncia o carnaval amapaense a partir de segunda-feira pela Difusora
11/12/2011	16:51	Carnaval 2012: governador e presidente da Liesa visitam a Cidade do Samba
19/12/2011	08:06	Cidade do Samba: Arlindo Cruz inaugura a nova era do Carnaval amapaense nesta terça-feira
20/12/2011	12:18	Grupo de Batuque recepcionará visitantes durante inauguração da Cidade do Samba
28/12/2011	19:57	Agremiações carnavalescas começam a movimentar Cidade do Samba e gerar emprego e renda
28/12/2011	20:24	Liesa entrega às escolas os CDs com sambas de enredo do Carnaval Amapaense 2012
13/01/2012	10:41	Secretaria de Turismo realizará receptivo e pesquisa durante o Carnaval 2012
13/01/2012	18:53	Liesa está recebendo currículo para comissão julgadora do Carnaval 2012
16/01/2012	17:34	Governo do Estado faz o segundo repasse de R\$ 1 milhão à Liesa
17/01/2012	15:40	Tradicional bloco A Banda espera levar 120 mil brincantes para as ruas de Macapá

18/01/2012	16:23	GEA reúne para discutir os últimos preparativos do Carnaval de 2012
20/01/2012	19:15	Comissão de Carnaval do GEA e Liesa visitam escolas de samba
23/01/2012	16:58	Carnaval 2012: confira os locais de ensaios das baterias das escolas de samba
24/01/2012	12:56	Abertura do Carnaval do Povo agita a Vila de Mazagão Velho com show da Banda Placa
25/01/2012	15:38	Carnaval proporciona trabalho e renda para a comunidade do Solidariedade
26/01/2012	08:22	Festival nesta sexta-feira escolhe o melhor samba de enredo do Carnaval 2012
26/01/2012	12:21	Sambódromo começa a ser reformado pra o grande desfile do Carnaval 2012
26/01/2012	19:42	Trabalho a todo vapor no barracão da Embaixada de Samba Cidade de Macapá
27/01/2012	16:28	Agremiações carnavalescas promovem o último ensaio para o Festival de Samba de Enredo
29/01/2012	01:37	Piratas da batucada é grande campeã do Festival de Samba de Enredo do Carnaval 2012
20/01/2012	18:15	MP, Liesa e Governo do Amapá firmam parceria para garantir um carnaval com responsabilidade
31/01/2012	13:27	Corte do Carnaval e governador Camilo Capiberibe iniciam visitas aos ensaios das escolas de samba
08/02/2012	17:39	Escola de Samba Boêmios do Laguinho oferece empregos temporários
13/02/2012	12:58	Governador Camilo Capiberibe prestigia a III Batalha de Confetes no Largo dos Inocentes
13/02/2012	16:13	Setur recebe turistas e amapaenses em clima de Carnaval e marabaixo
14/02/2012	13:37	Carnaval 2012: Sete entrega espaços a empreendedores individuais nesta quinta

14/02/2012	22:10	Investimentos do Governo do Amapá marcam um “Tempo Novo” para o carnaval no Meio do Mundo
18/02/2012	16:10	Governador prestigia abertura do carnaval de Santana
19/02/2012	02:42	Governador prestigia primeira noite do Desfile das Escolas de Samba do Amapá
20/02/2012	01:39	Governador Camilo Capiberibe prestigia segunda noite de desfile no Sambódromo de Macapá
20/02/2012	02:37	Quarto dia de desfile sem ocorrências graves no Sambódromo
20/02/2012	04:01	Encantado Vale do Jari é destaque no desfile de Piratas Estilizados
20/02/2012	05:48	Maracatu da Favela encanta o público na Ivaldo Veras
20/02/2012	22:31	Futebol à fantasia: 29 anos de tradição e muita diversão na comunidade do bairro do Trem
22/02/2012	10:50	Banda emociona amapaenses nas ruas e avenidas de Macapá
22/02/2012	13:56	Tradição do Carnaval amapaense, Caldeirão do Pavão comemora 19 anos
22/02/2012	20:58	Maracatu da Favela é a campeã do carnaval 2012; Cidade de Macapá passa para o Grupo Especial

UM ESTADO VAI À FEIRA

DATA	HORA	TÍTULO DA POSTAGEM
26/08/2011	19:46	Sete cadastra ambulantes para 48ª Expofeira
02/09/2011	09:57	Comissão define critérios de comercialização da 48ª Expofeira
14/09/2011	21:27	Comissão da 48ª Expofeira faz sorteio para Empreendedores Individuais
15/09/2011	12:18	Comissão da Expofeira define data do 2º sorteio para comercialização
23/09/2011	18:26	Comercialização de pescado será uma das atrações da 48ª Expofeira
26/09/2011	13:10	Comissão de Comercialização da Expofeira fará palestra de orientação a microempreendedores
27/09/2011	18:17	Empreendedores recebem lotes da 48ª Expofeira
13/10/2011	17:52	Governo alinha últimos detalhes para a realização da 48ª Expofeira
14/10/2011	16:35	Governo discute utilização do Pavilhão de Oportunidades de Negócios da 48ª Expofeira
17/10/2011	09:40	Gouvernement met au point la 48ème “Expofeira”
17/10/2011	10:50	Abertas as inscrições para os rodeios da 48ª Expofeira do Amapá
17/10/2011	18:27	Hortaliças, plantas medicinais e ornamentais serão comercializadas na Expofeira
18/10/2011	11:53	Feira de Oportunidades vai gerar bons negócios à cadeia produtiva
18/10/2011	15:02	Centro de Treinamento Canino da Polícia Militar fará apresentação na Expofeira
18/10/2011	16:39	Hemoap participa da 48ª Expofeira Agropecuária do Amapá
19/10/2011	10:49	Definida a ordem de apresentação das candidatas à Rainha da 48ª Expofeira

19/10/2011	13:00	Prodap garante infraestrutura de comunicação na 48ª Expofeira
19/10/2011	13:18	Expofeira: Governo manda pagar premiação não quitada pela gestão anterior
20/10/2011	07:51	Câmara da Sociobiodiversidade abre discussões durante Expofeira
20/10/2011	09:33	Juventude participa de gincana na Expofeira Agropecuária
20/10/2011	10:38	Pavilhão de Negócios da 48ª Expofeira terá muitas novidades
20/10/2011	15:54	GEA divulga programação do rodeio na 48ª Expofeira do Amapá
20/10/2011	16:34	Parque de diversão da 48ª Expofeira terá 28 brinquedos radicais
20/10/2011	16:48	Operação garante segurança aos visitantes da 48ª Expofeira
20/10/2011	17:18	César Menotti e Fabiano abrirão a primeira noite de shows nacionais da 48ª Expofeira
20/10/2011	17:52	Polícia Técnico-Científica do Amapá fará simulações na 48ª Expofeira
20/10/2011	18:10	Polícia Civil divulga plano operacional para Expofeira
20/10/2011	18:24	Pescap apresenta vasta programação na Expofeira
20/10/2011	19:08	Público amapaense também poderá acompanhar a 48ª Expofeira através do site e redes sociais
20/10/2011	21:37	48ª Expofeira: empreendedores internos e externos têm expectativas de boas vendas
21/10/2011	16:54	Afap leva microcrédito para a 48ª Expofeira e Feira do Empreendedor
21/10/2011	18:15	GEA realiza abertura oficial da 48ª Expofeira do Amapá
21/10/2011	18:41	Rurap apresenta unidades demonstrativas aos visitantes da 48ª Expofeira
21/10/2011	19:10	Estacionamento da Expofeira dispõe mais de 2.883

		vagas
21/10/2011	19:20	Comunidade de Curralinho é destaque na Casa da Farinha
21/10/2011	19:26	Central de Imprensa servirá de apoio aos jornalistas durante a 48ª Expofeira
21/10/2011	20:51	Abrigo São José expõe trabalhos na 48ª Expofeira do Amapá
21/10/2011	21:02	Escolha da Rainha da Expofeira será neste sábado
21/10/2011	21:36	Demonstração de salvamento em altura é mais uma opção de divertimento na 48ª Expofeira
21/10/2011	23:10	Segurança reforçada aos visitantes da 48ª Expofeira
21/10/2011	23:29	Estande Eixo Econômico destaca as potencialidades do Estado
21/10/2011	23:43	Instituto de Administração Penitenciária expõe peças confeccionadas por detentos
22/10/2011	00:21	Grupos de dança contagiam o público no Palco da Maloca
22/10/2011	00:31	Artesanato encanta público da 48ª Expofeira Agropecuária do Amapá
22/10/2011	00:41	“Show Dog” acontecerá neste sábado na 48ª Expofeira
22/10/2011	15:38	Coordenação da 48ª Expofeira avalia a primeira noite do evento
22/10/2011	15:49	Animais de Pura Origem nas baias da 48ª Expofeira
22/10/2011	16:47	Lixo produzido na Expofeira também gera oportunidade de trabalho e curiosidades
22/10/2011	19:19	48ª Expofeira: A cidade de negócios
22/10/2011	21:30	Show sertanejo contagia público na primeira noite da 48ª Expofeira do Amapá
22/10/2011	21:43	Pavilhão de Negócios é um dos grandes atrativos na 48ª Expofeira
22/10/2011	21:56	Restaurante vende peixe comercializado pela Pescap

22/10/2011	23:15	Cães policiais do CTC fazem apresentação na Expofeira
22/10/2011	23:43	Estande do Japão ensina amapaense a fazer origami na 48ª Expofeira
23/10/2011	00:15	Stand da Cultura Amapá-Guiana será inaugurado neste domingo na 48ª Expofeira
23/10/2011	00:39	Saia Rodada é a atração do segundo dia da 48ª Expofeira do Amapá
23/10/2011	04:18	Adriana Souza é eleita Rainha da 48ª Expofeira do Amapá
23/10/2011	17:34	Açaizódromo conquista paladar dos visitantes da 48ª Expofeira
23/10/2011	17:57	Hoje tem sertanejo universitário e axé na arena da Expofeira
23/10/2011	18:21	Setor alimentício garante qualidade para visitante da 48ª Expofeira
23/10/2011	18:58	Hemoap orienta visitantes da Expofeira para a importância da doação
23/10/2011	19:18	Músicos de Suriname abrem estande de intercâmbio Amapá-Guiana com concerto
23/10/2011	21:18	Ambulantes aproveitam público da 48ª Expofeira para ganhar dinheiro
23/10/2011	21:41	GEA e Femicro realizam pesquisa socioeconômica na 48ª Expofeira
23/10/2011	22:14	Afap disponibiliza linha de crédito durante a 48ª Expofeira
23/10/2011	22:23	Encontro de negócios começa nesta segunda no Pavilhão da 48ª Expofeira
23/10/2011	23:03	Rainha e 1ª Princesa da 48ª Expofeira são reverenciadas pelo público no Parque de Exposições
23/10/2011	23:20	Parque de diversões da 48ª Expofeira é pura adrenalina
23/10/2011	23:32	Estande Cultural Amapá-Guiana é inaugurado ao som de música africana
23/10/2011	23:36	48ª Expofeira recebe Gincana da Juventude a partir

		desta segunda
23/10/2011	23:51	Ações do governo podem ser conhecidas no estande “Tempo de Todos”
24/10/2011	09:28	Globo Rural: criadores de vários estados presentes na 48ª Expofeira
24/10/2011	09:35	Louceiras do Maruanum e benzedadeiras são tema de obras em exposição na 48ª Expofeira
24/10/2011	10:27	Gincana da Juventude agita o Parque de Exposições da Fazendinha
24/10/2011	13:26	Equipe de limpeza mostra agilidade na Expofeira
24/10/2011	13:45	CEA garante geração de energia exclusiva para a 48ª Expofeira do Amapá
24/10/2011	14:00	CEA garante geração de energia exclusiva para a 48ª Expofeira
24/10/2011	14:07	48ª Expofeira prestigia pecuarista amapaense e aquece negócios
24/10/2011	14:37	Diagro faz exigências sanitárias para o ingresso de animais no Parque de Exposições
24/10/2011	17:06	Posto da Sesa garante atendimento de urgência e emergência na 48ª Expofeira
24/10/2011	18:52	Setor Rural: presença mais forte nesta 48ª Expofeira
24/10/2011	19:02	Prodap auxilia no monitoramento da 48ª Expofeira
24/10/2011	19:11	Praça Digital é destaque na 48ª Expofeira
24/10/2011	19:41	Idosos do Abrigo São José visitam Parque de Exposições da Fazendinha
24/10/2011	20:20	Compra governamental é discutida no Pavilhão de Negócios da 48ª Expofeira
24/10/2011	20:32	Cuidado com as crianças durante a 48ª Expofeira
24/10/2011	21:20	Noite de louvor na 48ª Expofeira do Amapá
24/10/2011	23:45	Estande do IEF na 48ª Expofeira homenageia Ano Internacional das Florestas

25/10/2011	00:04	Palestra e mesas redondas na 48ª Expofeira têm a participação do IEF
25/10/2011	00:48	Governador prestigia show da pastora Ludmila Ferber
25/10/2011	00:51	Governador entrega Troféu Equinócio da Palavra na 48ª Expofeira do Amapá
25/10/2011	01:07	Alimentação regionalizada é destaque na 48ª Expofeira
25/10/2011	12:29	Confira a programação desta terça-feira na 48ª Expofeira
25/10/2011	13:43	48ª Expofeira Agropecuária receberá o Selo Rodeio Legal
25/10/2011	14:19	Diagro palestra para cadeia produtiva da bubalinocultura nesta quinta na Expofeira
25/10/2011	14:40	Intercâmbio cultural traz segmentos do Platô das Guianas à 48ª Expofeira
25/10/2011	16:10	IEF realiza palestra sobre Manejo de Açaizais Nativos
25/10/2011	16:32	48ª Expofeira bate meta de 2009 na comercialização de animais
25/10/2011	17:20	48ª Expofeira apresenta a mistura de ritmos e estilos da cantora maranhense Rita Ribeiro
25/10/2011	17:35	Governo e Rediarta dão início a encontros de negócios culturais
25/10/2011	19:14	Oficina de Percussão mostra instrumentos do Platô das Guianas
25/10/2011	20:40	Estande na 48ª Expofeira é destinado aos portadores de necessidades especiais
25/10/2011	21:24	Expo Tuning é atração na Boate Hemisfério dentro do Parque de Exposições da Fazendinha
25/10/2011	21:52	Atrações culturais movimentam o palco da Inclusão Social
25/10/2011	22:23	Encontro de negócios promove intercâmbio comercial na 48ª Expofeira
25/10/2011	23:29	Grupo de Capoeira agita Maloca na 48ª Expofeira

26/10/2011	00:27	Show de rodeio inicia nesta quarta na arena da 48ª Expofeira
26/10/2011	00:53	Artista produz caricaturas na 48ª Expofeira do Amapá
26/10/2011	08:34	Brasil e França assinam Acordo de Cooperação na 48ª Expofeira
26/10/2011	09:03	Rurap expõe e ensina técnica da hidroponia na 48ª Expofeira Agropecuária
26/10/2011	13:32	Diagro realiza curso de formação de vacinadores no Parque de Exposições da Fazendinha
26/10/2011	13:40	Dupla sertaneja João Bosco & Vinícius já está em Macapá
26/10/2011	15:39	Representantes do Ministério das Cidades e CEF visitam estande da Caesa na Expofeira
26/10/2011	16:24	Confira a programação desta quarta-feira da 48ª Expofeira
26/10/2011	19:35	Rita Ribeiro energiza a quinta noite da 48ª Expofeira do Amapá
26/10/2011	19:55	Atrações regionais animam 48ª Expofeira do Amapá
26/10/2011	21:03	Incentivos fiscais e financiamentos são temas de palestras na feira de negócios da Expofeira
26/10/2011	22:11	Alunos da Ueap realizam exposição de trabalhos na 48ª Expofeira
26/10/2011	22:17	Palestra na 48ª Expofeira mostra a maneira correta de manusear os alimentos
26/10/2011	22:29	Artesanato com sementes é comercializado na 48ª Expofeira
26/10/2011	22:33	Rock da banda Biquíni Cavado é atração da Arena da 48ª Expofeira nesta quinta
26/10/2011	22:37	Empresários participam de encontro de negócios na 48ª Expofeira
26/10/2011	23:00	Artesão usa criatividade para faturar na 48ª Expofeira
26/10/2011	23:45	Portadores de deficiência têm atendimento especial na

		48ª Expofeira
27/10/2011	11:33	Palhaços levam alegria e muita gargalhada ao palco da Maloca
27/10/2011	14:02	Pescap expõe aquários com diversidade de peixes na Expofeira
27/10/2011	14:31	Parque de Exposições terá pesca aberta ao público no fim de semana
27/10/2011	19:51	João Bosco e Vinícius emocionam público na 48ª Expofeira do Amapá
27/10/2011	20:14	População pode sugerir atrações nacionais da Expofeira de 2012
27/10/2011	20:27	Governo beneficia pequenas e micro empresas do Amapá
27/10/2011	21:28	GEA promove painéis de debates das APL's na 48ª Expofeira
27/10/2011	21:49	48ª Expofeira dispõe de espaço para literatura amapaense
27/10/2011	22:04	Abertura do Rodeio emociona público na 48ª Expofeira do Amapá
27/10/2011	22:22	Setor moveleiro tem esperança renovada pelo Governo do Amapá
27/10/2011	22:47	Segurança reforçada na 48ª Expofeira do Amapá
27/10/2011	23:19	Julgamento de produtos estimula produtividade na 48ª Expofeira
27/10/2011	23:37	"Território da Cidadania" expõe as riquezas dos municípios amapaenses na 48ª Expofeira
28/10/2011	02:06	Banda Biquíni Cavadão leva fãs do rock brasileiro no Amapá ao delírio na Expofeira
28/10/2011	12:11	Rurap realiza palestra na 48ª Expofeira sobre transformação da mandioca
28/10/2011	14:25	Banda Xeiro Verde se apresenta hoje na Arena da 48ª Expofeira

28/10/2011	18:56	Universidade do Estado do Amapá apresenta seus cursos na 48ª Expofeira
28/10/2011	19:04	Secretaria da Receita participa da 4ª Feira do Empreendedor
28/10/2011	19:20	SIMS promove seminário na Feira de Oportunidades e Negócios da 48ª Expofeira
28/10/2011	20:13	Potencial da equinocultura é mostrado em campeonato de cavalos puro sangue na 48ª Expofeira
28/10/2011	22:24	Embaixador Cônsul do Japão visita 48ª Expofeira do Amapá
28/10/2011	23:02	Prefeitura de Macapá não cumpre com a coleta do lixo da 48ª Expofeira
29/10/2011	14:31	Ramon Frazelly é uma das atrações deste sábado na Arena de Show da 48ª Expofeira Agropecuária
29/10/2011	16:34	Prática da pesca na 48ª Expofeira é aprovada pelo público
29/10/2011	17:39	Comércio informal comemora vendas na 48ª Expofeira Agropecuária
29/10/2011	21:37	Estudantes de Engenharia Florestal entusiasmados com visita à Expofeira
30/10/2011	00:10	Estande da Rediarta encerra trabalhos na 48ª Expofeira do Amapá
30/10/2011	00:16	Snap's lotam a Maloca na 48ª Expofeira do Amapá
30/10/2011	17:04	Michel Teló é a grande atração desta noite na 48ª Expofeira do Amapá
30/10/2011	23:28	Com grande público final do rodeio marca o último dia da 48ª Expofeira
30/10/2011	23:42	Cantor gaúcho Michel Teló encerra programação da 48ª Expofeira
12/12/2011	17:50	Agência de Pesca do Amapá doa leite arrecadado na 48ª Expofeira
15/08/2012	11:30	Festival Gastronômico de Peixe do Mar no Meio do

		Mundo será a grande atração da 49ª Expofeira
17/08/2012	18:03	Mais de 600 empreendedores estarão comercializando seus produtos na 49ª Expofeira
21/08/2012	19:36	Sesa na 49ª Expofeira: Lacen leva prevenção e coleta de PSA
24/08/2012	11:35	49ª Expofeira Agropecuária: governo vai discutir exploração mineral na Flota
24/08/2012	17:13	Amapá faz balanço da Rio+20 e apresenta projetos de compensação ambiental na 49ª Expofeira
24/08/2012	17:56	Economista da Suframa ministra palestra sobre negócios sustentáveis na 49ª Expofeira